

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA

RAFAEL ADILSON RIBEIRO

**O PAPEL DO CARÁTER NO HOMEM MODERNO SOB O PONTO DE
VISTA DA ÉTICA HUMANISTA NO PENSAMENTO DE ERICH
FROMM**

MARINGÁ

2015

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA

**O PAPEL DO CARÁTER NO HOMEM MODERNO SOB O PONTO DE
VISTA DA ÉTICA HUMANISTA NO PENSAMENTO DE ERICH
FROMM**

Rafael Adilson Ribeiro



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ CENTRO
DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA**

Rafael Adilson Ribeiro

**O PAPEL DO CARÁTER NO HOMEM MODERNO SOB O PONTO DE
VISTA DA ÉTICA HUMANISTA NO PENSAMENTO DE ERICH
FROMM**

Maringá

2015

Rafael Adilson Ribeiro

**O PAPEL DO CARÁTER NO HOMEM MODERNO SOB O PONTO DE VISTA DA
ÉTICA HUMANISTA NO PENSAMENTO DE ERICH FROMM**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Estadual de Maringá, como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Mestre em Filosofia sob a orientação do Prof. Dr. Robespierre de Oliveira.

Linha de pesquisa: Filosofia Social.

Maringá

2015

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Biblioteca Central - UEM, Maringá, PR, Brasil)

R484p
Ribeiro, Rafael Adilson
O papel do caráter no homem moderno sob o ponto de vista da ética humanista no pensamento de Erich Fromm / Rafael Adilson Ribeiro. -- Maringá, 2015. 100 f.

Orientador: Prof. Dr. Robespierre de Oliveira.
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação em Filosofia, 2015.

1. Fromm, Erich, 1900-1980 - Caracterologia. 2. Teoria crítica. 3. Filosofia social. 4. Humanismo - Filosofia. I. Oliveira, Robespierre de, orient. II. Universidade Estadual de Maringá. Centro de Ciências Humanas Letras e Artes. Programa de Pós-Graduação em Filosofia. III. Título.

CDD 21.ed. 193
MN-001704

AGRADECIMENTOS:

Agradeço aos familiares pelo apoio durante o desenvolvimento da pesquisa. Agradeço ao professor Dr. Robespierre de Oliveira pela orientação; aos professores participantes das bancas de qualificação, Dr. Sinézio Ferraz e Dr. Maria Lucia Boarini; e de defesa, professores Dr. Fábio Viana Ribeiro e Dr. Rosalvo Schütz por suas valiosas observações. Também agradeço pelo apoio, os professores Dr. José Beluci Caporalini e Dr. Wagner D. C. Felix. Agradeço à Capes pela bolsa de estudos.

RESUMO

Essa dissertação busca refletir sobre o papel do caráter humano na filosofia social de Erich Fromm. Este estudo está baseado na leitura sistemática dos seus seguintes livros: *O Medo à Liberdade* (1941) *Análise do Homem* (1947) e *Psicanálise da Sociedade Contemporânea* (1955) que constituem sua caracterologia. O conceito de caráter, estabelece relações sociopsicológicas na obra de Erich Fromm; ao mesmo tempo, esse conceito articula e dinamiza a interação entre o âmbito psicológico e o social, possibilitando a apreensão de um momento constituinte da complexidade política; com isso, pode contribuir para o entendimento de fenômenos culturais e sociais que envolvem a estrutura de caráter dos indivíduos. No primeiro capítulo apresentamos a concepção de natureza humana que visa a estabelecer uma fonte de determinações para o funcionamento do caráter, e constituir o aspecto normativo da teoria social de Fromm. No segundo capítulo mostramos como o autor trabalha a formação do caráter individual e do caráter social do homem moderno. No terceiro capítulo procuramos expor o papel do caráter em relação com as formações econômicas típicas da modernidade e contemporaneidade, objetivando apresentar os fundamentos sociopsicológicos para o diagnóstico de contextos e fenômenos sociais recentes.

Palavras-chave: Homem. Sociedade. Caráter. Psicologia social. Humanismo.

ABSTRACT

This dissertation seeks to reflect on the role of human character in the social philosophy of Erich Fromm. This study is based on the systematic reading of his following books: *Escape From Freedom* (1941) *Man for Himself* (1947) *The Sane Society* (1955) which constitute his characterology. The concept of character provides socio-psychological relations in the work of Erich Fromm; at the same time, this concept articulates and streamlines the interaction between psychological and social context, allowing the seizure of a constituent moment of the political complexity; thus, may contribute to the understanding of cultural and social phenomena that involve character structure of individuals. In the first chapter we present the concept of human nature that aims to establish a source of determinations for the operation of the character, and constitute the normative aspect of Fromm's social theory. In the second chapter we show how the author works the formation of individual character and social character of modern man. In the third chapter we seek to expose the role of the character in relation to the typical economic formations of modernity and contemporaneity, aiming to present the socio-psychological basis for the diagnosis of contexts and recent social phenomena.

Keywords: Man. Society. Character. Social psychology. Humanism.

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| Introdução..... | 9 |
| Capítulo 1: As bases do pensamento de Erich Fromm..... | 21 |
| 1.1 O conceito marxista de homem..... | 21 |
| 1.2 O conceito freudiano de homem..... | 30 |
| 1.3 As fontes do humanismo de Erich Fromm..... | 35 |
| 1.4 O conceito de homem em Erich Fromm..... | 42 |
| Capítulo 2: A formação e o papel do caráter..... | 52 |
| 2.1 A caracterologia de Erich Fromm..... | 52 |
| 2.2 A função do caráter social..... | 61 |
| Capítulo 3: A abordagem sociopsicológica de Erich Fromm..... | 67 |
| 3.1 O caráter autoritário..... | 67 |
| 3.2 O caráter no capitalismo..... | 74 |
| 3.3 O caráter e o mercado..... | 84 |
| Conclusão..... | 93 |
| Referências Bibliográficas..... | 98 |

Introdução

O problema das desarmonias entre as necessidades individuais e sociais é antigo e evidente, um problema tanto observado pelos teóricos sociais quanto experimentado pelos indivíduos. Ele aparece de maneira desconcertante e paradoxal no modo de vida do homem atual¹; junto ao grande progresso técnico-científico e a uma conquista maior de liberdade em várias áreas da vida humana, o homem se converte também em um ser cada vez mais alienado e por vezes autodestrutivo. Erich Fromm (1900-1980) faz a seguinte descrição do período moderno:

A sociedade moderna deu início à visão da criação de uma cultura que preencha as necessidades humanas; tem como seu ideal a harmonia entre as necessidades individuais e as da sociedade, o fim do conflito entre a natureza humana e a ordem social. Acreditava-se que se poderia chegar a esse objetivo de duas maneiras: por meio da técnica produtiva aprimorada, que permitiria alimentar todos satisfatoriamente, e por um quadro racional e objetivo do homem e de suas necessidades; que se pudessem sentir unos com todos, conservando, contudo, o senso de individualidade e integridade; que transcendessem à natureza pela criação e não pela destruição. [...] Até o presente temos fracassado. Ainda não preenchemos a lacuna entre a minoria, que realizou e tentou viver segundo esses propósitos, e a maioria, cuja mentalidade está muito para trás, na idade da pedra, no totemismo, na adoração de ídolos, no feudalismo. Será a maioria

¹ Gostaríamos de esclarecer que neste trabalho, quando nos referirmos ao homem moderno como aparece no título queremos designar o período a partir do qual houve a transferência do centro da vida econômica social e política dos feudos para as cidades em geral; mas, daremos relevo para a passagem do capitalismo industrial para o monopolista-financeiro dos dias atuais, ou da modernidade recente. Pois, para Fromm são as mudanças no estilo básico de vida em uma sociedade, isto é, o modo como esses indivíduos satisfazem suas necessidades, a relação destes com a autoridade, o que possui valor caracterológico. Nossa intenção é, seguindo a análise de Fromm, apresentar a interação entre aspectos socioculturais, psicológicos e econômicos de uma sociedade capitalista; aspectos que são capazes de influenciar a formação caracterológica dos indivíduos que nela se formam e, como a sua estrutura caracterológica formada é capaz, por sua vez, de influenciar os aspectos socioculturais e econômicos em vigência. É importante mencionar que essa interação é afetada pelo dinamismo psicológico humano, indicado pelo caráter, que possui raízes na própria natureza humana, a qual possui necessidades relativamente fixas ou que mudam muito mais lentamente do que as condições econômicas. Sendo assim, sua teoria se torna aplicável a diferentes contextos de diferentes períodos históricos.

convertida à sanidade – ou empregará as maiores descobertas da razão humana para os seus próprios objetivos de irracionalidade e insânia?²

Erich Selingmann Fromm fez, como citado acima, essa alarmante descrição da sociedade moderna em seu livro *Psicanálise da Sociedade Contemporânea* publicado em 1955. Portanto, no contexto da guerra fria quando o mundo estava na iminência de recair na barbárie por meio da guerra atômica entre as duas principais forças econômicas da época. Buscar as razões para tal comportamento dos homens, identificar as causas da insanidade e propor caminhos que pudessem levar os homens à máxima utilização da razão rumo à liberdade e ao desenvolvimento produtivo foram as principais preocupações que Erich Fromm perseguiu durante sua carreira.

Todas as obras de Fromm, seja de forma explícita ou implícita, abordam questões filosóficas, psicológicas e sociais referentes aos mais variados acontecimentos históricos, mas, principalmente àqueles relacionados ao seu tempo. Contudo, no escopo desta pesquisa, delimitamos nossa reflexão à compreensão do papel do caráter humano. Acreditamos que tal reflexão poderá fornecer uma perspectiva sólida que contribua para a elaboração de diagnósticos e prognósticos das contradições das sociedades contemporâneas.

O caráter é um elemento mediador entre os homens e o mundo, entre a sociedade e a cultura, entre a repressão e a civilização, e entre a natureza humana e a política. Assim, o reconhecimento do papel do caráter, através do auxílio da psicanálise pode auxiliar a enxergarmos tendências e potenciais fascistas ou antidemocráticos nos indivíduos.

A produção intelectual de Erich Fromm está profundamente marcada pelo contexto histórico que o autor viveu. Desde a sua infância até a idade madura Erich Fromm participou de um cenário histórico marcado por guerras. Quando jovem viu de perto os acontecimentos da Primeira Guerra Mundial; já adulto, precisou refugiar-se nos Estados Unidos devido à perseguição nazista contra os judeus durante a Segunda Guerra Mundial, e em sua fase madura participou ativamente dos movimentos em prol da paz mundial e a favor do desarmamento nuclear durante o período da Guerra Fria. Tais fatos influenciaram diretamente no conteúdo de suas obras.

²Fromm, E. *Psicanálise da sociedade Contemporânea*. Trad. L. A. Bahia e Giasone Rebuá. Zahar. Rio de Janeiro. 1963, p. 342. (349). Os números entre parênteses no final das notas de rodapé são para indicar a página em que a mesma passagem citada se encontra na edição norte americana que consultamos respectivamente.

Em vários dos seus livros Fromm reflete sobre a capacidade destrutiva do ser humano, sobre regimes políticos e religiões autoritárias, a ética e a liberdade, a esperança e o amor, o ter e o ser, a sociedade voltada para o consumo e a alienação, bem como sobre a tecnologia desumanizada e sobre os caminhos que deveriam ser verdadeiramente buscados pelo ser humano a fim de uma maior autorrealização.

Erich Fromm nasceu no dia 23 de março de 1900 em Frankfurt. Ele cresceu em um ambiente orientado pela ortodoxia judaica que diferia do espírito liberal burguês de Frankfurt que se espalhava no início do século XX. Quando adulto Fromm referia-se à atmosfera medieval na qual passou sua infância como se fosse um lugar angustiante. Na família de Fromm, estudar os textos religiosos do judaísmo era uma das principais ocupações e deveres dos familiares. Tanto os parentes maternos quanto os paternos ensinavam firmemente os estudos talmúdicos à Fromm para que este seguisse a carreira religiosa na vida adulta. Assim, a prática religiosa esteve presente de forma marcante na infância de Erich Fromm.

Quando adolescente Erich Fromm passou a mudar suas perspectivas religiosas quando descobriu as ideias messiânicas do Antigo Testamento. Tais ideias tornaram-se uma fonte de princípios, não somente na sua religião, mas também na sua vida pessoal e social. A partir de sua adolescência, quanto mais Fromm vivia com a sua família, mais ele tentava escapar das várias restrições que eram impostas pela mesma. O cotidiano de sua casa era dominado pelo ritual religioso ortodoxo e pelas diversas tensões emocionais e sociais que provinham da angústia religiosa.

Sua maneira de escapar e de começar a se desligar desta angústia familiar e religiosa iniciou-se em 1920, com do Dr. Salman Baruch Rabinkou de Heidelberg, um professor de Talmude que foi lhe apresentando as ideias messiânicas dos profetas. Com esses ensinamentos Fromm foi criando sua própria interpretação da missão dos profetas.

Aqueles que proclamam ideias e que ao mesmo tempo as vivem podem ser chamados de profetas. O Antigo Testamento dos profetas proclama a ideia que o homem tinha encontrado uma resposta para sua existência e essa resposta era desenvolvida pela razão e pelo amor. Eles achavam que a humildade e a justiça estavam inseparavelmente conectadas ao amor e à razão. Eles viveram de acordo com o que eles pregaram. Eles não

procuraram poder e eles falavam a verdade mesmo que isso os conduzisse ao ostracismo ou a morte.³

Esse esboço da natureza da missão profética demonstrou a constante preocupação de Fromm pelo assunto que, junto com o futuro trabalho de analista terapeuta, certamente influenciou a marcação de um horizonte de reconciliação que permeia toda sua obra e pensamento.

No verão de 1919 Fromm foi estudar em Heidelberg. Em seus depoimentos, Fromm afirma que encontrou alguma satisfação pessoal em Heidelberg com seu professor de Talmude, Rabbi Nobel, e com o seu supervisor do doutorado Alfred Weber, irmão de Max Weber. A tese de Fromm concluída em 1922 com o título *A lei judaica: uma contribuição à sociologia do judaísmo da diáspora* explorou o judaísmo da diáspora como objeto de análise do ponto de vista sociológico; a organização do grupo social através de sua práxis de vida, sua forma de relação política, ética e religiosa que contribuía para a coesão social do grupo.

Ao concluir o doutoramento Fromm voltou para Frankfurt onde começou sua formação psicanalítica, estudando com Karl Landauer e Frieda Reichmann que se tornaria sua esposa. Fromm completou sua formação psicanalítica com Hanns Sachs e Theodor Reik, e obteve sua licenciatura no Instituto Psicanalítico de Berlin.

Em 1929, Fromm se tornou um dos fundadores do Instituto Psicanalítico de Frankfurt junto com Landauer, que o apresentou a Max Horkheimer. Nesse mesmo ano Horkheimer convidou Fromm para colaborar com os estudos de psicologia social no Instituto de Pesquisas Sociais (Institut für Sozialforschung) localizado no campus da universidade de Frankfurt, do qual Fromm se tornou um membro fixo, mas que permaneceu oficialmente até 1939.

Sob a direção de Horkheimer, em sua conferência de posse da direção do Instituto de Pesquisas Sociais de Frankfurt proferida em 1931, ele formulou a tarefa principal de investigação de uma teoria crítica da sociedade:

Quais conexões são possíveis apurar – num determinado grupo social, num período determinado, em determinados países – entre o papel desse grupo no processo econômico, a transformação ocorrida na estrutura psíquica dos

³ Funk, R. *Erich Fromm: His life and ideas*. Continuum. NY. 2000, p. 36. (tradução nossa).

seus membros singulares e os pensamentos e as instituições que agem sobre esse mesmo grupo, como totalidade menor no todo da sociedade, e que são por sua vez o seu produto?⁴

Um Instituto em que se poderia fazer um sério esforço para promover o desenvolvimento da teoria e, desenvolver a teoria, significava o desenvolvimento da teoria de Marx integrando tudo que havia sido aprendido até então sobre psicanálise, filosofia moderna, economia moderna e coisas similares.⁵

Assim, o Instituto de Pesquisas Sociais ou, como depois ficou conhecida a “Escola de Frankfurt” tinha claramente um caráter interdisciplinar de trabalho envolvendo estudiosos de diversas áreas em estudos sobre comunicação de massa, sociedade de consumo, autoritarismo, filosofia, política contemporânea, sociologia, crítica musical, estética, psicanálise e direito entre outros.

Havia o esforço de implementação de um programa interdisciplinar de análise social que pretendia entender a crise do marxismo e atualizar seus conceitos, através da articulação entre reflexão filosófica e ciências sociais empíricas⁶; não desejando apenas somar as contribuições de outras áreas do conhecimento como a sociologia, psicologia, história, mas antes articulá-las dialeticamente objetivando a análise das estruturas sociais onde estão inscritos tanto os potenciais de emancipação quanto os empecilhos concretos para sua efetivação; visto que as análises de Marx já não eram suficientes para entender o momento presente.

Um problema importante que os motivaram, por exemplo, era a de que junto às mudanças ocorridas de ordem econômica e psicossociais no início do século XX, a classe operária não mais se mostrava como a classe que portava o potencial revolucionário para a superação do capitalismo e instauração do socialismo, como a teoria de Marx sustentava; e

⁴ Horkheimer, M. *A Presente Situação da Filosofia Social e as Tarefas de um Instituto de Pesquisas Sociais*. Revista praga, n. 7. Hucitec. São Paulo. 1999. p. 121-132.

⁵ Abromeit, J. *Max Horkheimer and the Foundations of the Frankfurt School*. Cambridge. NY. 2011, p. 192. (Tradução nossa).

⁶ No livro e no artigo citados no fim dessa nota, a prof. Dr. Deborah Cristina Antunes explana a relação entre o trabalho teórico e as pesquisas empíricas realizadas no Instituto, bem como a continuidade dessas pesquisas após o exílio do Instituto nos EUA. Livro: *POR UM CONHECIMENTO SINCERO NO MUNDO FALSO. Teoria Crítica, Pesquisa Social Empírica e The Authoritarian Personality*. Jundiaí, Paco Editorial: 2014. E o artigo: *De Frankfurt à Califórnia: há continuidade nas pesquisas empíricas da Escola de Frankfurt entre 1929 e 1950?* VI Seminário de Pós-Graduação em Filosofia da UFSCar 20 a 24 de setembro de 2010. ISSN 2177-0417 - 22 - PPG-Fil - UFSCar. Disponível em: <http://www.ufscar.br/~sempgfil/wp-content/uploads/2012/05.pdf> Acesso em 18 de jun. 2014.

ainda, a classe se mostrava facilmente sujeita à dominação; logo, sua teoria necessitava ser atualizada.

Investigar as novas relações políticas e econômicas, as transformações na sociedade, produzindo diagnósticos capazes de fornecer uma compreensão mais apurada de determinados momentos históricos, de suas possibilidades de superação e emancipação humanas são partes fundamentais das diretrizes do trabalho dos teóricos críticos do Instituto de Pesquisas Sociais em Frankfurt. Assim, a teoria crítica parte da abordagem de que a organização atual da sociedade surge de um modo particular de produção, ou seja, não é um processo natural, mas sim o resultado específico de uma forma determinada de sociedade. A Teoria Crítica, nesse aspecto, distingue-se da teoria tradicional por considerar a realidade, mais como resultado da ação e das decisões humanas, e menos como objeto a ser descrito, o que torna a teoria tradicional mais conivente com as contradições na sociedade.

Segundo o pesquisador Marcos Nobre:

É a perspectiva da emancipação, da instauração de uma sociedade reconciliada, que ilumina a presente situação de não-emancipação e permite à Teoria Crítica compreender o sentido das cisões não justificadas da teoria tradicional. É a unidade futura, na sociedade emancipada, dos elementos que se encontram cindidos sob a dominação capitalista, a fonte de luz que instaura a perspectiva crítica sobre o existente. O comportamento crítico torna-se possível, porque fundado em uma orientação para a emancipação da sociedade, para a realização da liberdade e da igualdade que o capitalismo ao mesmo tempo possibilita e bloqueia.⁷

No mesmo livro organizado por Marcos Nobre, a seguinte passagem nos ajuda a concluir esse momento sobre as diretrizes das pesquisas no Instituto:

Na clássica definição de Horkheimer, desenvolvida em “Teoria Tradicional e Teoria Crítica”, esta última deve ser, ao mesmo tempo, teórico-explicativa, no sentido de descrever relações de causalidade que permitam explicar ou compreender as conexões entre fatos e processos sociais, e crítico-normativa, no sentido de que não é possível explicar e compreender a

⁷ Nobre, M. *Curso Livre de Teoria Crítica*. Papirus. Campinas, SP. 2009, p. 45.

realidade senão da perspectiva do “dever ser”, de um dever já embutido potencialmente na realidade social.⁸

A partir desse escopo a psicanálise foi, de maneira geral, integrada como disciplina cuja função é contribuir para a identificação das patologias da modernidade. Ela é apontada como um importante instrumento para explicar o comportamento dito irracional, compreendendo as ideologias como produtos da interação entre o aparelho pulsional do indivíduo e as condições socioeconômicas. Assim, um ponto de referência importante para o qual a psicanálise contribuiu com as pesquisas do Instituto foi a explicação do comportamento da classe operária em relação à autoridade. A explicação estaria num infantilismo psíquico que leva a uma espécie de respeito neurótico pela autoridade.

A psicanálise, considerada em sua relação com o materialismo histórico, é utilizada como uma psicologia social; uma ciência auxiliar que procura fornecer um conhecimento a respeito da parte subjetiva do sistema social objetivo, uma vez que a sociedade é composta por homens vivos e atuantes. O conhecimento dessa disciplina apresenta-se útil para a teoria crítica a partir de sua reflexão na relação com o todo da sociedade onde os indivíduos se desenvolvem e atuam, mostrando-se como um conhecimento crítico, não apenas adaptativo, mas com o objetivo de, elucidando os fatos, indicar ferramentas para a realização de um mundo melhor que o existente.

Dois importantes fatos históricos formam o pano de fundo para as tentativas do instituto de juntar Freud com Marx – a revolução bolchevista e a ascensão de Hitler ao poder na Alemanha. O marxismo mostrava-se insuficiente para explicar tais situações. A ideologia, que movia as classes no sentido dessa ação irracional, poderia estar tirando sua persuasão de mecanismos afetivos, não submetidos às críticas da racionalidade. As categorias psicanalíticas e sociológicas poderiam contribuir, segundo as teorias freudo-marxistas como assim ficaram conhecidas aquelas que procuraram unir o marxismo com a psicanálise, fornecendo uma resposta sobre como a ideologia estava se movimentando e influenciando as massas. Como explica Sérgio Paulo Rouanet:

A ideologia vai se enraizando no curso do processo de socialização, através das sucessivas privações pulsionais que a instância familiar, e posteriormente outras instâncias, vão impondo ao indivíduo. O processo

⁸ Denilson, L. W. Rúrion, S. M. In: *Curso Livre de Teoria Crítica*. Org. Nobre, M. Papirus. Campinas, SP. 2009, p. 183.

pelo qual os diferentes objetos de amor vão sendo abandonados, no curso do desenvolvimento psicosssexual, em que o indivíduo transita da fase oral para a fase genital, é acompanhado, em cada caso, de prescrições e proscricões, de imperativos éticos, de normas negativas e positivas, que correspondem, invariavelmente, aos valores sociais vigentes. O momento estratégico dessa evolução é alcançado quando surge, na fase fálica, o conflito edipiano. Sua dissolução supõe, por um lado, a renúncia à mãe como objeto de amor, e por outro, a identificação com o pai. Com a incorporação do pai incorpora-se, ao mesmo tempo, o sistema de valores que o pai encarnava. Constitui-se o superego. A partir desse momento, a autoridade se internaliza. A força externa se torna desnecessária. Como os valores do pai são os valores da ordem social, deixa de haver contradição entre os objetivos do sistema de poder e os impulsos do indivíduo. A ideologia se torna intrapsíquica. Está concluído o longo processo de penetração da ideologia nas consciências individuais.⁹

Dessa maneira, as teorias freudo-marxistas veem fortes semelhanças entre o marxismo e o freudismo. Em primeiro lugar, tanto o materialismo dialético quanto a psicanálise, ao tomarem como ponto de partida seja o modo de produção, ou os impulsos e necessidades psíquicas, possuem um viés materialista fundamental. Em segundo lugar, ambos tratam a consciência individual como algo subordinado a instâncias superiores, sejam elas o inconsciente, sejam as ideologias de caráter sociohistórico originadas pelos modos de produção vigentes. Em terceiro lugar, a crítica, seja das contradições sociais, seja do estado de sofrimento psíquico, é remetida ao conhecimento de suas origens mais profundas.

Marx e Engels, segundo Fromm, tinham essa noção que relacionava a ideologia às condições econômicas externas, mas não dispunham de uma psicologia científica para explicar como isso ocorria.

Nas palavras do teórico crítico John Abromeit:

Um dos problemas fundamentais na teoria Marxista é, afinal, a ausência de elementos mediadores entre a base e a superestrutura, a qual a teoria

⁹ Rouanet, S. P. *Teoria Crítica e Psicanálise*. Tempo Brasileiro. Rio de Janeiro. 2001, p. 24.

psicológica deve proporcionar. A psicanálise veio para preencher essa lacuna.¹⁰

Portanto, foi buscando unir o materialismo histórico com a psicanálise que se estabeleceu o propósito da participação de Fromm nos primeiros trabalhos do Instituto, período em que havia uma maior afinidade teórica com Horkheimer e com o desenvolvimento inicial da teoria crítica da Escola de Frankfurt nos anos 20 e 30.

O principal projeto que Fromm participou e dirigiu nessa época foi uma pesquisa empírica para investigar o comportamento político dos trabalhadores alemães. Fromm foi o responsável por elaborar os questionários que seriam entregues aos trabalhadores contendo perguntas cujas respostas seriam interpretadas psicanaliticamente e, então, classificadas em uma tipologia de caráter; importava saber, principalmente, se estes eram revolucionários ou autoritários. Podendo, a partir da interpretação, compreender as tendências de suas atitudes políticas.

Aproximadamente três mil questionários foram distribuídos aos trabalhadores, perguntando suas opiniões sobre assuntos como a educação de crianças, a racionalização da indústria, a possibilidade de evitar uma nova guerra, e o lugar de real poder no estado. [...] Como resultado, o Instituto concluiu que a classe trabalhadora alemã seria muito menos resistente a uma tomada de poder pela direita do que sua ideologia militante sugeria.¹¹

Assim, a lógica do freudo-marxismo, que vê a história individual em sua ligação com o contexto social, leva Fromm à ideia da determinação social do caráter. O tipo de caráter que se desenvolve nos indivíduos de uma classe ou de uma cultura não é acidental, mas é historicamente determinado. Esta é de modo geral a tese que envolve as investigações de Fromm por toda sua obra. Suas convicções marxistas, junto com sua orientação histórica e sua imaginação sociológica o levou a analisar as modificações nas instituições econômicas e no caráter social, através do tempo; e a salientar as instituições econômicas como a principal força modeladora do caráter. Podemos dizer que o tema de Fromm é o impacto da natureza mutável do capitalismo sobre o caráter do homem.

¹⁰ Abromeit, J. *Max Horkheimer and the Foundations of the Frankfurt School*. Cambridge. NY. 2011, p. 192. (Tradução nossa).

¹¹ Jay, M. *The Dialectical Imagination*. University of California Press. L.A. 1996, p. 116-117. (Tradução nossa).

Segundo Fromm:

Cada sociedade é estruturada e opera de determinadas maneiras exigidas por numerosas condições objetivas. Entre essas condições se encontram os métodos de produção e distribuição, os quais, por sua vez, dependem das matérias-primas, das técnicas industriais, do clima, do tamanho da população, de fatores políticos, geográficos e das tradições e influências culturais a que a sociedade viver exposta. Não há “sociedade” em geral, mas apenas estruturas sociais específicas que funcionam de modos diferentes e verificáveis. Embora essas estruturas sociais se modifiquem no curso do desenvolvimento histórico, permanecem relativamente fixas em um período histórico dado, e cada sociedade só pode existir se funciona dentro do arcabouço de sua estrutura particular. Os membros da sociedade e (ou) as várias classes ou grupos por *status* nela existentes tem de comportar-se da maneira que lhes permita funcionar no sentido exigido pelo sistema social.¹²

Vê-se na passagem acima, o aspecto histórico da teoria social de Fromm, ou seja, ela deve ser aplicada ao período histórico que se deseja investigar, a partir das estruturas sociais que estão funcionando em tal período, pois, como veremos, segundo Fromm, essas estruturas moldam a energia humana em específicos traços de caráter.

Posto isso, vamos buscar, a partir dos textos de Fromm, o papel e qual tipo de caráter que se tem instituído nos indivíduos das sociedades capitalistas avançadas; com o objetivo de elaborar as bases teóricas para a articulação entre estrutura social e caráter individual.

Atualmente, encontramos em diversas sociedades pelo mundo, tendências muito conservadoras nos âmbitos políticos, sociais e culturais que buscam frear as tendências mais progressistas. Porém, esta última, acreditamos serem, em acordo com Fromm, aquelas que melhor apresentam soluções para os problemas e necessidades dos seres humanos. Assim, diante de situações sociopolíticas muitas vezes alarmantes, no sentido de terem potenciais essencialmente antidemocráticos, podemos perguntar: quais os motivos que levam os homens a manterem sistemas sociais que se mostram incompatíveis com seus desejos? É possível que as condições socioeconômicas influenciem os indivíduos a elegerem um governo autoritário e fascista nos dias de hoje? Até que ponto o homem molda e é moldado

¹² Fromm, E. *Psicanálise da Sociedade Contemporânea*. Trad. L. A. Bahia e Giasone Rebuá. Zahar. Rio de Janeiro. 1963, p. 87.

por sua sociedade? Dessa maneira, apesar da existência de diferentes arcabouços teóricos que responderiam tais questões a partir de diferentes prismas; neste trabalho pretendemos refletir sobre tais questões a partir do conceito de caráter de Erich Fromm, por este conceito ser entendido como um mediador ativo entre indivíduo e sociedade, pelo qual interagem fatores psicológicos, socioeconômicos e culturais. Assim, o que nosso autor denomina como uma patologia da normalidade, se referindo ao comportamento de grupos inteiros passa pelo estudo de sua concepção de caráter que, como veremos, determina a maneira de agir, pensar e sentir dos indivíduos.

Na formação de um caráter mediano, por uma parte, uma natureza humana básica com algumas necessidades e leis permanentes e, por outra parte, uma realidade socioeconômica que também possui algumas necessidades próprias. Essas partes se inter-relacionam visando o desenvolvimento e a manutenção de ambas as partes. Segundo Fromm, isso constitui um processo de adaptação dinâmica, de interação mútua entre indivíduos e sociedade. Veremos que, no processo de adaptação a energia psíquica dos indivíduos é canalizada por meio dos processos de assimilação e socialização, que são processos que os indivíduos necessitam realizar para suprir as próprias necessidades. Estes processos dão origem a traços de caráter e comportamentos relativamente fixos e inconscientes, enquanto que, em virtude do dinamismo desse processo adaptativo e das mudanças nas condições sociais e políticas, os traços de caráter já configurados intervêm de volta sobre a estrutura social; uma vez que a mutabilidade dos traços de caráter é mais lenta do que as mudanças das condições sociais. Ou seja, entre os dois polos do processo de adaptação dinâmica, natureza humana e sociedade, se estabelece uma relação dialética de modo que se a última canaliza a energia psíquica formando o caráter, este, por sua vez, influi sobre a realidade social modificando-a, ou consolidando-a conforme o caso.

Em outras palavras, para Fromm as condições sociais exercem influência sobre os fenômenos ideológicos através do caráter, entretanto, este não é resultado de uma adaptação passiva às condições sociais, mas de uma adaptação dinâmica que se realiza sobre a base de elementos e necessidades biologicamente inerentes à espécie humana ou adquiridos como resultado da evolução histórica.

Dessa maneira, entendemos Fromm como um modernista e humanista, herdeiro do iluminismo quanto à crença no poder da razão para guiar o homem e a humanidade, não obstante, também seja crítico quanto à instrumentalização que acompanhou essa mesma

crença, que, em poucas palavras, privilegiou os fins em relação aos meios, racionalizando e desumanizando as relações humanas e os próprios indivíduos e, com isso, intensificando a alienação e diminuindo a autonomia dos indivíduos. Também entendemos Fromm como um humanista que acredita em certos padrões universais a respeito da natureza humana e, que o diagnóstico e prognóstico dos males humanos podem ser fundamentados em uma concepção objetiva sobre o que o homem realmente é.¹³

Assim, para realizar este trabalho sobre o papel do caráter utilizaremos, fundamentalmente, três obras de Erich Fromm que compõe a trilogia que abrange seus estudos sobre o caráter, *O Medo à Liberdade* (1941) *Análise do Homem* (1947) e *Psicanálise da Sociedade Contemporânea* (1955).

No primeiro capítulo deste trabalho procuramos tratar dos autores que dão suporte ao pensamento de Erich Fromm, de um lado Marx e Freud e seus respectivos conceitos de natureza humana, particularmente em Marx, o conceito de trabalho, sua relação com a constitutibilidade social do homem e a alienação, e em Freud, o conceito de superego e sua formação. De outro lado, investigamos em Aristóteles e Espinosa suas noções de virtude que fundamentam a ideia de ética humanista em Fromm. Na última seção desse capítulo buscaremos apresentar a concepção de homem segundo o próprio Erich Fromm.

No segundo capítulo vamos tratar da formação e do papel do caráter humano, que se dá em discussão com as concepções freudianas. Em seção seguinte trataremos do conceito frommiano de caráter social, cuja formulação expressa sua tentativa em conciliar o marxismo com categorias psicanalíticas e demonstrar como as estruturas de caráter se formam em determinados grupos em determinados contextos históricos e como, por sua vez, essas estruturas afetam a reprodução da sociedade. Nas últimas seções iremos investigar a relação entre caráter e a sociedade capitalista do período contemporâneo.

¹³ Em diversos momentos de sua obra Fromm, admitidamente, defende que é preciso argumentar contra as concepções de homem pós-modernas que conduzem ao relativismo sociopolítico. Enquanto essas mesmas concepções criticam as concepções como a de Fromm, considerando-as essencialistas e incapazes de apresentar alguma solução. Fromm parece se manter fiel ao projeto inicial da Escola de Frankfurt, ao manter o aspecto normativo em sua teoria social, assim como Jürgen Habermas, conhecido como um dos maiores expoentes dessa escola atualmente, considerando que Habermas fundamenta sua concepção de uma “sociedade sadia” ou “menos alienante” nos axiomas da teoria da comunicação que exigem a democracia como condição necessária, assim, ambos teóricos parecem manter o aspecto normativo emancipatório em suas teorias; no primeiro, através de sua psicologia, no segundo, a democracia. Permanecendo ambos, possivelmente, mais no paradigma moderno do que no pós-moderno. Conferir para aprofundamento neste assunto o livro de Habermas: *O Discurso Filosófico da Modernidade*.

Capítulo 1

As bases do pensamento de Erich Fromm

1.1 O conceito Marxista de Homem

Com o objetivo de apresentar uma das principais bases do pensamento de Erich Fromm, que servem de fundamento para a sua caracterologia; pretendemos, nesta seção, expor a concepção marxista de homem tomando por base o texto *Manuscritos Econômico-Filosóficos de 1844* de Karl Marx.

O conhecimento da concepção de homem e, concomitantemente, da natureza humana em Marx deve nos fornecer a compreensão de partes fundamentais da relação entre sociedade e natureza humana e dos caracteres que daí se constituem.

Nesses escritos, Marx formula uma nova visão de mundo como resultado de seu confronto teórico com Hegel e Feuerbach. Marx chama sua concepção de humanismo-naturalismo; quando parece sintetizar a exaltação da natureza sensível do materialismo com a filosofia do sujeito do idealismo; como o próprio Marx afirma:

O ser objetivo atua objetivamente e não atuaria objetivamente se o objetivo (Gegenständliche) não estivesse posto em sua determinação essencial. Ele cria, assenta apenas objetos, porque ele é assentado mediante esses objetos, porque é, desde a origem, *natureza* (weil es von Haus aus Natur ist). No ato de assentar não baixa, pois, de sua “pura atividade” a um *criar* do *objeto*, mas sim seu produto *objetivo* apenas confirma sua atividade *objetiva*, sua atividade enquanto atividade de um ser natural *objetivo*. Vemos aqui como o naturalismo realizado, ou humanismo, se diferencia tanto do idealismo como do materialismo e é, a um só tempo, a verdade unificadora de um e de outro. ¹⁴

¹⁴Marx, K. *Manuscritos Econômico-Filosóficos de 1844*. Trad. Jesus Ranieri. Boitempo. São Paulo. 2010, p. 126-127.

No texto dos *Manuscritos econômico-filosóficos*, as relações sociais são vistas como expressão das objetivações postas pela atividade material humanizadora, responsável pela autoformação do homem, dos seus sentidos e da sua consciência. Com isso, Marx tematiza a esfera da produção como o estatuto ontológico básico e estruturador da sociabilidade humana, na qual a atividade material expressa pela categoria de trabalho é responsável pela autoformação do gênero humano.

Para Marx, o primeiro ato histórico humano ocorre quando indivíduos reais começam a produzir seus meios de existência, isto é, quando o trabalho por meio da ação de indivíduos começa a construir as condições materiais e objetivas de existência desses indivíduos, gerando o processo de produção da vida que se complexifica com o aumento da população e com as formas de intercâmbio.

O trabalho representa aqui a atividade que media o gênero humano com a natureza; independentemente da época ou do tipo de sociedade, o trabalho será um componente indispensável à vida humana. Por isso o trabalho é o conceito chave para pensar a natureza do homem em Marx. Pois, mesmo os sentidos “mais naturais” do homem (visão, audição, tato...), sua anatomia e seus sentidos espirituais são constituídos para funcionar por atividades de intercâmbio com a natureza. Nos *Manuscritos*, encontramos as seguintes afirmações de Marx a esse respeito:

Cada uma das suas relações *humanas* com o mundo, ver, ouvir, cheirar, degustar, sentir, pensar, intuir, ser ativo, amar, enfim todos os órgãos da sua individualidade, assim como os órgãos que são imediatamente em sua forma como órgãos comunitários, são no seu comportamento *objetivo* ou no seu *comportamento para com o objeto* a apropriação do mesmo, a apropriação da efetividade humana; seu comportamento para com o objeto é o *acionamento da efetividade humana*, [...].¹⁵

É apenas pela riqueza objetivamente desdobrada da essência humana que a riqueza da sensibilidade *humana* subjetiva é cultivada ou engendrada, [...]. Pois não só os cinco sentidos, mas também os assim chamados sentidos espirituais, os sentidos práticos (vontade, amor etc.) numa palavra o

¹⁵ Marx, K. *Manuscritos Econômico-Filosóficos de 1844*. Trad. Jesus Ranieri. Boitempo. São Paulo. 2010, p. 108.

sentido *humano*, a humanidade dos sentidos, vem a ser primeiramente pela existência do *seu* objeto, pela natureza humanizada.¹⁶

Marx entende que é comum a todos os seres vivos se relacionarem com a natureza externa e realizarem, assim, o seu processo vital, por meio do qual, cada espécie se identifica com sua atividade e, nesta, expressa a sua essência. O homem também é um ser natural e, enquanto tal deve, necessariamente, realizar o seu processo vital se relacionando com a natureza para dela extrair os meios necessários à sua vida. Sendo assim, podemos afirmar que, para Marx, a essência humana constitui um conjunto de necessidades de caráter biológico e natural que precisa do meio social para sua satisfação. Essa concepção não está em contradição com o fato de que o homem cria a si mesmo e a sua história através de sua atividade. Uma vez que, como esclarece Gyorgy Markus:

A sociedade, em cujo interior nasce o indivíduo, é para ele algo dado em seus traços materiais e espirituais; e aquilo que deriva do indivíduo, sua vida e suas ações é em medida decisiva determinado por esses traços materiais e espirituais já existentes (ou melhor: pela atividade e pelos modos de vida dos outros indivíduos que existem independentemente da pessoa singular; e pelo ambiente material que foi formado pela atividade das gerações passadas, igualmente independentes do indivíduo singular). Decerto, as operações da pessoa singular modificam esse ambiente que lhe cabe “captar”, mas os limites e possibilidades dessas operações são determinados, em proporção variável, precisamente por esse ambiente.¹⁷

Dessa maneira, o fundamental para a concepção de natureza humana é concebê-la pela interatividade social, entendendo-a a partir da sociabilidade constitutiva do humano e a forma de atividade dos indivíduos sociais como momento fundamental, procedente desde quando os homens começam a produzir seus meios de vida, nos quais os sujeitos sociais produzem e reproduzem suas condições de vida, as formas históricas de organização de suas atividades práticas, seus modos de apropriação da natureza e de relações humanas.

¹⁶ Marx, K. *Manuscritos Econômico-Filosóficos de 1844*. Trad. Jesus Ranieri. Boitempo. São Paulo. 2010, p. 110.

¹⁷ Markus, G. *Teoria do Conhecimento no Jovem Marx*. Trad. Carlos Nelson Coutinho e Reginaldo Di Piero. Paz e Terra. Rio de Janeiro, 1974, p. 46.

Logo, a própria essência humana é concebida sóciohistoricamente a partir do desenvolvimento dos modos humanos de apropriação e transformação do mundo natural. Em Marx, ela não tem o sentido tradicional de uma essência metafísica ou transcendental de substância presente em cada indivíduo, mas, como um conjunto de necessidades que isoladamente nem mesmo poderiam existir. Nesse sentido, o mundo humano é o conjunto dos homens em relações recíprocas de produção social das coisas e de si mesmos, a partir da mediação da atividade material, isto é, pelo trabalho, por onde se sintetizam as necessidades humanas com o ser social. Desse modo, Marx atribui uma prioridade ontológica ao trabalho na constituição da natureza humana.

É importante ressaltar o duplo aspecto que o trabalho possui. O primeiro é o que procuramos expor, ou seja, o de que o trabalho é uma atividade vital que perpassa e constitui a natureza humana para a satisfação de suas necessidades, o qual ocorre, necessariamente e continuamente, em determinados contextos históricos através dos meios sócio-econômicos concretos já instituídos, que foram sendo formados para satisfazer as necessidades de indivíduos no passado. O segundo aspecto do trabalho diz respeito a uma especificidade humana; à sua capacidade de conceber coisas na mente antes de materializá-las na realidade com seu trabalho. A esse respeito Georg Lukács afirma:

A essência do trabalho consiste precisamente em ir além dessa fixação dos seres vivos na competição biológica com seu mundo ambiente. O momento essencialmente separatório é a constituição não pela fabricação de produtos, mas pelo papel da consciência, a qual, precisamente aqui, deixa de ser mero epifenômeno da reprodução biológica: o produto, diz Marx, é um resultado que no início do processo existia “já na representação do trabalhador”, isto é, de modo ideal.¹⁸

Este segundo aspecto que pode ser chamado de teleológico, que possui finalidade é um ato de escolha realizado por uma consciência em vista da exteriorização de suas potencialidades intrínsecas e essenciais. Assim, o trabalho é uma atividade exclusivamente humana, e, por mais que uma aranha execute operações semelhantes às do tecelão, ou uma abelha supere um arquiteto ao construir sua colmeia, tais operações não constituem,

¹⁸ Lukács, G. *As bases ontológicas do pensamento e da atividade do homem*. In. Temas de Ciências Humanas. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1978, p. 4.

segundo Marx, trabalho, pois são realizadas sem pressupor uma teleologia, uma idealidade, tal como acontece com o trabalho humano. O trabalho não é um simples fazer repetitivo, fortuito, quase mecânico, restrito e impulsionado de acordo com uma estrutura orgânica e, por isso, norteado apenas para uma necessidade específica, mas uma atividade livre e consciente, subordinada à vontade, pois o homem, antes de fazer, constrói mentalmente sua obra imprimindo nela o projeto que tinha na consciência.

Assim, sendo o homem capaz de imprimir determinada finalidade ao seu trabalho e de conduzir sua atividade de acordo com ela em vista de produzir aquilo que foi pré-visualizado, ocorre, no interior do processo de trabalho, um entrelaçamento entre a causalidade natural e a finalidade escolhida ou a teleologia. Esse aspecto do trabalho possibilita ao homem construir uma vida material cada vez mais intrincada, por onde se vinculam e surgem novas necessidades historicamente criadas.

Há, portanto, uma relação de contitutibilidade sócio-metabólica entre os homens e a natureza e entre os próprios homens, o que implica, por sua vez, em um processo contínuo de complexificações para além de si, ou seja, para além do próprio processo de trabalho. Pois, o homem agindo sobre a natureza externa e modificando-a por meio de sua atividade, ele modifica, ao mesmo tempo, dado sua necessária interação com os modos de produção já instituídos, a sua própria natureza.

Posto isso, cabe ressaltar uma distinção entre “natureza humana geral”, que procuramos expor nessa seção, e “natureza humana modificada” em cada período histórico. Erich Fromm seguirá essa distinção; suas seguintes palavras ajudam a clarear esse momento:

Marx partiu da ideia de que o homem *como homem* é uma entidade identificável e verificável, podendo ser definido como homem não apenas biológica, anatômica, e fisiologicamente, mas também psicologicamente. [...] Deve ser notado que este conceito de natureza humana não é, para Marx – como tampouco o era para Hegel –, uma abstração. É a essência do homem em contraste com as várias formas de sua existência histórica. [...] Obedecendo a essa distinção entre uma natureza humana geral e a expressão específica da natureza humana em cada cultura, Marx reconhece, dois tipos de impulsos e apetites: os constantes ou fixos, como a fome e o desejo sexual, que são parte integrante da natureza humana e só

podem variar na forma e direção assumidas em diversas culturas, e os relativos, que não fazem parte integrante da natureza humana, mas “devem sua origem a certas estruturas sociais e condições de produção e de comunicação”.¹⁹

Ainda sobre essa distinção, a respeito de uma necessidade relativa ou artificial, Marx cita como exemplo nos *Manuscritos*: “a carência de dinheiro é, por isso, a verdadeira carência produzida pela economia nacional e a única carência que ela produz”.²⁰

Compreender a formação da “natureza humana modificada” é, concomitantemente, parte do estudo caracterológico que Erich Fromm faz. Numa seção mais adiante intitulada “a função do caráter social”, complementada pelo conhecimento da natureza humana oriundo da psicologia de Freud, buscaremos explicar como interagem, segundo Fromm, os fatores econômicos e psicológicos em uma sociedade.

Durante a presente seção, ao utilizarmos o termo *trabalho*, referimo-nos à sua acepção geral em sentido positivo enquanto categoria para apreensão da realidade humana, de modo universal em sua relação com a natureza; isto é, um sentido eminentemente antropológico de uma atividade natural e necessária à vida realizada por indivíduos livres e conscientes. Portanto, em um sentido “anterior” ao sentido negativo ou particular do mundo capitalista, quer dizer, do trabalho em conexão com os processos de alienação²¹, divisão do trabalho, produção de mais-valia, trabalho estranhado e propriedade privada.

Assim, seguindo para a conclusão, a passagem abaixo retirada do texto de István Mészáros, quando ele apresenta os elementos da definição de homem não alienado, deve nos ajudar a expor a concepção de homem que investigamos:

¹⁹Fromm, E. *Conceito Marxista do Homem*. Trad. Octavio Alves Velho. Zahar. Rio de Janeiro. 1983, p. 34 - 35. (24-25).

²⁰ Marx, K. *Manuscritos Econômico-Filosóficos de 1844*. Trad. Jesus Ranieri. Boitempo. São Paulo. 2010, p. 139.

²¹ “No sentido que lhe é dado por Marx, ação pela qual (ou estado no qual) um indivíduo, um grupo, uma instituição ou uma sociedade se tornam (ou permanecem) alheios, estranhos, enfim, alienados [1] aos resultados ou produtos de sua própria atividade (e à atividade ela mesma), e/ou [2] à natureza na qual vivem, e/ou [3] a outros seres humanos, e – além de, e através de, [1], [2] e [3] – também [4] a si mesmos (às suas possibilidades humanas constituídas historicamente). Assim concebida, a alienação é sempre alienação de si próprio ou autoalienação, isto é, alienação do homem (ou de seu ser próprio) em relação a si mesmo (às suas possibilidades humanas), através dele próprio (pela sua própria atividade). E a alienação de si mesmo não é apenas uma entre outras formas de alienação, mas a sua própria essência e estrutura básica. Por outro lado, a “autoalienação” ou alienação de si mesmo não é apenas um conceito (descritivo), mas também um apelo em favor de uma modificação revolucionária do mundo (desalienação).” *Dicionário do Pensamento Marxista*. Editado por Tom Bottomore. Trad. Waltensir Dutra. Zahar. Rio de Janeiro. 2001, p. 5.

1) o homem é um ser *natural*; 2) como ser natural, tem *necessidades* naturais e *poderes* naturais para sua satisfação; 3) é um ser que vive em *sociedade* e *produz* as condições necessárias à sua existência, de uma forma inerentemente *social*; 4) como ser produtivo, ele adquire *novas necessidades* (necessidades criadas através da associação social) e *novos poderes* para a sua satisfação; 5) como ser social produtivo, ele transforma o mundo à sua volta de uma maneira *específica*, deixando nele a *sua* marca [...]; 6) estabelecendo uma base natural para suas próprias condições de vida, na forma de instituições sócio-econômicas e seus produtos, o homem “se reproduz” *praticamente* [...]; 7) por meio de seus novos poderes, que são, tal como suas novas necessidades, “criados através da associação” e da interação social, e com base nessa “reprodução prática”, ele também “se reproduz a si mesmo intelectualmente”.²²

Dessa maneira, podemos concluir que o conceito marxista de homem só possui seu significado mais completo em ligação com o trabalho. Uma essência humana poderia ser postulada como um conjunto de características físicas, biológicas, anatômicas e psicológicas; características concretas e comuns aos indivíduos da mesma espécie. No entanto, essas características exigem necessariamente o meio exterior aos indivíduos para sua efetivação e produção das atividades vitais dos indivíduos²³. Essa produção se dá pelo trabalho, e é a partir disso então, que segundo Marx, o homem, fundamentalmente, constitui-se; definindo e redefinindo constantemente sua natureza em relação com os modos sociais de produção e existência.

²² Mészáros, I. *Marx: A Teoria da Alienação*. Trad. Waltensir Dutra. Zahar. Rio de Janeiro. 1981, p. 155-156.

²³ O seguinte trecho traz uma perspectiva que nos ajuda a compreender esse ponto:” Muitos dos que estavam prontos a aceitar o conceito de alienação de Marx não aceitavam o conceito de alienação de si, que lhes parecia não histórico, porque deixa implícita a existência de uma essência ou natureza humana fixa e inalterável. Argumentou-se, em contraposição a tal concepção, que a alienação de si mesmo devia ser considerada não como uma alienação de uma natureza humana factual ou ideal (“normativa”), mas como alienação das possibilidades humanas criadas historicamente, em especial da capacidade humana de liberdade e criatividade. Assim, em lugar de sustentar uma interpretação estática ou não histórica do homem, a ideia de alienação de si traz um clamor pela renovação constante e pelo desenvolvimento do homem. Esse aspecto foi bastante ressaltado por Kangrga: ser autoalienado significa “ser autoalienado de si mesmo como obra (Werk) de si mesmo, da autoatividade, da autoprodução, da autocriação; ser alienado da história como práxis humana e como um produto humano” (1967, p.27). Assim, “o homem está alienado ou autoalienado quando não se está tornando um homem” e isso ocorre quando “aquilo que ele é e foi é tomado como a verdade única e autêntica”, ou quando o homem opera “dentro de um mundo já feito e não atua de uma maneira prática e crítica (em um sentido revolucionário)” (1967, p.27).” *Dicionário do Pensamento Marxista*. Editado por Tom Bottomore. Trad. Waltensir Dutra. Zahar. Rio de Janeiro.2001, p.7.

Assim, o humano é, antes de tudo, um produto da interatividade social dos homens, da forma como se mostram social e historicamente determinados; os indivíduos empreendem seu comportamento ativo e sua produção objetiva dos âmbitos de sua existência concreta por meio da transformação da natureza. Logo, o homem é a síntese de suas relações sociais, que por sua vez são produtos do processo objetivo de efetivação genérica do mundo humano, segue-se que, para Marx, a determinação do caráter humano não pode se dar em separado da determinação do caráter da sociedade. Tampouco a análise da constituição do indivíduo pode ser destacada da análise da constituição da sociedade, na medida em que seu desenvolvimento é, simultânea e reciprocamente, o desenvolvimento da sociedade.

Capítulo 1

As Bases do pensamento de Erich Fromm

1.2 O conceito Freudiano de Homem

A psicanálise é em si mesma uma parte da cultura contemporânea, que trouxe uma profunda transformação na concepção sobre o homem. Sendo aplicada por seu próprio fundador, Sigmund Freud, e ainda em nossos dias por pesquisadores de diversas áreas às demais esferas da vida humana, por exemplo, na religião, arte, antropologia, ética e na cultura.

Não é tarefa fácil expor a concepção de homem que emerge da obra de Freud, dada a sua vastidão e as reformulações que foram sendo feitas por seu autor; assim, procuramos apreendê-la a partir dos textos freudianos conhecidos como textos culturais ou sociais, principalmente a obra *O Mal-Estar na Civilização*, haja vista a influência desses textos sobre as ideias de Erich Fromm que, como veremos em seções mais adiante, dá ênfase na importância dos fatores sociais na formação do caráter. Esses textos, em que Freud se preocupa em fazer a crítica da cultura a partir de seu conhecimento do aparelho psíquico, nos permite compreender que o social é, também, uma dimensão estruturante para a compreensão e desenvolvimento do homem como um todo, que envolve relacionamento com as autoridades e a cultura vigente de modo geral.

Em *O Mal-Estar na Civilização*, a concepção de homem que se apresenta é a do homem inserido num contexto social, o qual tem suas exigências pulsionais reprimidas pelas imposições da vida na civilização. Em outra obra, *Totem e Tabu*, Freud aborda o tema da origem das sociedades e de suas instituições fundamentais, principalmente a religião. Para explicar tais temas, Freud recorre, ao mesmo tempo, à filogênia, isto é, a transmissão de caracteres em um grupo de indivíduos que determinam certos aspectos da vida psíquica inconsciente dos indivíduos que os herdaram; e à ontogênia, ou seja, a evolução do indivíduo a partir do seu surgimento até atingir a sua forma atual. Esses conceitos servem para Freud mostrar o percurso de evolução da civilização repressiva.

É reconhecido que, o que permite Freud transitar entre os domínios da clínica e da cultura é o conjunto de modelos conceituais aos quais se apoia, os quais estabelecem as dimensões tópicas e os lugares para a dinâmica psíquica, e que foram elaborados fundamentalmente no trabalho com os fenômenos clínicos, a partir de onde emergem, portanto, as ideias de sua teoria da cultura de modo geral. “A teoria de civilização de Freud deriva da sua teoria psicológica; a sua visão do processo histórico promana da análise dos mecanismos mentais dos indivíduos, que são a substância viva da história.”²⁴ Dessa maneira, pode se entender que há uma natureza comum entre o psíquico e o social, como Freud demonstra nas seguintes passagens:

Percebi ainda mais claramente que os fatos da história, as interações entre a natureza humana, o desenvolvimento cultural e os precipitados das experiências primitivas (cujo exemplo mais proeminente é a religião), não passam de um reflexo dos conflitos dinâmicos entre o ego, o id e o superego, que a psicanálise estuda no indivíduo – são os mesmíssimos processos repetidos numa fase mais ampla.²⁵

É verdade que a psicologia individual relaciona-se com o homem tomado individualmente e explora os caminhos pelas quais ele busca encontrar satisfação para seus impulsos instintuais; contudo, apenas raramente e sob certas condições excepcionais, a psicologia individual se acha em posição de desprezar as relações deste indivíduo com os outros. Algo mais está invariavelmente envolvido na vida mental do indivíduo, como um modelo, um objeto, um auxiliar, um oponente, de maneira que, desde o começo, a psicologia individual, nesse sentido ampliado, mas inteiramente justificável das palavras é, ao mesmo tempo, também psicologia social.²⁶

Assim, podemos afirmar que o conhecimento do psiquismo obtido por Freud a partir das investigações no trabalho clínico é a base de suas teorias, e que não encontra nada que impossibilitaria completamente o trânsito do domínio psíquico-individual para o domínio sócio-cultural.

²⁴ Marcuse, H. *Eros E Civilização – Uma Interpretação Filosófica do Pensamento de Freud*. Tradução Álvaro Cabral. Zahar. Rio de Janeiro. 1968, p. 104.

²⁵ Freud, S. *Um Estudo Autobiográfico* (1925 [1924]) In: Edição Standard Brasileira Das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. XX. Trad. Christiano M. Oiticica. Rio de Janeiro: Imago, 1976, p. 90.

²⁶ Freud, S. *Psicologia De Grupo e a Análise do Ego*. (1921) In: Edição Standard Brasileira Das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. XVIII. Trad. Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1976, p. 91.

É no capítulo IV de sua obra *Totem e Tabu* que Freud busca, efetivamente, explicar a origem do social e do cultural. Segundo Renato Mezan, esse texto freudiano trabalha questões e hipóteses com o objetivo de fundamentar a seguinte ideia:

[...] as questões colocadas tem como horizonte a função do pai, onipresente nesta temática; e o resultado do trabalho consiste em ancorar o complexo de Édipo não apenas nas fantasias dos neuróticos, mas no ponto de origem da civilização, fundando assim de modo mais amplo e seguro a afirmação de sua universalidade.²⁷

Portanto, nesse texto é narrada a época em que a humanidade passou da pré-civilização para a civilização e, conseqüentemente, de quando se estabelecem os fundamentos da sociedade e da cultura. Freud apresenta isso ocorrendo no momento em que um pai cruel e ciumento dominava a horda e guardava as mulheres para si e expulsava seus filhos tão logo cresciam; até que um dia os irmãos que foram expulsos se reúnem, matam o pai e o devoram. Surge uma consciência de culpa na horda, que acaba substituindo, pelo totem, o pai morto que foi amado e odiado ao mesmo tempo; desde quando, então, se fundam os tabus sociais, morais e religiosos. “E como o pendor agressivo contra o pai se repetiu nas gerações seguintes, também o sentimento de culpa persistiu e fortaleceu-se de novo com cada agressão suprimida e transferida para o Super-eu”.²⁸ Sendo assim, o pai, os irmãos, o homicídio, a devoração, a opressão pela culpabilidade constitui uma situação edipiana que corresponde aos dois desejos reprimidos do complexo de Édipo, a morte do pai e a conquista da mãe. Desse modo, o ato parricida está na origem da civilização, e a visão do homem freudiano na cultura é, portanto, como afirma os comentários de Peter Gay:

[...] um homem assediado por necessidades inconscientes, com sua incurável ambivalência, seus amores e ódios primitivos e apaixonados, mal contido por coerções externas e sentimentos de culpa internos. As instituições sociais são muitas coisas para Freud, mas são sobretudo barreiras contra o assassinato, o estupro e o incesto.²⁹

²⁷ Mezan, R. *Freud, Pensador da Cultura*. Brasiliense. São Paulo. 1990, p. 322.

²⁸ Freud, S. *O Mal-Estar Na Civilização*. Trad. Paulo César de Souza. Companhia Das Letras. São Paulo. 2011, p. 79.

²⁹ Gay, P. *Freud – Uma Vida Para o Nosso Tempo*. Trad. Denise Bottman. Companhia das Letras. São Paulo. 1989, p. 496.

Assim, repressão do complexo de Édipo pôde ser transmitida filogeneticamente e mantida por meio da continuação das organizações culturais e políticas constituídas sob sua influência. Dessa maneira, o complexo ganha universalidade, demonstrando que para Freud temas centrais da vida psicológica pulsional e motivacional dos indivíduos transcendem³⁰e subjazem as diferentes expressões culturalmente determinadas.

Desse modo, o sentimento de culpa incutido nos indivíduos, e a cultura sendo essencialmente o reflexo em grande escala dos conflitos dinâmicos existentes no indivíduo, se estabelece a condição para que a cultura mantenha a possibilidade de felicidade humana praticamente impossível. A tese central de *O Mal-Estar Na Civilização* parece nos dizer isso, ou seja, de que a vida civilizada exige a repressão das pulsões, principalmente das sexuais e das agressivas, o que resulta em infelicidade.

Assim, uma das bases sobre a qual se edifica a cultura é a repressão da sexualidade, pois ela retira parte da energia psíquica necessária para a sua manutenção da limitação da satisfação sexual direta, ou seja, ela exige que os homens usem parte de sua energia para o trabalho e para outras atividades culturais. É necessário um trabalho repressivo de dominação das pulsões sexuais desde o início do desenvolvimento psíquico individual. As pulsões sexuais que não são satisfeitas buscam uma forma de satisfação substitutiva através dos sintomas neuróticos. Dessa maneira, a repressão da sexualidade converte-se em uma das fontes de sofrimento impostas pela cultura aos homens.

Não é apenas sobre a repressão da sexualidade que a cultura se edifica, mas também sobre a repressão da agressividade. Segundo Freud, os impulsos agressivos fazem parte da natureza humana e a vida civilizada tem a pré-condição de limitar as possibilidades de manifestação da agressividade. Uma forma eficaz com que a cultura inibe a agressão é através da internalização. Esse ato, fundamental para a manutenção da sociedade, é chamado de sublimação.³¹ É o processo através do qual a libido se afasta do objeto sexual para outra espécie de satisfação. Com efeito, a sublimação propicia a possibilidade de atingir certo grau de satisfação sexual e pode ser considerada, em outras palavras, como um

³⁰ É o ato de se estabelecer uma relação, sem que esta signifique unidade ou identidade de seus termos, mas sim garantindo, com a própria relação, a sua alteridade. Abbagnano, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. Trad. Alfredo Bosi. Martins Fontes. São Paulo. 2007, p. 970.

³¹ “Sigmund Freud conceituou o termo em 1905 para dar conta de um tipo particular de atividade humana (criação literária, artística, intelectual) que não tem nenhuma relação aparente com a sexualidade, mas que extrai sua força da pulsão sexual, na medida em que esta se desloca para um alvo não sexual, investindo objetos socialmente valorizados.” Roudinesco, E. Plone, M. *Dicionário de Psicanálise*. Trad. Vera Ribeiro. Zahar. Rio de Janeiro. 1998, p. 734.

alívio da pulsão. A sublimação de uma pulsão significa que esta possa se satisfazer com os objetos de substituição e também que uma satisfação imaginária ou simbólica possa se aproximar de uma satisfação real. O resultado da sublimação é a diferente destinação da energia libidinal de objetivos originais que passam, então, a ser investidas em realizações culturais, ou em realizações individuais úteis ao grupo social. A sublimação é um meio de reconciliar as exigências sexuais com as da cultura. “A sublimação do instinto é um traço bastante saliente da evolução cultural, ela torna possível que atividades psíquicas mais elevadas, científicas, artísticas, ideológicas, tenham papel tão significativo na vida civilizada”.³²

O ato de sublimação é facilitado por ação do princípio de realidade que, no desenvolvimento psíquico durante a infância de um indivíduo, tem o papel de formador do superego, isto é, daquela instância psíquica constituída durante o esforço da criança de introjetar os valores recebidos dos pais e da sociedade e que age em vista de impedir os impulsos contrários às regras e normas que foram aprendidas. Assim, depois de interiorizar os critérios adultos e civilizados de comportamento, o superego da criança deve mantê-la sob as bases do comportamento pré-determinado. A esse respeito, Peter gay faz a seguinte afirmação: “A constituição inata, inclusive a herança filogenética de uma pessoa, desempenha seu papel durante as sublevações do complexo de Édipo, para a formação do policial interior que, a partir daí, acompanhará o indivíduo e, com ele, sua cultura”.³³

Portanto, para Freud o mal-estar e a repressão às paixões provêm tanto da cultura quanto da própria constituição psíquica dos indivíduos. Segundo Freud,

O que teve início com o pai se completa na massa. Se a cultura é o curso do desenvolvimento necessário da família à humanidade, então está inextricavelmente ligado a ela – como consequência do inato conflito ambivalente, da eterna disputa entre amor e busca da morte – o acréscimo do sentimento de culpa, talvez a um ponto que o indivíduo ache difícil tolerar.³⁴

³² Freud, S. *O Mal-Estar Na Civilização*. Trad. Paulo César de Souza. Companhia Das Letras. São Paulo. 2011, p. 42.

³³ Gay, P. Freud – *Uma Vida Para o Nosso Tempo*. Trad. Denise Bottman. Companhia das Letras. São Paulo. 1989, p. 499.

³⁴ Freud, S. *O Mal-Estar Na Civilização*. Trad. Paulo César de Souza. Companhia Das Letras. São Paulo. 2011, p. 79-80.

Em suma, podemos concluir que Freud tem uma base essencialmente naturalista³⁵ e determinista para sua concepção de natureza humana. O homem se encontra num dinamismo incessante entre a busca de caminhos para os vários impulsos biológicos do homem poderem encontrar satisfação, e as complexas formações reativas que servem de defesa contra a incivilidade, sempre presente, desses impulsos em sua forma natural. Assim, inferindo a formação inicial edipiana do superego, apresenta-se como fontes de infelicidade, tanto a própria natureza conflituosa do psiquismo como a civilização, tal como tematiza Freud:

Agora, acredito, o sentido da evolução cultural já não é obscuro para nós. Ela nos apresenta a luta entre Eros e morte, instinto de vida e instinto de destruição, tal como se desenrola na espécie humana. Essa luta é o conteúdo essencial da vida, e por isso a evolução cultural pode ser designada, brevemente, como a luta vital da espécie humana.³⁶

³⁵ Sobre o sentido do naturalismo freudiano e a influência dos modelos físico-químico em suas teorias, ver: Assoun, P. L. *Introdução À Epistemologia Freudiana*. Trad. Hilton Japiassu. Imago. Rio de Janeiro. 1983. Primeira parte.

³⁶Freud, S. *O Mal-Estar Na Civilização*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo. Penguin Classics. Companhia Das Letras. 2011, p. 68.

Capítulo 1

As bases do pensamento de Erich Fromm

1.3 As fontes do humanismo de Erich Fromm

Nesta seção, com o intuito de continuar a fundamentação do pensamento de Erich Fromm buscamos apresentar as noções de virtude segundo Aristóteles e Bento de Espinosa como momentos essenciais da tradição humanista que Fromm se refere. A investigação sobre a virtude e, concomitantemente, do caráter virtuoso é um estudo psicológico que revela uma dimensão fundamental da natureza do homem, que indica funções, necessidades e qualidades específicas originadas da própria natureza humana, de onde se pode obter um conhecimento valioso para a política.

Fromm se apoia principalmente nesses dois filósofos para constituir sua argumentação humanista. Em sua argumentação ele também se remete à tradição bíblico-judaica, aos dogmas do antigo e novo testamento como, por exemplo, a ideia de que o homem foi criado à imagem e semelhança de Deus, à ideia de universalidade da humanidade intrínseca na vida de Jesus Cristo; à ideia de princípio ativo no conceito de alma entre os gregos e no de direito natural entre os romanos. Essas formulações entre outras encontradas no renascimento e no iluminismo e em autores como J. J. Rousseau, J. G. V. Herder, G. E. Lessing, J. W. Goethe, I. Kant e K. Marx contêm princípios humanistas, aos quais Fromm se refere para contribuir na sustentação da ideia de que há uma natureza humana característica da espécie humana, de que há propriedades comuns aos indivíduos dessa espécie e de que o conhecimento da natureza dessas propriedades deve servir de base para o estabelecimento de normas e valores.

Contudo, vamos nos fixar nas concepções de virtude de Aristóteles e Espinosa, dada a maior frequência com que Fromm se remete a elas, certamente por causa das noções de necessidade e potencialidade implícitas nesse conceito, consideradas como inerentes à constituição e felicidade humanas. Portanto, as noções de virtude desses dois filósofos funcionam dentro da obra de Fromm principalmente para:

[...] mostrar que nosso conhecimento da natureza humana não conduz ao relativismo ético, senão, pelo contrário, à convicção de que as origens das normas para a conduta ética devem ser encontradas na própria natureza do homem; que as normas morais se baseiam nas qualidades inerentes ao homem e que sua violação produz a desintegração mental e emocional.³⁷

Nas investigações sobre ética que Aristóteles faz em sua obra *Ética a Nicômaco*, o filósofo grego busca esclarecer o que é o melhor a ser praticado considerando a função humana, ou seja, sua virtude, o que é próprio e peculiar para um ser humano fazer. Isso pressupõe que para as coisas que tem uma função, o seu bem e sua felicidade estão relacionados ao bom exercício da sua função. Assim, se o ser humano tem uma função, esta deve ser uma maneira de estar vivo, e não apenas qualquer maneira de estar vivo, mas uma que seja peculiar ao ser humano. E se a função peculiar do homem é viver de uma certa maneira, então o seu bem e sua felicidade estão relacionados com o exercício dessa espécie de vida humana. Assim, seguindo Aristóteles:

Se declaramos que a função do ser humano é uma certa forma de vida e definimos essa forma de vida como o exercício das faculdades e atividades da alma em associação com o princípio racional e dizemos que a função de um ser humano bom é executar essas atividades bem e corretamente, e se uma função é bem executada quando é executada de acordo com sua própria excelência – a partir dessas premissas se conclui que o bem humano é o exercício ativo das faculdades da alma humana em conformidade com a virtude.³⁸

Portanto, fazer algo bem é equivalente a fazer isso de acordo com a virtude ou a excelência própria à atividade e, como dito na passagem acima, isso ocorre em associação com o princípio racional, envolvendo a razão. Porque, segundo a divisão da alma humana feita por Aristóteles – vegetativa, desiderativa e racional – é por meio da parte racional que o homem realiza a atividade que constitui a prática e a realização da felicidade humana; e onde, também, se encontra a função própria do ser humano, como conclui Aristóteles:

Qual, então, poderia ser essa função? O mero ato de viver parece ser compartilhado mesmo pelas plantas e estamos buscando a função peculiar do ser humano. Diante disso, devemos pôr de lado a atividade vital da

³⁷ Fromm, E. *Análise Do Homem*. Trad. Octávio Alves Velho. Zahar. Rio de Janeiro. 1983, p. 16. (4).

³⁸ Aristóteles. *Ética a Nicômaco*. Trad. Edson Bini. Edipro. São Paulo. 2009. Livro I, 1098a 10-20, p. 50.

nutrição e crescimento. A seguir na escala vemos alguma forma de vida sensitiva, porém esta, igualmente, parece ser compartilhada por cavalos, bois e animais em geral. Resta, assim, o que pode ser denominado a vida ativa da parte racional do ser humano.³⁹

Em diversos momentos da ética nicomaquéia Aristóteles postula que “a felicidade é um certo tipo de atividade da alma”⁴⁰ a ser realizada conforme as virtudes humanas e, portanto, conforme o exercício da parte de sua alma peculiar aos seres humanos, ou seja, em associação com a razão.

Para Aristóteles: “as faculdades que nos são transmitidas pela natureza nos são concedidas primeiramente como potência, e nós exibimos sua atividade posteriormente”.⁴¹ Sendo que, para a atividade conforme a virtude de fato ocorra é necessário o hábito de guiar-se pela razão, que significa o hábito de buscar a mediania nas escolhas. “A virtude é, então, uma disposição estabelecida que leva à escolha de ações e paixões e que consiste essencialmente na observância da mediania relativa à nós, sendo isso determinado pela razão, isto é, como o homem prudente determinaria.”⁴²

Em suma, como qualquer outro animal no mundo, o homem tem sua natureza particular, e a melhor maneira para o homem viver é seguir sua natureza, a qual é ser um ente dirigido pela parte racional de sua alma. A função própria da razão humana é fazer o homem viver bem, de um modo racional; quer dizer, sob a direção das virtudes. “É, sim, o exercício ativo de nossas faculdades em conformidade com a virtude que produz a felicidade, e as atividades opostas, o seu contrário”.⁴³

E ainda, de modo conclusivo, se referindo ao exercício das virtudes no último livro da *Ética a Nicômaco*, Aristóteles diz que devemos:

[...] na medida do possível, nos imortalizarmos e fazer tudo que a um homem é possível para viver de acordo com o que há em si de mais excelso, pois embora isso seja de modesta magnitude, em poder e valor

³⁹ Aristóteles. *Ética a Nicômaco*. Trad. Edson Bini. Edipro. São Paulo. 2009. Livro I, 1098a 1-5, p. 47-48.

⁴⁰ *Ibid.*, 1099a-30, 1099b-25, 1100a-15, 1102a-15.

⁴¹ *Ibid.*, 1103a-25, p. 66.

⁴² *Ibid.*, 1107a-01, p. 77.

⁴³ *Ibid.*, 1100b-10, p. 57.

ultrapassa de longe todo o resto. Pode-se, inclusive, sustentar que esse é o verdadeiro eu de cada ser humano [...]. Ademais, o que se disse antes encontra aqui também aplicação: aquilo que é o melhor e o mais prazeroso a cada criatura é o que é próprio à natureza de cada uma; em conformidade com isso, a vida do intelecto representa a vida melhor e mais prazerosa para o ser humano porquanto o intelecto, mais do que qualquer coisa, é o ser humano. Conseqüentemente, essa vida será a mais feliz.⁴⁴

Sendo assim, podemos concluir esse momento com as seguintes palavras de Fromm sobre a ética aristotélica:

O homem livre, racional e ativo é a pessoa boa e, portanto, feliz. Aqui temos, assim, proposições de valor objetivo que são focalizadas no homem, ou humanistas, e que, simultaneamente, derivam da compreensão da natureza e função do homem.⁴⁵

De um modo semelhante no que tange a investigação da função distintiva do homem, segundo Fromm, Espinosa, como Aristóteles, chega a um conceito de virtude que se mostra como a concretização, a atualização ou realização da natureza do homem. Fromm encontra na ética espinosana, assim como na tradição humanista em geral, a ideia de que o objetivo e a virtude na vida humana é o crescimento e o desenvolvimento do homem em função de sua natureza e constituição. “A virtude é a expansão das potencialidades específicas de cada organismo: para o homem, é o estado em que ele é humano ao máximo”.⁴⁶ E que a compreensão desse objetivo e desse estado contém os fundamentos de um sistema de comportamento ético. Fromm faz a seguinte observação a respeito da ética espinosana:

O caráter objetivo da ética de Espinosa se funda no caráter objetivo da natureza humana que, embora dando margem a muitas variações individuais, é essencialmente igual para todos os homens. Espinosa se opõe radicalmente à ética autoritária. Para ele, o homem é um fim em si mesmo e não um meio para uma autoridade que o transcenda. Valor só

⁴⁴ Aristóteles. *Ética a Nicômaco*. Trad. Edson Bini. Edipro. São Paulo. 2009. Livro I, 1177b-30. 1178a1-10, p. 309.

⁴⁵ Fromm, E. *Análise Do Homem*. Trad. Octávio Alves Velho. Zahar. Rio de Janeiro. 1983, p. 32. (18).

⁴⁶ *Ibid.*, p.33. (19).

pode ser determinado com relação a seus interesses reais, que são a liberdade e o uso produtivo de seus poderes.⁴⁷

Na proposição 22 do livro IV de sua obra *Ética*, Espinosa afirma: “Não se pode conceber nenhuma virtude anterior a esta, isto é, ao esforço para se conservar a si mesmo.”

⁴⁸ Esse esforço constitui a própria essência atual de cada coisa, é uma tendência, um desejo de continuar sendo sempre, de perdurar infinitamente. A esse esforço Espinosa dá o nome de *conatus*. Segundo Marilena Chaui,

A chave da ética encontra-se nessa posição do *conatus* como fundamento primeiro e único da virtude, palavra que, como vemos é empregada por Espinosa não no sentido moral de valor e modelo a ser seguido, mas em seu sentido etimológico de força interna (em latim, *virtus* deriva de *vis*, *força*).⁴⁹

Para Espinosa, os seres são indivíduos quando possuem uma força interna para permanecer na existência conservando seu estado. Tanto os humanos, como os demais seres são dotados de *conatus*, com a peculiaridade de que apenas os humanos são conscientes de possuir o esforço de perduração na existência. “Na verdade, os humanos não possuem *conatus*, são *conatus*.”⁵⁰ Como exposto no livro III da *Ética* de Espinosa, o *conatus* é também uma força interna positiva ou afirmativa, intrinsecamente indestrutível, pois, nenhum ser busca a autodestruição. O *conatus* tem desse modo uma duração ilimitada enquanto forças externas mais poderosas não o destruam. “Definindo corpo e alma pelo *conatus*, Espinosa faz com que seja essencialmente vida, de maneira que, na definição da essência humana, não entra a morte. Esta é o que vem do exterior, jamais do interior.”⁵¹ Assim, o interesse do corpo e da alma é a existência e tudo quanto contribua para mantê-la.

No homem, o *conatus* é desejo, o qual se efetua por duas modalidades principais: a alegria e a tristeza. A alegria é a passagem de uma perfeição menor para uma maior, alcançada pela utilização ativa que o homem faz de suas forças. E a tristeza a passagem de

⁴⁷ Aqui optamos por nossa tradução. Na versão em inglês consta: The objective character of Spinoza’s ethics is founded on the objective character of the model of human nature which, though allowing for many individual variations, is in its core the same for all men. Spinoza is radically opposed to authoritarian ethics. To him man is an end-in-himself and not a means for an authority transcending him. Value can be determined only in relation to his real interests, which are freedom and the productive use of his powers. Fromm, Erich. *Man for Himself*. Routledge Classics. New York. 2003, p.19.

⁴⁸ Espinosa, B. *Ética*. Trad. Antônio Simões. Relógio D’água editores. Lisboa. 1992, p. 379.

⁴⁹ Chaui, M. *Espinosa – Uma Filosofia da Liberdade*. Moderna. São Paulo. 1995, p. 69.

⁵⁰ *Ibid.*, p. 63.

⁵¹ *Ibid.*, p. 63.

uma perfeição maior para uma menor. ⁵²Portanto, a alegria é o que nos faz ter mais existência. Buscar existir e permanecer no ser é um trabalho que resulta da nossa essência mesma, que é o *conatus*. As seguintes palavras da Marilena Chaui nos ajudam a esclarecer esse momento:

No corpo, o *conatus* se chama *apetite*; na alma, *desejo*. Eis porque Espinosa afirma que a essência do homem é desejo, consciência do que, no corpo, se chama *apetite*. Assim, dizer que somos *apetite* corporal e *desejo* psíquico é dizer que as *afecções do corpo* são *afetos da alma*. Em outras palavras, *afecções do corpo* são imagens que, na alma, se realizam como ideias afetivas ou sentimentos. Assim, a relação originária da alma com o corpo e de ambos com o mundo é a relação afetiva. ⁵³

Portanto, a vida ética começa no interior das paixões, pelo fortalecimento das mais fortes e enfraquecimento das mais fracas. Pois, como vemos na proposição 18 do livro IV da *Ética*: “O desejo que nasce da alegria é mais forte do que o desejo que nasce da tristeza” ⁵⁴, e ainda nesse mesmo livro, Espinosa demonstra que uma paixão não é vencida por uma ideia verdadeira, mas por uma outra paixão contrária e mais forte. Ou seja, o homem, primeiramente, se encontra numa passividade natural, em meio às paixões e, portanto, em meio ao conhecimento inadequado das coisas, de nós mesmos e da natureza. Logo, a felicidade ou a liberdade será uma conquista, através da possibilidade da ação reflexiva, a qual deve ser determinada pelo *conatus*, isto é, pelo desejo de alegria, o qual se efetua cada vez que a potência de pensar da alma se esforça para criar conexões entre as imagens provindas dos corpos, para com elas se orientar no mundo. Com isso, o homem se reconhece como causa por tomar parte da atividade infinita, interpretando e conhecendo a partir do próprio corpo. ⁵⁵ Segundo Marilena Chaui:

A ética não é senão o movimento de reflexão, isto é, o movimento de interiorização no qual a alma interpreta seus afetos e as afecções de seu

⁵² Chaui, M. Espinosa – *Uma Filosofia da Liberdade*. Moderna. São Paulo. 1995, Introdução.

⁵³ *Ibid.*, p. 64.

⁵⁴ Espinosa, B. *Ética*. Trad. Antônio Simões. Relógio D’água editores. Lisboa. 1992, p. 375.

⁵⁵ Para aprofundar a definição espinosana de *conatus* e, também, esclarecer que o desenvolvimento concreto desse no indivíduo não implica na instituição do combate ou enfrentamento entre esses indivíduos numa sociedade, mas, o contrário, isto é, no fortalecimento do que esses indivíduos compartilham naturalmente. Ver página 160 e seguintes em: Chaui, Marilena. *Política em Espinosa*. Companhia Das Letras. São Paulo. 2003. Ou também, com a mesma finalidade, o livro do neurocientista António Damásio, *Em Busca de Espinosa*.

corpo, destruindo as causas externas imaginárias e descobrindo-se e a seu corpo como causas reais dos apetites e desejos.⁵⁶

Assim, ao afastar as paixões tristes e aproximar as alegres, a força do *conatus* aumenta, de modo que a alegria e o desejo dela originado propiciam a diminuição de nossa passividade e o aumento de nossa atividade e ação, quer dizer, tornar o pensar e o conhecer como o mais forte afeto e desejo, e reconhecê-los como causados por nossa própria potência interna.⁵⁷ Portanto, a virtude é pensar, agir, viver e conservar o próprio ser a partir do esforço da própria razão. Como Espinosa afirma na proposição 42 do livro V da *Ética*: “A felicidade não é o prêmio da virtude, mas a própria virtude; e não gozamos dela por refrearmos as paixões, mas, ao contrário, gozamos dela por podermos refrear as paixões”.⁵⁸

Agir virtuosamente consiste em sermos, não apenas parte, mas parte intrínseca ativa da natureza. Portanto, em transformar a própria razão em um afeto mais forte e contrário que os afetos passivos causadores da diminuição de intensidade do *conatus*. Para Espinosa, esse modo de ser do homem, suas potencialidades e suas propriedades são inerentes à espécie e, assim, comuns a todos os homens.

Dessa maneira, esta visão do homem, como também a visão aristotélica, ao identificarem a virtude humana estão expondo o conhecimento de um elemento essencial para o dinamismo das sociedades, a saber, a particularidade da natureza humana em seu comportamento ético. A concepção de virtude desses dois filósofos complementa os fundamentos da teoria social de Fromm, no sentido de sustentar a proposição de normas e valores, que favoreçam o desenvolvimento das potencialidades humanas tanto em nível individual quanto social e político.

⁵⁶ Chauí, M. *Espinosa – Uma Filosofia da Liberdade*. Moderna. São Paulo. 1995, p. 71.

⁵⁷ *Ibid.* Introdução.

⁵⁸ Espinosa, B. *Ética*. Trad. Antônio Simões. Relógio D’água editores. Lisboa. 1992, p. 481.

Capítulo 1

As Bases do pensamento de Erich Fromm

1.4 O conceito de homem em Erich Fromm.

Como tem se mostrado, a noção de natureza humana é um eixo conceitual na obra de Erich Fromm que expressa, do ponto de vista da ética humanista, o elemento de maior importância na análise social, o elemento ativo do qual parte e para o qual se deve dirigir a organização social, ou seja, o próprio homem.

Nessa seção procuramos apresentar o conceito frommiano de natureza humana tal como Fromm o expõe em suas obras *Análise do Homem* e *o Medo à Liberdade*.

Para Fromm a compreensão da natureza humana decorre basicamente da análise da situação humana de existência, que se mostra como uma situação intrinsecamente dicotômica.⁵⁹ Esta análise da condição humana e das necessidades psíquicas que dela nascem é a base da crítica social de Fromm. Ele avalia a felicidade e a virtude de uma pessoa pelo grau em que ela tenha atendido as necessidades básicas de uma forma produtiva, bem como, o a de uma sociedade pelo grau em que ela ajuda o indivíduo a satisfazer suas necessidades.

Segundo nosso autor, há um momento da história humana em que houve uma separação primordial de vivência com a natureza, quando se romperam seus vínculos imediatos com a mesma e o homem deixou de ser um animal puramente instintivo; ele se

⁵⁹ Dicotomia: Divisão lógica de um conceito em outros dois conceitos, em geral contraditórios, que lhe esgotam a divisão. Ferreira, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Positivo. Curitiba. 2009, p. 675. Entendemos que esta palavra é utilizada por Fromm para se referir a situação humana atual, significando principalmente que essa situação foi alcançada pelo homem durante seu processo de evolução pela diminuição das determinações instintivas sobre si, dando a ele um ganho de liberdade em relação a essas determinações (“liberdade de”, como veremos mais adiante) que, contudo, é um ganho parcial, estabelecendo assim a situação dicotômica entre liberdade e determinação.

tornou um animal racional e ambíguo, que ganhou individuação e liberdade, ao mesmo tempo, em que perdeu a segurança e a harmonia do pertencimento unitário à natureza. “A história social do homem começou com seu aparecimento saindo de um estado de unicidade com o mundo natural para um outro de percepção de si mesmo como uma entidade separada da natureza que o rodeava e dos outros homens”.⁶⁰ Desde então, a história é construída pelos homens que já sempre se encontram nessa condição de ambiguidade e dicotomia, portanto, inerentes à sua existência. De um lado, o homem se encontra livre para agir, do outro está sempre determinado pelas maneiras que construiu para superar as adversidades.

No processo de ganhar individuação e liberdade, quer dizer, ao emergir e romper seu vínculo primário de união original com a natureza e com os outros homens ou, em termos de definição biológica, a partir do momento da evolução em que surgiu a espécie *homo sapiens*, o ser humano adquiriu as seguintes qualidades que o diferenciam do animal: diminuiu a regulamentação instintiva do processo de adaptação ao mundo que o rodeia, desenvolveu sua capacidade de aprendizagem, memória e raciocínio, de pré-visualizar o futuro e de usar a linguagem. Essas características que o homem adquiriu formam a sua razão e expressam a origem da virtude do comportamento propriamente humano. Assim, segundo Fromm:

O homem é o mais inerte dos animais, mas essa mesma debilidade biológica é a base de sua força, a causa primordial do desenvolvimento de suas qualidades especificamente humanas. Consciência de si mesmo, razão e imaginação romperam a “harmonia” que caracteriza a existência animal.

⁶¹

Portanto, o “aparecimento do homem” pode ser definido como tendo ocorrido no ponto do processo de evolução em que a adaptação instintiva atingiu um mínimo, enquanto foi sendo substituída por processos nervosos mais complexos. Para Fromm é a partir desse momento que surge a condição humana de existência que, de fato, caracteriza sua natureza objetivamente. Por um lado, o homem faz parte da natureza e tem uma dimensão biológica, por outro transcende,⁶² tem uma dimensão racional.

⁶⁰ Fromm, E. *O Medo À Liberdade*. Trad. Octávio Alves Velho. Zahar. Rio de Janeiro. 1974, p.29. (23).

⁶¹ Fromm, E. *Análise Do Homem*. Trad. Octávio Alves Velho. Zahar. Rio de Janeiro. 1983, p. 43. (28).

⁶² Cf.: nota 15.

Como dito, o homem sempre está numa condição dicotômica, que o insere num processo dialético que oscila entre os pólos que Fromm denomina como “liberdade de” e “liberdade para”. A primeira é definida de modo negativo e se refere a liberdade da determinação instintiva de suas ações, e a segunda ⁶³se refere a possibilidade do homem agir por si próprio, de maneira emancipada por meio de sua individualidade e das propriedades humanas que desenvolveu, entretanto, isso não ocorre facilmente e, na verdade, segundo Fromm, os homens muitas vezes possuem medo à essa liberdade e, por isso, buscam formas de escapar dela. Analisaremos esse ponto com mais demora um pouco adiante.

Observa-se que, para Fromm, o conceito de “natureza humana”, eixo central de seu pensamento, não é definido como substância metafísica a priori, mas também não é algo puramente derivado do contexto socioeconômico; de forma que o homem não é exaurido da sua historicidade, como uma universalidade abstrata, nem subjugado a determinações culturais inflexíveis. Não há determinações que definam o homem antes que ele comece a existir. A própria existência é o dado primordial. É a partir deste fato, expresso na conduta e na vida humana, que se constitui sua natureza e seu caráter ético. Deve-se entendê-lo a partir de um significado existencial que deriva, filosoficamente, do surgimento histórico do “homo sapiens”. Em suma, o conhecimento da psique e da natureza humana deve basear-se na análise filosófico-existencial das necessidades básicas do homem, resultantes das singularidades e contradições da situação humana. Para Fromm:

A dificuldade em encontrar uma definição satisfatória para a natureza do homem reside no seguinte dilema: se se admitir certa substância como constituindo a essência do homem, ficar-se-á forçosamente numa posição não-evolutiva, não-histórica, que implica não ter havido mudança básica no homem desde os primórdios de seu aparecimento.[...] Pelo contrário, se

⁶³ As seguintes passagens devem nos auxiliar na compreensão do significado de “liberdade para” ou “liberdade positiva”, como Fromm também a denomina: “Esta liberdade o homem pode alcançar pela realização de seu ego, sendo ele mesmo. O que é realização do ego? Filósofos idealistas acreditam que a realização individual só pode ser conseguida através da percepção intelectual. Insistiram em dividir a personalidade humana, de modo que a natureza do homem possa ser suprimida e protegida por sua razão. O resultado desta divisão, contudo, foi que não apenas a vida emocional do homem, mas igualmente suas faculdades intelectuais foram mutiladas. A razão, ao tornar-se ela mesma um guardião postado para vigiar seu prisioneiro, a natureza, tornou ela mesma prisioneira; e, assim, ambas as faces da personalidade humana, a razão e a emoção ficaram invalidadas. Cremos que a realização do eu é alcançada não unicamente por um ato de pensamento, mas também, pela realização da personalidade total do homem, pela expressão ativa de suas potencialidades emocionais e intelectuais. Essas potencialidades acham-se presente em todos: só se tornam reais na medida em que são manifestadas. Por outras palavras, a liberdade positiva consiste na atividade espontânea da personalidade integrada em sua totalidade. Fromm, E. *O Medo À Liberdade*. Trad. Octávio Alves Velho. Zahar. Rio de Janeiro. 1974, p.205. (257)

se aceitar um conceito evolutivo e assim acreditar-se que o homem está constantemente mudando, o que resta para conteúdo de uma suposta “natureza” ou “essência” do homem? Esse dilema também não é solucionado por “definições” do homem como a de ser ele um animal político (Aristóteles), um animal capaz de prometer (Nietzsche), ou um animal que produz com previsão e imaginação (Marx); essas definições exprimem qualidades essenciais do homem, porém não se referem à essência do homem. Acredito que o dilema pode ser solucionado como uma contradição inerente à existência humana.⁶⁴

A seguinte passagem também nos ajuda a esclarecer esse momento:

A natureza humana nunca pode ser observada como tal, mas somente através de suas manifestações específicas em situações específicas. Ela é uma formulação teórica que pode ser inferida por meio do estudo empírico do comportamento humano. A esse respeito a ciência do homem ao criar um “modelo de natureza humana” em nada difere de outras ciências que trabalham com concepções de entidades baseadas em, ou controladas por, inferências de dados observados e que não podem ser, elas mesmas, observadas diretamente.⁶⁵

Por ciência do homem, Fromm entende os estudos éticos, psicológicos e políticos realizados por pensadores do passado como Aristóteles e Espinosa, enriquecidos com novos dados da fisiologia, antropologia, sociologia e psicologia entre outras disciplinas, enquanto todas elas estudam as manifestações da natureza humana e, com isso, colaboram para elaborar proposições válidas acerca das leis que governam o comportamento humano.

Assim, Fromm entende que jamais compreenderemos o homem se tentarmos reduzir todas as suas paixões e esforços a impulsos instintivos e biológicos.⁶⁶ Nem nos

⁶⁴ Fromm, E. *O Coração do Homem. Seu Gênio para o Bem e para o Mal*. Trad. Octávio Alves Velho. Zahar. Rio de Janeiro. 1981, p. 128ss.

⁶⁵ Fromm, E. *Análise Do Homem*. Trad. Octávio Alves Velho. Zahar. Rio de Janeiro. 1983, p. 30-31. (17).

⁶⁶ Esta é, resumidamente, a visão freudiana de homem, que dá ênfase ao aspecto biológico na formação do caráter; da qual Fromm divergiu para uma orientação que ele chamou de sociobiológica, mas, que ficou conhecida como pertencente à escola neofreudiana culturalista. Na seção intitulada “a função do caráter social” abordaremos essa questão com mais demora. Ainda a respeito dessa divergência, conferir: Fromm, E. *A Descoberta do Inconsciente Social: Contribuição ao Redirecionamento da Psicanálise*. Trad. Lúcia H. S. Barbosa. Manole. São Paulo. 1992. P. 17ss. E ainda, algumas razões pessoais por ter divergido se encontram na entrevista de 1979 a Gérard D. Khoury, disponível na internet. E também na entrevista a Richard I. Evans que se encontra no livro: *Dialógo com Erich Fromm*. Trad. Octavio A. Velho. Zahar. Rio de Janeiro. 1967. Cap. 3.

aproximaremos mais dele se o olharmos meramente como produto da sociedade. O conhecimento a respeito do homem deve partir de uma compreensão de sua condição existencial; das desarmonias da sua existência que despertam nele paixões e anseios caracteristicamente humanos, que transcendem suas origens animais, dando origem a necessidades de caráter psicológico que precisam ser satisfeitas para que o homem alcance uma vida plenamente humana. Contudo, posto isto, devemos explicitar: Qual a argumentação de Fromm em favor da existência de uma natureza humana normativa e, quais as consequências e necessidades de tal natureza?

De acordo com o comentador John H. Schaar, a argumentação frommiana, em geral, tem vistas a sustentar a ideia de que, “a condição existencial impõe necessidades que devem ser satisfeitas para que o indivíduo permaneça sadio e se desenvolva. Qualquer disposição social que deixe de satisfazer a essas necessidades mutila o homem”.⁶⁷

Vimos que as dicotomias existenciais constituem a condição humana básica, isso implica para Fromm, fazendo uma analogia com o nascimento do indivíduo, no fato de que: “jamais nos livramos de duas tendências em conflito: uma, a de emergir do ventre, de uma forma animal de existência para outra mais humana, do confinamento para a liberdade; outra, de volta ao ventre, à natureza, à certeza e à segurança”.⁶⁸ Assim, esse conflito é o que estabelece o mecanismo fundamental do comportamento humano. Nas palavras de Fromm:

A necessidade de encontrar soluções sempre renovadas para as contradições de sua existência, de encontrar formas cada vez mais elevadas de unidade com a natureza, com seus próximos e consigo mesmo, é a fonte de todas as forças psíquicas motivadoras do homem, de todas as suas paixões, seus afetos e suas ansiedades.⁶⁹

Portanto, é a necessidade constante de superar essas dicotomias que influenciam as atividades dos homens, levando-os a desenvolver as condições sócioeconômicas e ideológicas que podem tornar isso, de algum modo, possível. Inclusive, porque o ganho de liberdade que a situação humana adquiriu é acompanhado, do ponto de vista psicológico, dos sentimentos de solidão e isolamento dos quais o homem procura se proteger.

⁶⁷ Schaar, J. H. *O Mundo de Erich Fromm*. Trad. Waltensir Dutra. Zahar. Rio de Janeiro. 1965, p. 48.

⁶⁸ Fromm, E. *Psicanálise da sociedade Contemporânea*. Trad. L. A. Bahia e Giasone Rebuá. Zahar. Rio de Janeiro. 1963, p.40. (26).

⁶⁹ Fromm, E. *Psicanálise da sociedade Contemporânea*. Trad. L. A. Bahia e Giasone Rebuá. Zahar. Rio de Janeiro. 1963, p 38. (24).

Posto isto, Fromm afirma que os homens possuem, basicamente, dois modos de buscar soluções para esse conflito inerente à sua existência: um modo regressivo e outro progressivo. O primeiro, o qual ele caracteriza como mecanismos de fuga são aqueles modos em que o homem deseja regredir para a unidade com a natureza, ao estado de pré-individuação; buscando, por exemplo, se aderir e se submeter a autoridades religiosas ou políticas para, com isso, se livrar justamente daquilo que o tornou humano, isto é, sua razão e consciência de si, contribuindo assim, principalmente, para a formação do caráter sadomasoquista, que veremos em seção mais adiante. O segundo modo é progressivo e consiste em utilizar e desenvolver aquelas propriedades especificamente humanas, tal como Fromm e a tradição ética humanista em que ele se apoia afirmam ser a virtude humana, quer dizer, um modo de relacionamento com o mundo no qual o homem utiliza as potencialidades de sua razão para, então, lidar com sua situação existencial. Resumindo, para Fromm, o homem é naturalmente impulsionado a superar e anular sua inalterável dicotomia existencial sendo esta, portanto, a origem mais fundamental de suas necessidades e motivações.

Sendo assim, quais são essas necessidades que se originam da existência humana?

Uma primeira necessidade determinante para o ponto de vista do comportamento social corresponde à necessidade de um sistema de orientação e devoção. Pois, este permite ao homem formar um quadro geral do mundo, pelo qual ele possa dar sentido àquilo que o cerca e se orientar.

Esta necessidade tem dois componentes: em primeiro lugar, a necessidade de ser capaz de dar sentido ao mundo de uma forma mais do que puramente intelectual, ou seja, pela "devoção"; e, segundo, uma preferência por quadros objetivos de referência, isto é, aqueles que "correspondem com a realidade", mais do que maneiras puramente míticas. A exigência básica é a de alguma forma de orientação e devoção. Sem isso o homem torna-se insano. Mas, além disso, o sistema de orientação deve ser racional e objetivo, baseado num conhecimento sólido do "eu", da natureza e da sociedade. Sem isso, a felicidade e serenidade do homem, e também sua sanidade ficam em jogo. Como todas as outras necessidades, esta deve ser satisfeita para que o homem continue sadio, mas pode satisfazê-la de formas que contribuem para a sua felicidade, ou de formas que contribuem para a infelicidade. Somente uma estrutura de orientação e

devoção baseada na razão e no conhecimento objetivo contribuíra para a felicidade.⁷⁰

Outra necessidade corresponde à de identidade, e consiste no desenvolvimento da individualidade da pessoa de modo tal que ele se conheça como sujeito e autor de suas ações, tal como tematiza Schaar:

Sendo o homem, por natureza, dotado de autoconsciência, razão e imaginação; a solução satisfatória para essa necessidade é o desenvolvimento produtivo de uma personalidade individualizada. Poucos atingem a meta da individualização e de tornar-se sujeito do próprio ser; a maioria encontra substituição na identificação com uma nação, religião, classe ou status. Logo, para Fromm não é apenas a cultura que origina essa necessidade, mas, a cultura é também o resultado da tentativa humana em prover soluções para essa necessidade.⁷¹

Uma terceira necessidade é denominada como necessidade de enraizamento, segundo a qual, o homem só pode dispensar as raízes naturais, primárias, incestuosas e simbióticas na medida em encontrar novas raízes humanas.

Assim o homem é impulsionado para construir um lar humano no qual possa substituir o lar natural perdido, o que pode fazer sobre um de dois princípios: a fraternidade e a construção das condições para o desenvolvimento produtivo da personalidade; ou o incesto, entendido como o culto, a idolatria e o desejo de fundir-se com o próprio sangue, solo ou clã. Para Fromm, em nossa época, o nacionalismo, o culto do Estado e racismo são as maiores ameaças à civilização; são regressões incestuosas e simbióticas que negam o uso das forças produtivas do homem.⁷²

Outra necessidade é a de relacionamento. Como consequência de sua “separação” da natureza; obtido razão e imaginação, o homem percebe-se só; que tem seu nascimento e morte como fatos puramente acidentais, mas, este estado de ser é insuportável, e o homem tem a necessidade de transcendê-lo através do relacionamento com outros seres vivos. Segundo o comentador Schaar:

⁷⁰ Schaar, J. H. *O Mundo de Erich Fromm*. Trad. Waltensir Dutra. Zahar. Rio de Janeiro. 1965, p. 55.

⁷¹ *Ibid.*, p.54.

⁷² *Ibid.*, p.54.

A satisfação produtiva dessa necessidade implica na utilização e desenvolvimento da capacidade de linguagem, na busca pela união com outras pessoas baseadas em igualdade e respeito e, ao mesmo tempo, manter a individualidade e independência próprias; em contraste com as formas improdutivas de satisfação dessa necessidade, que é o relacionamento de caráter sadomasoquista no qual a subjetividade dos envolvidos é negada.⁷³

Para Fromm, uma quinta necessidade é a de transcendência, pela qual o homem tenta produzir e criar coisas e condições, a partir de si mesmo e de sua criatividade, afim de ir além de si mesmo e de seu destino e, com isso, transcender sua condição e papel de mera criatura, tal como explica Schaar:

A necessidade de transcendência pode ser satisfeita de duas formas. Primeira, o homem pode tornar-se criador por meio da atividade e do trabalho produtivo. “No ato da criação o homem transcende a si mesmo como criatura, eleva-se acima da passividade e do caráter acidental de sua existência até à esfera da iniciativa e liberdade. Na necessidade de transcendência que tem o homem estão as raízes do amor, bem como da arte, religião e produção material.”⁷⁴ Porém, se o homem não puder criar, ele pode tornar-se destrutivo. A necessidade de afirmar-se, transcendendo pode tomar tanto a direção criativa como a destrutiva. O ato de destruição, como o ato de criação, o coloca “acima da vida”, atribuindo-lhe poder sobre ela e, assim, permitindo transcender o papel de criatura. “A criação e a destruição, o amor e o ódio não são dois instintos que existam independentemente. São, ambos, respostas para a mesma necessidade de transcendência, e a vontade de destruir cresce quando não pode ser satisfeita a vontade para criar. Contudo, a satisfação da necessidade para criar conduz à felicidade; a de destruir conduz à aniquilação.”⁷⁵ Portanto, a criatividade é a potencialidade primária e a destrutividade é a potencialidade secundária, que surge quando a necessidade inerente do homem em satisfazer suas potencialidades é sufocada.⁷⁶

⁷³ Schaar, J. H. *O Mundo de Erich Fromm*. Trad. Waltensir Dutra. Zahar. Rio de Janeiro. 1965, p.51.

⁷⁴ Fromm, E. *Psicanálise da Sociedade Contemporânea*. Trad. L. A. Bahia e Giasone Rebuá. Zahar. Rio de Janeiro. 1963, p. 49. (35).

⁷⁵ *Ibid.*, p. 50. (36).

⁷⁶ Schaar, J. H. *O Mundo de Erich Fromm*. Trad. Waltensir Dutra. Zahar. Rio de Janeiro. 1965, p. 52.

As necessidades citadas acima compõem o fundamento da análise de Fromm da natureza do homem. Aqui transparece a rejeição de Fromm do instinto de morte da teoria freudiana, o qual favorece a ideia de uma dinâmica psíquica de tipo biológico e inato que, conseqüentemente, naturaliza os conflitos e é de natureza intrinsecamente anti-social. A teoria de Fromm também parece ter um aspecto naturalista quanto ao estado básico conflitante que vive o homem. Mas, Fromm localiza os instintos, a energia, e os impulsos humanos que são, necessariamente, moldados pelo ambiente social, na origem das necessidades humanas na própria condição humana objetiva, isto é, social; de modo que a diminuição do conflito pode variar em grande parte de acordo com o grau de repressão que a estrutura social em que vivem exerce sobre eles. Fromm utiliza essa concepção para avaliar diferentes formas de sociedade. Assim, tanto o conceito de caráter produtivo quanto o de saúde mental que são necessários para elaborar uma crítica de nível social ficam definidos:

Pode-se dizer, em suma, que o conceito de saúde mental se deduz das condições mesmas da existência humana, e que esse conceito é o mesmo para o homem de todas as épocas e todas as culturas. A saúde mental se caracteriza pela capacidade de amar e criar, pela libertação dos vínculos incestuosos com o clã e o solo, por uma sensação de identidade baseada no sentimento de si mesmo como o sujeito e o agente das capacidades próprias, pela captação da realidade interior e exterior, isto é, pelo desenvolvimento da objetividade e da razão. ⁷⁷

Dessa maneira, a capacidade para formar-se um caráter produtivo e alcançar a saúde mental, e o modo como se alcança isso, depende numa proporção menor a fatores individuais do que a fatores sociais. Este nos parece o ponto de crítica radical da teoria de Fromm por afirmar que o desenvolvimento produtivo da personalidade: “não pode ser definido em termos da adaptação do indivíduo à sua sociedade, mas que, pelo contrário, deve ser definido como adaptação da sociedade às necessidades do indivíduo.” ⁷⁸

Portanto, das necessidades apresentadas há pouco, decorre que a condição básica da humanidade é uma condição de carência e necessidade e, que a impossibilidade de satisfazer

⁷⁷ Fromm, E. *Psicanálise da Sociedade Contemporânea*. Trad. L. A. Bahia e Giasone Rebuá. Zahar. Rio de Janeiro. 1963, p. 78. (67).

⁷⁸ Fromm, E. *Psicanálise da Sociedade Contemporânea*. Trad. L. A. Bahia e Giasone Rebuá. Zahar. Rio de Janeiro. 1963, p. 27. (12).

essas necessidades gera os modos regressivos de desenvolvimento tanto em nível individual quanto social.

Com isso, Fromm elabora uma visão normativa ou modelo de natureza humana, a partir do qual lhe torna possível elaborar uma crítica às ordens sociais, julgando pela capacidade de uma sociedade satisfazer as necessidades humanas. Portanto, para Fromm:

A natureza humana não é nem uma soma biologicamente fixada e inata de impulsos, nem tampouco uma sombra inanimada de padrões culturais a que ela se adapte suavemente; ela é o produto da evolução humana, porém também certos mecanismos e leis que lhe são inerentes. Há alguns fatores da natureza humana que são fixos e imutáveis: a necessidade de satisfazer impulsos fisiologicamente condicionados e a de evitar o isolamento e a solidão moral.⁷⁹

Sendo assim, o conceito de homem que emerge da obra de Fromm parte da ideia de que a evolução trouxe ao homem elementos e propriedades que constituíram sua razão e lhe colocou em uma nova condição na natureza, a qual lhe trouxe maior liberdade e, não obstante, novas necessidades de caráter psicológico; que por sua vez são determinantes para a dinâmica do relacionamento do homem com o mundo e a sociedade.

Com as seções anteriores até aqui, vimos as ideias dos principais autores que influenciaram Fromm, e a elaboração do seu conceito de homem. Com isso, temos a base para seguir com o próximo capítulo na análise da formação e do papel do caráter humano.

⁷⁹ Fromm, E. *O Medo À Liberdade*. Trad. Octávio Alves Velho. Zahar. Rio de Janeiro. 1974, p. 27-28. (20). No mesmo livro, na página 26, Fromm explica o que entende por solidão moral: “A falta de relacionamento com valores, símbolos e padrões pode ser chamada de solidão moral; ela é tão intolerável quanto a solidão física, ou melhor, a solidão física somente se torna intolerável quando implica também solidão moral. O relacionamento com o mundo pode assumir muitas formas; o monge que em sua cela crê em Deus, e o prisioneiro político, que em sua reclusão solitária se sente unido aos correligionários, não estão moralmente sós. [...] O relacionamento com o mundo pode ser nobre ou fútil, mas mesmo estar relacionado com o mais abjeto tipo de padrão é imensamente preferível a estar sozinho. A religião e o nacionalismo, assim como qualquer costume e qualquer crença por mais absurdos e degradantes que sejam, desde que liguem o indivíduo a outros, são refúgios contra aquilo que o homem mais teme: o isolamento. (17-18).

Capítulo 2

A formação e o papel do caráter

2.1: A caracterologia de Erich Fromm

A visão de natureza humana de Fromm segue muito proximamente a de Marx, principalmente, no entendimento de que a natureza humana tem características universais, e características particulares que são originadas em consonância com contextos econômicos específicos⁸⁰. Como vimos na primeira seção a partir da obra *Manuscritos Econômicos-*

⁸⁰ As seguintes passagens do *Dicionário do Pensamento Marxista* são esclarecedoras à esse respeito do conceito de natureza humana: A noção de natureza humana envolve a crença de que todos os indivíduos partilham características comuns. Se estas são interpretadas como características que se manifestam na realidade, a noção de natureza humana será descritiva. A noção é normativa quando abrange tendências e disposições potenciais que deverão se manifestar sob determinadas condições. [...] Marx refere-se a sua posição a respeito como uma unidade de naturalismo e humanismo. Naturalismo é a visão de que o homem é parte da natureza. Ele não foi criado por uma entidade espiritual transcendental, mas é o produto de uma longa evolução biológica que, em certo ponto, inicia uma nova forma específica de desenvolvimento, a história humana, caracterizada por uma maneira de agir autônoma, autorreflexiva e criativa: a PRÁXIS. O homem é, portanto, essencialmente um ser da práxis. O humanismo é a concepção de que, como ser da práxis, o homem tanto transforma a natureza como cria a si mesmo: adquire um controle cada vez maior sobre as forças naturais cegas e produz um novo ambiente natural humanizado. Por outro lado, produz grande variedade de capacidades e necessidades, que se tornam então o ponto de partida de novo auto desenvolvimento. Marx não desenvolveu uma teoria sistemática da natureza humana, mas deu várias contribuições de valor duradouro, não só em seus primeiros escritos filosóficos, como também em suas obras científicas da maturidade. Em primeiro lugar, mostrou que a natureza humana pode ser construída como um conceito dinâmico, histórico, sem cair no relativismo. Deve incluir tanto invariantes universais como elementos que variam de época para época: “Se quisermos julgar todos os atos, movimentos, relações humanas, de acordo com o princípio de utilidade, devemos primeiro tratar a natureza em geral e, em seguida, a natureza humana modificada em cada época histórica” (O Capital I, cap.XXII). Marx transcendeu a dicotomia entre o individualismo egoísta e o coletivismo abstrato e primitivo. O indivíduo humano é, ao mesmo tempo, uma pessoa única, voltada para a autoafirmação e a objetificação de suas forças subjetivas, e um ser social, já que todas as suas forças são moldadas socialmente e sua atividade criativa satisfaz as necessidades dos outros. “É necessário, acima de tudo, evitar postular a ‘sociedade’, mais uma vez, como uma abstração que está acima de e contra o indivíduo. O indivíduo é um ser social” (Manuscritos econômicos e filosóficos; Terceiro manuscrito). Marx deu vida nova à distinção estabelecida por Aristóteles entre realidade e potencialidade. Por mais degradada e alienada que a existência humana real possa ser, o homem preserva sempre um potencial de emancipação e criatividade. Especificou, também, as condições sob as quais a potencialidade humana é atrofiada e desperdiçada: a divisão do trabalho, a propriedade privada, o capital, a opressão do Estado, a falsa consciência ideológica. Sua abolição é uma condição necessária para a emancipação universal. [...] O conceito normativo de natureza humana, que fornece os fundamentos de toda a crítica humanista, pressupõe um critério básico de avaliação das várias disposições conflitantes. Essas tendências são consideradas positivas, e dignas de uma tentativa de realização, quando são (1) especificamente humanas, e (2) responsáveis por períodos históricos de desenvolvimento verdadeiramente marcante. Assim, apenas os seres humanos, entre todos os organismos vivos, se comunicam por meio de símbolos e pensam conceitualmente. A vida em paz, a liberdade e a criatividade possibilitaram a evolução e o florescimento da cultura. A agressividade e a destrutividade provocaram períodos de estagnação e decadência. Embora todos esses aspectos sejam considerados

Filosóficos de 1844, assim como Marx, Fromm também considera que existem necessidades fixas que são parte da natureza humana em geral, e outras que são relativas e aparecem como motivações e paixões originadas de acordo com a organização social de cada período histórico. Para Fromm: “O homem é sempre, em qualquer cultura, manifestação da natureza humana, manifestação essa que é, em sua expressão específica, determinada pelos arranjos sociais sob os quais ele vive.”⁸¹

O conceito de natureza humana de Fromm é caracterizado por dois fatores fundamentais que constituem um antagonismo entre a determinação instintiva alcançando um mínimo, e o desenvolvimento do raciocínio ou a possibilidade de atos volitivos, um máximo. A partir do ponto em que essa particular contradição entre “falta” de instintos e aumento do poder de inteligência e raciocínio dos seres humanos passa a constituir uma diferença qualitativa na espécie, infere-se então, o ponto da evolução animal em que o homem emergiu da natureza praticamente como uma espécie nova, com necessidades próprias. “Faltando-lhe a capacidade de agir pelo comando de instintos, ao mesmo tempo em que dotado da capacidade de consciência, raciocínio e imaginação; novas qualidades surgiram que vão além da capacidade de pensamento instrumental.”⁸² Como veremos, para Fromm, essas novas qualidades, objetivamente, são necessidades e carências que caracterizam o atual estágio evolutivo da espécie humana. As seguintes afirmações de Fromm nos ajudam a clarear este momento:

A certa altura da evolução animal ocorreu um acontecimento singular, comparável ao primeiro surgimento de vida e ao primeiro aparecimento da existência animal. Esse novo acontecimento ocorre quando, no processo de evolução, a ação deixa de ser essencialmente determinada pelo instinto; quando o animal transcende o papel puramente passivo de criatura, quando ele se torna, biologicamente falando, o animal mais desamparado, *nasce o homem*. A essa altura, o animal emancipou-se da natureza pela postura ereta, o seu cérebro tornou-se muito maior do que o dos mais superiores animais. [...] Mas o nascimento do homem, tanto ontogênica quanto filogeneticamente, é um acontecimento negativo. A evolução do homem se

constitutivos da natureza humana, o potencial para a práxis é o fim ideal que dá um sentido de direção à autocriação humana na história. *Dicionário do Pensamento Marxista*. Editado por Tom Bottomore. Trad. Waltensir Dutra. Zahar. Rio de Janeiro. 2001, p. 278.

⁸¹ Fromm, E. *Psicanálise da Sociedade Contemporânea*. Trad. L. A. Bahia e Giasone Rebuá. Zahar. Rio de Janeiro. 1963, p.28. (14).

⁸² Fromm, E. *Ter ou Ser*. Trad. Nathanel C. Caixeiro. Guanabara Koogan. Rio de Janeiro. 1987, P. 138.

baseia no fato de haver deixado a sua pátria original, a natureza, e jamais poder regressar a ela, jamais pode voltar a ser animal. Ele é arrancado de uma situação que era definida, tão definida quanto os instintos, e lançado em outra que é indefinida, incerta e aberta.⁸³

A partir dessa acepção que coloca o homem numa situação contraditória e dicotômica por transcender parcialmente a natureza, Fromm toma um segundo passo ao afirmar que essa contradição inerente à existência humana requer uma solução; pois ela origina certas necessidades de aspecto psicológico, citadas na seção anterior; condicionadas pela própria situação existencial humana. Assim, buscar formas de solucionar suas necessidades “inatas” é a motivação básica do comportamento humano. Como veremos, é na atividade humana através da sociedade, mediada pelas determinações particulares de cada sociedade que os homens buscam satisfazer suas necessidades. A maneira como essa atividade ocorre depende, portanto, da cultura já estabelecida; das características de sua organização econômica e estilo de vida; essas características, por sua vez, vão dar origem a determinados padrões de comportamento, que são fixados e mantidos no caráter.⁸⁴

A partir dessas considerações podemos aprofundar na análise sobre o papel do caráter; por que meios a sociedade orienta sua formação, e de que maneira o caráter funciona no processo social.

Em primeiro lugar convém fazer algumas distinções entre conceitos facilmente confundíveis com o de caráter, que são o de temperamento e o de personalidade.

A caracterologia de Fromm parte de uma definição da personalidade, como sendo a “totalidade das qualidades psíquicas herdadas e adquiridas que caracterizam um indivíduo e o tornam original”.⁸⁵ Portanto, a personalidade é um conceito que se refere a uma totalidade fixa e estática; mais útil para classificações e tipologias em geral. Diferente do dinamismo comportamental e suas consequências para os indivíduos e para a sociedade, ao qual o conceito de caráter se refere, e que Fromm o utiliza constantemente.

Em conjunto, as qualidades herdadas e constitucionais são sinônimas de temperamento, e as qualidades adquiridas e formadas são sinônimas de caráter. Como

⁸³ Fromm, E. *Psicanálise da Sociedade Contemporânea*. Trad. L. A. Bahia e Giasone Rebuá. Zahar. Rio de Janeiro. 1963, p. 37-38. (24-25).

⁸⁴ Fromm, E. *O Medo À Liberdade*. Trad. Octávio Alves Velho. Zahar. Rio de Janeiro. 1974. Apêndice: O Caráter e o Processo Social.

⁸⁵ Fromm, E. *Análise Do Homem*. Trad. Octávio Alves Velho. Zahar. Rio de Janeiro. 1983, p. 52. (36).

conceito, o temperamento diz respeito à maneira, à velocidade e intensidade da reação típica de uma pessoa às experiências. Este, por ser constitucional é imutável.⁸⁶ Por sua vez, o caráter determina a respeito de quais acontecimentos e situações a pessoa reagirá, e é modificável apenas até certo ponto. Se, por exemplo, uma pessoa tem temperamento sanguíneo, suas reações serão rápidas, mas a respeito do que ela reagirá rapidamente irá depender do seu tipo de relacionamento, de seu caráter. Segundo Fromm, “o caráter é essencialmente formado pelas experiências da pessoa, especialmente na infância, e modificável, até certo ponto, por discernimentos e por novos tipos de experiências”.⁸⁷ Quer dizer, o caráter é composto a partir dos relacionamentos e experiências significativas para a psique do indivíduo, provenientes de diversas origens, – na teoria de Fromm, a sociedade e a cultura são as principais origens – essas experiências se estruturam e sistematizam no caráter, determinando padrões relativamente estáveis de sentir, pensar e agir dos indivíduos.

O termo caráter provém do grego *charaktér*, que significa marca, sinal, cunho ou tipo de impressão ou gravação.⁸⁸

Cotidianamente, escutam-se expressões como: “Aquela pessoa tem caráter”, ou, “Aquela pessoa é sem caráter”. Aparentemente, este uso corrente se refere a expectativa sobre a estabilidade dos comportamentos e opiniões de alguém e, está sempre acompanhado de um julgamento moral e de valor. A respeito desse julgamento seria necessário uma investigação ética mais profunda para o reconhecimento de seu valor. Mas, no que este uso diz respeito a qualidade de estabilidade dos comportamentos pessoais, nos parece estar em consonância com a utilização pela psicologia e por Fromm.

Segundo o caracterologista e professor francês Dr. Roger Gaillat:

O caráter é entendido como um feixe de traços psicológicos individuais, essencialmente de comportamento. O termo engloba, não só disposições específicas e inatas, mas também a maneira pela qual o sujeito explora essa base primitiva ao sabor das situações que encontra ou provoca. É esse em geral o sentido que lhe dão os caracterologistas alemães: Adler, Haberlin, Klages, Boven e outros franceses como Fouillée, Bourlout e Wallon.

⁸⁶ Fromm, E. *O Medo À Liberdade*. Trad. Octávio Alves Velho. Zahar. Rio de Janeiro. 1974, p.51.

⁸⁷ Fromm, E. *Man for Himself*. Routledge Classics. New York. 2003, p.37. (Tradução nossa). Character is essentially formed by a person’s experience, especially of those in early life, and changeable, to some extent, by insights and new kinds of experiences.

⁸⁸ Ferreira, Aurélio B. de H. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Nova Fronteira. Rio de Janeiro. 2005.

Precisemos com algumas definições: Boven: “Maneira que um homem possui de assumir a vida e de suportar-lhe os percalços.” Fouillée: “O caráter, marca distintiva do indivíduo é a maneira relativamente una e constante de sentir, pensar e querer.” Wallon: “Maneira habitual e constante de reagir que é própria de um indivíduo.” Assinalemos que esses caracterologistas consideram o caráter como um estilo de comportamento que tem origem ao mesmo tempo na natureza do sujeito e nas pressões que o meio exerce sobre ele. Para usar a linguagem dos primeiros psicólogos, o caráter aparece como uma “resultante” ou, caso se prefira, como o resultado proveniente de uma ação exterior sobre um dado suscetível de evoluir.⁸⁹

Em Fromm encontramos duas definições de caráter, uma no apêndice de *O Medo à Liberdade* e outra em *Análise Do Homem*. A primeira afirma que o caráter é: “a forma específica por qual a energia humana é modelada pela adaptação dinâmica das necessidades humanas ao estilo de vida particular de uma dada sociedade”.⁹⁰ E a segunda definição que, por assim dizer, aprofunda a primeira e, ao mesmo tempo, indica duas categorias de relacionamento fundamentais para sua formação afirma que: “O caráter pode ser definido como a *forma (relativamente permanente) pela qual a energia humana é canalizada no processo de assimilação e socialização*”.⁹¹

Em Fromm, os termos assimilação e socialização correspondem às duas formas básicas de relacionamento com o mundo pelas quais o homem busca satisfazer suas necessidades.

Pela primeira os homens adquirem e assimilam coisas; por esta forma de relacionamento, o caráter desenvolve cinco tipos de orientações durante o processo de formação que são a receptiva, a exploradora, a cumulativa, a mercantil e a produtiva. Mais adiante dedicaremos uma seção para examinar o caráter mercantil, haja vista que Fromm o considera como um dos mais encontrados nas sociedades recentemente.

Pela segunda forma de relacionamento, a socialização, o homem se relaciona com outras pessoas, desenvolvendo em seu caráter as traços denominados por masoquismo,

⁸⁹ Gaillat, R. *Chaves da Caracterologia*. Trad. Roberto C. de Lacer e Helena da R. C. de Lacerda. Zahar. Rio de Janeiro. 1976, p.14.

⁹⁰ Fromm, E. *O Medo À Liberdade*. Trad. Octávio Alves Velho. Zahar. Rio de Janeiro. 1974, p. 220. (276).

⁹¹ Fromm, E. *Análise Do Homem*. Trad. Octávio Alves Velho. Zahar. Rio de Janeiro. 1983, p. 58. (42-43).

sadismo, destrutividade, conformismo de autômato e o amor. Fromm denomina os quatro primeiros tipos de orientação de cada forma de relacionamento como improdutivas, e o último tipo como orientações produtivas. As orientações improdutivas são análogas aos tipos de caráter neurótico da teoria freudiana, assim como a orientação produtiva é análoga ao caráter genital em Freud, o qual se refere ao indivíduo que alcançou a maturidade sem fixações em fases anteriores do desenvolvimento psicosssexual.

Assim, a caracterologia de Fromm é, ao mesmo tempo, descritiva e normativa. As orientações improdutivas são tipos eticamente imperfeitos, cada qual representa um impedimento e uma mutilação específicos do potencial do homem, e a orientação produtiva é a que expressa a plena revelação do potencial humano. Fromm diz:

Ao discutir o *caráter produtivo*, aventuro-me além da análise crítica e investigo a natureza do caráter completamente desenvolvido que é o objetivo do desenvolvimento humano e, simultaneamente, o ideal da ética humanista.⁹²

A “orientação produtiva” da personalidade refere-se a uma atitude fundamental, um *modo de relacionamento* em todos os setores da experiência humana. Abrange reações mentais, emocionais e sensoriais aos outros, a si mesmo e aos objetos. A produtividade é a capacidade do homem para usar suas forças e para realizar as potencialidades a ele inerentes. Se dizemos que ele *tem de* usar suas forças subentendemos que é livre e não dependente de alguém que controle essas suas forças. Subentendemos, ademais, que é guiado por sua razão, porquanto só poderá usar suas forças se as conhecer, souber como usá-las e para que usá-las. A produtividade significa que ele experimenta a si mesmo como a corporificação de suas forças e como o “ator”; que se sente unido as suas forças e, ao mesmo tempo, em que estas não estão escondidas e alienadas dele.⁹³

Em outras palavras do próprio Fromm:

O senso de impotência gera a necessidade de ídolos, daí esta ser menos intensa quanto mais a pessoa for bem-sucedida na sua existência em virtude de seu próprio esforço ativo; quanto mais desenvolver a razão e

⁹² Fromm, E. *Análise Do Homem*. Trad. Octávio Alves Velho. Zahar. Rio de Janeiro. 1983, p. 77. (61).

⁹³ *Ibid.*, p. 78. (61-62).

seus poderes de amar; quanto mais tiver um senso de identidade, não mediado pelo seu papel social, mais enraizado na autenticidade de seu ser; quanto mais puder dar e se relacionar com os outros, sem perder sua liberdade e integridade; quanto mais ela se tornar ciente do seu inconsciente, então nada humano dentro de si e nos outros será alheio a ela.⁹⁴

No caráter do indivíduo, diversas orientações estão mescladas e aquela que se tornará predominante dependerá, em grande parte, das peculiaridades e das práticas sociais vigentes do período histórico em que o indivíduo vive. De maneira geral, esclarece Fromm: “O sistema do caráter pode ser considerado o sucedâneo humano para o equipamento instintivo do animal. Uma vez que a energia seja canalizada de certa maneira, a ação se efetua “conforme o caráter””.⁹⁵ Sendo assim, o caráter canaliza a energia e alivia o homem de ter de tomar uma decisão deliberada em todas as situações que o envolvem. Em outras palavras, as decisões são tomadas inconscientemente. Cada cultura estabelece um caráter social que serve de condutor na formação do caráter individual, como veremos na próxima seção; as estruturas socioeconômicas e políticas da sociedade fomentam certos traços de caráter nos indivíduos de modo que se comportem de maneira útil para a manutenção e permanência da sociedade numa determinada ordem de funcionamento.

Em sua análise da psicologia do nazismo, Fromm busca mostrar como fatores econômicos e psicológicos podem se influenciar mutuamente e, neste caso, como conhecido, contribuiu para promover a barbárie, uma solução regressiva e destrutiva em nível coletivo.

Ele afirma:

O sentimento da antiga classe média, de impotência, angústia, e isolamento do conjunto da sociedade, assim como a destrutividade que brotava dessa situação, não foram o único manancial psicológico do nazismo. A vasta maioria da população estava tomada pelo sentimento de insignificância e impotência individual, que descrevemos como sendo típico do capitalismo monopolista em geral. No período de pós-guerra, foi a classe média, particularmente a sua camada inferior que se viu ameaçada pelo

⁹⁴ Fromm, E. *Contribuição ao redirecionamento da Psicanálise*. Tradução: Lúcia H. S. Barbosa. Manole. São Paulo. 1992, p. 75.

⁹⁵ Fromm, E. *Análise Do Homem*. Trad. Octávio Alves Velho. Zahar. Rio de Janeiro. 1983, p. 59. (43).

capitalismo monopolista. Isso despertou a angústia, e, portanto o ódio; entrou em estado de pânico e ficou louca por submeter-se, assim como por dominar aos que fossem impotentes. Hitler mostrou-se um instrumento tão eficiente porque combinava as características de um pequeno-burguês ressentido e cheio de ódio, com quem a classe média inferior podia identificar-se emocional e socialmente, com as de um oportunista que estava pronto a servir aos interesses dos industriais alemães.⁹⁶

Essas circunstâncias socioeconômicas favoreceram as condições para a fomentação de traços de caráter sadomasoquistas e de um caráter social autoritário.

A essência do caráter autoritário foi descrita como a presença simultânea de impulsos sádicos e masoquistas. O sadismo foi explicado como visando ao poder absoluto sobre outra pessoa, mais ou menos mesclado com a destrutividade; o masoquismo como visando à desintegração da própria pessoa absorvida por um poder esmagadoramente forte e participando da força e da glória dele. Tanto as tendências sádicas quanto as masoquistas são provocadas pela incapacidade do indivíduo isolado para sustentar-se sozinho e por sua necessidade de um relacionamento simbiótico que supere esta solidão.⁹⁷

Aqui, podemos enfatizar a principal diferença entre a teoria do caráter de Fromm da teoria de Freud. Para Fromm a base fundamental do caráter não se dá pelos vários tipos de organização da libido, porém em tipos específicos de relacionamento da pessoa com o mundo. Contudo, a teoria de Fromm segue a caracterologia de Freud em seus pontos essenciais, principalmente, como o próprio Fromm afirma:

[...] na suposição de que os traços de caráter servem de base ao comportamento e deles devem ser inferido; eles constituem forças que, malgrado poderosas, podem ser inteiramente inconscientes para a pessoa. Segue Freud igualmente na admissão de que a entidade fundamental do caráter não é o traço de caráter isolado, e sim a organização total do caráter de que decorrem diversos traços de caráter isolados. Estes devem ser

⁹⁶ Fromm, E. *O Medo À Liberdade*. Trad. Octávio Alves Velho. Zahar. Rio de Janeiro. 1974, p. 174. (216)

⁹⁷ *Ibid.*, p. 177. (220)

entendidos como um síndrome que resulta de determinada organização ou, como eu a denomino, de uma orientação de caráter.⁹⁸

Fromm também concorda com Freud em que as primeiras experiências são cruciais para a formação do caráter, entretanto, Fromm enfatiza a cultura em que as experiências ocorrem; principalmente, o ambiente familiar já estabelecido pelo caráter social de um determinado sistema econômico implicando, assim, em uma maior influência de fatores sociais na formação do caráter.

Para clarear esse momento da caracterologia de Fromm, vamos investigar na seção seguinte o seu conceito de caráter social em que melhor se exprime a interação entre caráter e forças socioeconômicas.

⁹⁸ Fromm, E. *Análise Do Homem*. Trad. Octávio Alves Velho. Zahar. Rio de Janeiro. 1983, p. 57. (41-42).

Capítulo 2

A formação e o papel do caráter

2.2: A Função do Caráter Social.

O conceito de caráter social de Fromm é um dos principais resultados do esforço de Fromm em fundir a teoria de Marx com a de Freud. Com o desenvolvimento do pensamento de Marx, muitos socialistas tornaram-se conscientes do fato de que a teoria marxista carece de uma teoria psicológica que satisfaça a necessidade do homem por um sistema de orientação e fundamentação de normas éticas, como buscamos apresentar na introdução desse trabalho. De outro lado, desenvolvendo o caminho crítico inaugurado por Marx, os pesquisadores do Instituto de Pesquisa Social em Frankfurt buscaram completar a crítica de Marx com a psicologia de Freud a fim de elaborar teorias críticas capazes de melhor descrição e análise das situações sociopolíticas e culturais presentes. Ficando esta tradição conhecida como freudo-marxismo que teve como primeiros objetos de pesquisa, dois fatos históricos: a Revolução Russa de 1917 e a ascensão de Hitler ao poder, em 1933.

Ambos os fatos colocam em evidência a importância do fator subjetivo da história até então omitido pelos marxistas ortodoxos, haja vista que estes analisam os acontecimentos, primordialmente, em termos políticos e econômicos. Se, no caso da Revolução Russa, o que tem relevância é a constatação de que a revolução acontece mesmo sem as forças produtivas estarem prontas, no caso da subida ao poder por Hitler, é o apoio que este recebe da classe operária a questão que suscita interesse. A questão busca responder por que o proletariado apoia Hitler, agindo contrariamente aos seus interesses de classe, ou seja, como aceitam o fascismo voluntariamente. Assim, tendo em vista que a análise em termos econômicos-políticos não dá conta de esclarecer esses impasses, os conceitos da psicologia são utilizados como um instrumento de crítica da sociedade, na medida em que pode explicar a subjetividade e o comportamento humano.

Para manter-se na teoria marxista e poder completar sua teoria, a psicologia tem de enxergar o condicionamento das forças psíquicas como um processo de interação constante

entre as necessidades do homem e a realidade social e histórica na qual existem. Tem de ser uma psicologia que origina-se, desde o começo, como psicologia social. E a psicologia de Freud que começa a ser publicada depois da morte de Marx cumpre essas condições principais. Os pressupostos materialistas que a análise sociológica marxista identifica tematizam que as representações individuais sejam entendidas como mediações entre práticas sociais localizadas e seus conteúdos ideológicos. Isso significa que, para a compreensão da origem das representações individuais, não é suficiente identificá-las a algum contexto ideológico, mas reinterpretá-las a partir das práticas sociais concretas, nas quais os indivíduos vistos como objeto de investigação estão inseridos.⁹⁹

Contudo, a tradição que buscou unir o marxismo com o freudismo, a qual Fromm pertence, realizou a revisão de alguns dos conceitos da teoria de Freud. Para Erich Fromm, fenômenos psíquicos como isolamento, medo, inatividade, alienação e ansiedade, que atuam e contribuem para fundamentar a sociedade tecnologicamente organizada, assumiram o papel central que, na visão de Freud, era atribuído ao recalçamento da sexualidade.

Em Erich Fromm, foi a teoria freudiana da libido que sofreu maiores críticas por estar enraizada num fisiologismo mecanicista de visão fundamentalmente biológica a respeito do homem. Fromm discorda dessa concepção, ele diz:

Procurei ater-me às descobertas básicas de Freud, substituindo, porém, sua filosofia mecanicista-materialista por uma humanista. O homem não é uma máquina que é regulada por um mecanismo de “tensão-distensão” deflagrado quimicamente. O homem é uma totalidade e tem a necessidade de relacionar-se com o mundo.¹⁰⁰

Ao enfatizar a influência de fatores socioeconômicos na formação do caráter, o próprio Fromm descreve sua orientação como sendo sociobiológica, centralizada em torno do problema da sobrevivência, concebendo o homem, antes de tudo, como um ser social que necessita relacionar-se com o mundo a fim de sobreviver física e mentalmente. Tanto a psicologia social quanto a psicologia individual tenta compreender a estrutura psíquica a partir das experiências de vida pessoais. Todavia, Fromm as compreende sendo determinadas, fundamentalmente, como resultado das práticas e estilos de vida comuns a

⁹⁹ Fromm E. *Contribuição ao redirecionamento da Psicanálise*. Tradução: Lúcia H. S. Barbosa. Manole. São Paulo. 1992. Cap. 1.

¹⁰⁰ *Ibid.*, p.14.

muitos indivíduos em um determinado contexto histórico. Consequentemente, a psicologia social de Erich Fromm deseja investigar como certas neuroses e orientações de caráter, observados nos membros de uma mesma sociedade estão relacionados com as experiências de vida comuns aos membros dessa sociedade.

Como Fromm afirma no apêndice *O Caráter e o Processo Social* do livro *O Medo à Liberdade*: “A função subjetiva do caráter é levar a pessoa a agir de acordo com o que é necessário para ela sob um ponto de vista prático e, também, proporcionar-lhe satisfação psicológica através de sua atividade”.¹⁰¹ Desse modo, é através da atividade, isto é, do trabalho que a pessoa é inserida na sociedade e no processo social, recebendo um lugar onde possa produzir dentro de um determinado sistema econômico. Os membros dessa sociedade, as várias classes ou grupos nela existentes precisam se comportar da maneira que lhes permita funcionar no sentido exigido pela estrutura econômica. Assim, a função do caráter social consiste em modelar as energias dos membros da sociedade de tal forma que sua conduta não seja assunto de decisão consciente quanto a seguir ou não a norma social, mas uma questão de desejarem se comportar como têm de se comportar, encontrando, ao mesmo tempo, prazer em proceder da forma exigida pela cultura. Em outras palavras, a função do caráter social consiste em moldar e canalizar a energia humana em uma determinada sociedade para que esta possa seguir funcionando continuamente.

Um dos principais fatores para a formação e a manutenção do caráter social são as organizações familiares e os sistemas educacionais. Fromm chama essas duas instituições de “os agentes psíquicos da sociedade”.¹⁰² Por meio deles, principalmente da família, uma vez que o caráter da maior parte dos pais é expressão do caráter social, se transmite à criança os traços essenciais da estrutura de caráter socialmente desejável. Por isso, o sistema educacional e outros aparelhos culturais têm seu poder de autoridade facilitado e legitimado, apresentando o poder econômico e político como prolongamentos naturais da autoridade paterna, consolidando o caráter social, ao mesmo tempo em que nele se originam.

Igualmente agindo no sentido de sistematizar e estabilizar o caráter social está a forma de organização do sistema de produção e distribuição em uma sociedade, que por sua vez, determinam as relações sociais e os modos de vida praticados em tal sociedade.

¹⁰¹ Fromm, E. *O Medo à Liberdade*. Apêndice: O Caráter e o Processo Social. Trad. Octávio Alves Velho. Zahar. Rio de Janeiro. 1974, p. 223. (281).

¹⁰² Fromm, E. *Análise Do Homem*. Trad.. Octávio Alves Velho. Zahar. Rio de Janeiro. 1983, p. 59. (44).

Dessa forma é inculcido, por exemplo, no caráter dos homens da sociedade industrial moderna, por meio do caráter social, a exigência de que sua energia e disciplina sejam dedicadas ao trabalho. Ele interioriza várias atitudes sobre o valor e dever do trabalho que funcionam eficientemente para controlar o seu comportamento.

Nas palavras de Fromm: “A necessidade de trabalhar, de pontualidade e ordem teve de ser transformada em impulso interior para esses objetivos. Isto quer dizer que a sociedade teve de produzir um caráter social a que tais impulsos fossem inerentes.”¹⁰³ De modo que a função do caráter social seja transformar uma necessidade social num impulso interior em cada indivíduo. Dessa maneira, o caráter social constitui o intermediário entre a estrutura socioeconômica e as ideias dominantes numa sociedade, funcionando em ambas as direções, da base econômica para as ideias e das ideias para a base econômica.

Assim, uma vez que certas necessidades influenciadas por fatores sociológicos e econômicos forem inculcadas em uma estrutura de caráter, os comportamentos ajustados a elas são, ao mesmo tempo, satisfatórios psicologicamente e construtivos sob o ponto de vista das condições objetivas. Enquanto uma sociedade oferece ao indivíduo essas duas satisfações simultaneamente, há uma situação em que as forças psicológicas preservam a estrutura social. Contudo, em circunstâncias anormais, quando surgem novas condições econômicas, os traços de caráter tradicionais podem se tornam inúteis, gerando desvantagens e reações que podem tomar os sentidos destrutivos ou criativos, revolucionários ou conservadores para a sociedade.

Fromm coloca o seguinte exemplo a esse respeito:

A nova classe mercantil que se formou na Europa e na América do Norte a partir dos séculos XVII e XVIII caracterizava-se pela atitude acumulativa. Ela era adaptada à necessidade de acumular capital, diligência pessoal, obsessão para trabalhar, ausência de compaixão etc. Só os que possuíssem todos, ou pelo menos alguns elementos desse modo de caráter acumulativo poderiam ser bem sucedidos nas novas condições do capitalismo em formação. O mesmo caráter social não teria sido adaptativo para o artesão medieval cujo caráter brotou da forma de produção pré-capitalista em que não a poupança e o trabalho obsessivo, porém uma tendência para usufruir

¹⁰³ Fromm, E. *Psicanálise da sociedade Contemporânea*. Trad. L. A. Bahia e Giasone Rebuá. Zahar. Rio de Janeiro. 1963, p.88. (78).

a vida, inclusive o trabalho, era o que sobressaía. Com as novas oportunidades econômicas, aqueles cujo caráter tinha uma mescla mais ou menos forte de traços acumulativos se tornaram o grupo mais vitorioso, por seu caráter combinar com as novas circunstâncias.¹⁰⁴

O processo de adaptação desse período histórico, de importância fundamental para a formação do caráter social posterior teve, segundo Fromm, a ideologia protestante como intermediária. Veremos esse ponto em uma seção adiante.

Esse mesmo processo adaptativo que coloca em conflito as contradições entre caráter e novas condições socioeconômicas pode ser encontrado em diversos períodos históricos e influenciado para determinada direção por diversos fatores culturais. No período contemporâneo, por exemplo, a mídia e os novos veículos de comunicação apresentam a possibilidade de influir na mudança de caráter em determinadas direções e de forma rápida.

Contudo, Fromm chama a atenção para o seguinte fato a respeito do caráter social, o qual, na passagem abaixo ele chama de “lapso”, isto é, a diferença entre as exigências do comportamento tradicional de um grupo e as exigências de comportamento de determinado contexto sócioprodutivo:

Queremos, porém, ressaltar que a incapacidade de entender este lapso caracterologicamente condicionado é um dos fatores não percebidos pela teoria marxista e isso conduziu à opinião super-otimista de que condições modificadas produziram imediatamente um homem modificado.¹⁰⁵

Desse modo, vemos que Fromm busca elaborar uma psicologia social que coloca a relação entre o indivíduo e a sociedade de modo tal que sua especificidade não coincida nem com a psicologia, nem com a sociologia. Mas, ela pensa dialeticamente e a partir de suas contradições. Pois, critica a sociologia pensada sem indivíduos, sem o dinamismo próprio da natureza destes, e a psicologia, voltada unicamente ao sujeito, que ignora que estes se desenvolvem socialmente e que é a sociedade e a cultura que lhes permitem se constituir como indivíduos; e também, porque essa relação é histórica e, assim, a possibilidade do indivíduo ser mais ou menos produtivo ou improdutivo depende da configuração social e sua necessidade de crescimento econômico tal como o conceito de caráter social indica; isto

¹⁰⁴ Fromm E. Maccoby M. *Caráter Social de Uma Aldeia. Um Estudo Sociopsicanalítico*. Trad. Octavio A. Velho. Zahar. Rio de Janeiro. 1970, p. 303.

¹⁰⁵ *Ibid.*, p. 306.

é, que a sociedade produz nos indivíduos os traços de caráter que necessita para se manter tal como é; e ainda, porque a sociedade não determina apenas externamente a formação do indivíduo, mas de forma interiorizada, tendo ela na atualidade, demasiada influência sobre a determinação do comportamento individual, mesmo que assim não seja percebido.

Assim, para um pensador que tem o materialismo histórico como uma de suas bases, não é unicamente a ênfase no indivíduo mas, fundamentalmente, os comportamentos irracionais manifestados em massas, grupos ou instituições; seus sentimentos, pensamentos, tendências e ações padronizadas; juntamente, com a natureza do dinamismo psíquico dos indivíduos e as direções que as “descargas” pulsionais reprimidas e projetadas podem tomar se as condições políticas e ideológicas forem favoráveis à sua legitimação.

Os estudos a esse respeito foram, certamente, motivados por um novo objeto surgido nos regimes de governos fascistas. Ou seja, desejou-se compreender porque os indivíduos agem contra seus interesses racionais, numa sociedade com uma administração aparentemente racional e democrática. Portanto, a importância de uma caracterologia de abordagem sociopsicológica aplicada ao entendimento de problemas da cultura está no fato de apresentar a estrutura de caráter de um indivíduo como determinante responsável por sua ação, sentimentos e pensamentos, pois, afinal, os fenômenos culturais e sociais são produtos do relacionamento entre muitos indivíduos.

Essas considerações mostram que a síntese frommiana de marxismo e psicanálise tematiza uma mútua influência entre seus conceitos. Assim, a maneira como as ideologias são originadas e funcionam, se serão aceitas ou refutadas, pode ser melhor abordado se chegarmos à compreensão maior levando em conta a estrutura de caráter dos indivíduos envolvidos. Para tanto, Fromm parece ter dado um importante passo com a caracterização de como age o aparelho pulsional de um grupo, seu comportamento libidinal e majoritariamente inconsciente, em função da estrutura econômica; pelo advento de seu conceito de caráter social. Isso pode fornecer um conhecimento mais objetivo e adequado de um fator essencial no processo social, a saber, a natureza do próprio homem como parte funcional da infraestrutura.

Capítulo 3

A abordagem sociopsicológica de Erich Fromm

3.1: O Caráter Autoritário

Na presente seção pretendemos explicitar o conceito de caráter autoritário de Erich Fromm, o qual pode ser considerado um conceito “chave” ou paradigmático para a interpretação dos resultados alcançados pelas pesquisas empíricas realizadas pelo Instituto de Pesquisas Sociais, e para os diagnósticos psicossociais em geral. Dada sua relevância para a compreensão do comportamento anti-democrático em diversos âmbitos da civilização.

Pois, o tipo de caráter de autoritário conceitua um momento importante, que é o de desvelar e expor traços “profundos” da estrutura de caráter, ele se refere a organização inconsciente de suas necessidades que, afinal, determinam seu comportamento. Busca-se acessar essa estrutura e organização por meio dos questionários. De tal modo, conceituando tais estruturas de caráter, apreende-se o âmbito subjetivo, não observável; que, somado ao conhecimento sociológico e, portanto, do âmbito objetivo e observável, podem ser fundidas em categorias e tipologias de aspecto psicossociais, como democráticas, antidemocráticas, revolucionárias ou preconceituosas, a partir das quais se formulam hipóteses sobre as predisposições ideológicas e comportamentais do grupo analisado.

Lembrando que a relação entre o empírico e o teórico foi tematizada desde 1931 por Horkheimer. As consequências comportamentais envolvendo o caráter autoritário não devem ser pensadas a partir de critérios fora da teoria crítica; mas, como pensaram os frankfurtianos, desejando apreender histórica e filosoficamente o próprio objeto imanente à complexidade do fenômeno social, quer dizer, no contexto intelectual e teórico em que foi concebido, na forma dialética de trabalhar com as dimensões teóricas e empíricas daqueles pesquisadores.

As pesquisas iniciais do Instituto de Pesquisas Sociais de Frankfurt feitas tanto por Fromm como por outros pesquisadores que, entre outros objetos de estudo, buscaram a compreensão de dois grandes acontecimentos da história moderna, que foram os sistemas de

Hitler e Stalin, ambos os quais haviam estabelecido regimes autoritários. Essas pesquisas basearam seus estudos, principalmente os dirigidos por Fromm, no reconhecimento das tendências e traços sádicos e masoquistas¹⁰⁶ presentes no caráter da população analisada, quer dizer, em seus anseios e impulsos de submissão e dominação, os quais compõem a subjetividade autoritária. Os caracteres composto por esses anseios e impulsos são entendidos como os alicerces humanos a aceitação de determinadas ideologias e para o estabelecimento de governos autoritários e fascistas.

O sistema fascista chama-se a si mesmo de autoritário por causa do papel dominante da autoridade em sua estrutura política e social. Pelo nome caráter autoritário subentendemos o que ele representa na estrutura de personalidade que constitui as fundações humanas do fascismo.¹⁰⁷

Logo, a identificação daqueles impulsos na estrutura caracterológica da população representa, em nível social, o desejo de uma estruturação política também autoritária.

Outro aspecto importante para compreender a relação de indivíduos com relação à autoridade atualmente é o aspecto de que a autoridade não se apresenta explicitamente. No período em que os dois regimes de governo citados acima ocorreram, a autoridade e, portanto, o objeto através do qual os impulsos sadomasoquistas buscaram satisfação eram mais explícitos e claramente identificáveis do que como ocorre nas últimas décadas, quando esse objeto se torna praticamente impessoal e anônimo. Nos acontecimentos citados, esse objeto foi Hitler e Stalin e suas respectivas ideologias, que conseguiram mobilizar grande parte da população. Em décadas mais recentes a autoridade se tornou a economia e o mercado, como veremos em uma subseção posterior.

O caráter autoritário é identificado por sua atitude frente à autoridade, sejam os impulsos e traços sádicos, que buscam dominar o outro, ou os masoquistas, que buscam

¹⁰⁶ “Esse termo proveio essencialmente do vocabulário da sexologia, mas foi retomado por Sigmund Freud e seus herdeiros no quadro mais geral de uma teoria da perversão e da pulsão estendida a outros atos além das perversões sexuais. Nesse sentido, foi acoplado ao termo masoquismo para formar um novo vocábulo, o sadomasoquismo, que posteriormente se impôs em toda a terminologia psicanalítica para designar uma perversão sexual baseada num modo de satisfação ligado ao sofrimento infligido ao outro e ao que provém do sujeito humilhado. Por extensão, esse par de termos complementares caracteriza um aspecto fundamental da vida pulsional, baseado na simetria e na reciprocidade entre um sofrimento passivamente vivido e um sofrimento ativamente infligido”. ROUDINESCO, E. PLONE, M. *Dicionário de Psicanálise*. Trad. Vera Ribeiro. Zahar. Rio de Janeiro. 1998, p. 681.

¹⁰⁷ Fromm, E. *O Medo À Liberdade*. Trad. Octávio Alves Velho. Zahar. Rio de Janeiro. 1974, p.29. (162)

submeter-se à outro; o mecanismo psicológico em ação é basicamente o mesmo, pois procuram superar a mesma dificuldade. Fromm diz:

Num caso, eu me dissolvo em uma força exterior; no outro, eu me amplio fazendo de outro uma parte de mim e, por conseguinte, adquiro o vigor de que careço como um ego independente. É sempre a incapacidade para suportar a solidão do eu individual que conduz ao impulso para entrar em uma relação simbiótica ¹⁰⁸com outrem. Isso deixa patente por que as tendências sádicas e masoquistas estão sempre combinadas entre si. Conquanto na superfície pareçam contraditórias, estão essencialmente implantadas na mesma necessidade básica. ¹⁰⁹

Assim, foi a partir dessa concepção que Fromm elaborou os questionários que foram entregues aos trabalhadores alemães durante seu trabalho no Instituto de Pesquisas Sociais em Frankfurt na década de 30. Nos questionários, como já visto, haviam perguntas cujas respostas expressavam a atitude dos respondentes com relação à autoridade e, com isso, Fromm obtinha uma perspectiva do caráter social do grupo investigado e, conseqüentemente, das tendências de seu comportamento político. Desse modo, conclui Fromm: “Se o indivíduo encontra padrões culturais que o satisfaçam (como a submissão ao “chefe” na ideologia fascista), ele obtém certa segurança ao ver-se unido a milhões de outros que partilham dos mesmos sentimentos.” ¹¹⁰

Como visto na subseção 1.4 sobre o conceito de homem em Fromm, ele estabelece como uma necessidade imperativa da natureza humana, a necessidade de relacionamento; retomando este ponto: o homem perdeu sua união primordial com a natureza; tendo razão e imaginação, vê-se isolado num mundo indiferente; o homem não pode tolerar esse estado de ser, e tem de lutar para estabelecer relações com seus semelhantes que substituam os laços instintivos que perdeu. “A necessidade de unir-se com outros seres vivos, de relacionar-se com eles, é uma necessidade imperativa, de cuja satisfação depende a saúde mental do

¹⁰⁸ Fromm entende por simbiose: “A simbiose nesta acepção psicológica, significa a união de um eu individual com outro eu (ou com qualquer outra forma extrínseca ao próprio eu), de maneira tal a fazer cada um perder a integridade do próprio eu, a torná-los completamente dependentes um do outro.” Fromm, E. *O Medo À Liberdade*. Trad. Octávio Alves Velho. Zahar. Rio de Janeiro. 1974, p.130. (157).

¹⁰⁹ *Ibid.*, p.130. (157)

¹¹⁰ *Ibid.*, p.126. (152)

homem. Essa necessidade está por trás de todos os fenômenos que constituem toda a gama de relações humanas.”¹¹¹

Como ocorre com todas as outras necessidades básicas, a necessidade de relacionamento pode ser satisfeita de várias formas. “Pode-se tentar ser uno com o mundo, sujeitando-se a uma força externa, tornando-se parte de um todo maior, extrínseco ao indivíduo, e fundir-se e compartilhar dele. Este poder pode ser uma pessoa, uma instituição, Deus, a nação, a consciência, ou uma compulsão psíquica”.¹¹² Ou pode-se realizar a união exercendo poder, estabelecendo o domínio sobre os outros e fazendo deles uma parte de si mesmo. Essas duas formas de vínculos são na terminologia de Fromm formas improdutivas de relacionamento, por meio das quais o homem alcança alguma segurança, porém, renunciando e impossibilitando o desenvolvimento de sua personalidade, segundo os preceitos do pensamento ético humanista de Fromm. A seguinte passagem apresenta uma visão ampla do papel do caráter autoritário dentro de sua filosofia social:

A função de uma ideologia e prática autoritária pode ser comparada à dos sintomas neuróticos. Esses sintomas provêm de condições psicológicas insustentáveis e, ao mesmo tempo, apresentam uma solução que torna possível viver. No entanto, eles não são uma solução que leve à felicidade ou ao crescimento da personalidade. Deixam intactas as condições que impõem a solução neurótica. O dinamismo da natureza humana é um fator importante que tende a procurar soluções satisfatórias desde que haja uma possibilidade de alcançá-las. A solidão e a impotência do indivíduo, sua busca de realização das potencialidades que se formaram nele, o fato objetivo da crescente capacidade produtiva da indústria moderna são fatores dinâmicos que constituem a base para uma procura cada vez maior da liberdade e da felicidade. A fuga para a simbiose pode aliviar o sofrimento por algum tempo, mas não o elimina. A história da humanidade é a história da crescente individuação, mas é também a da liberdade crescente. A busca da liberdade não é uma força metafísica e não pode ser explicada por leis naturais; é a resultante necessária do processo de individuação e da expansão da cultura. Os sistemas autoritários não podem extinguir as condições fundamentais que dão lugar à busca da liberdade,

¹¹¹ Fromm, E. *Psicanálise da Sociedade Contemporânea*. Trad. L. A. Bahia e Giasone Rebuá. Zahar. Rio de Janeiro. 1963, p.43. (29).

¹¹² Fromm, E. *O Medo À Liberdade*. Trad. Octávio Alves Velho. Zahar. Rio de Janeiro. 1974, p. 129. (154).

nem podem eles, tampouco, exterminar a busca da liberdade que surge dessas condições.¹¹³

Dessa maneira, estudando os trabalhadores das camadas médias e baixa, Fromm verificou tratar-se de caracteres ao mesmo tempo sádicos e masoquistas. Esses caracteres estão, na verdade, por toda a sociedade, predominando, em cada indivíduo, um ou outro fator de tal estrutura de caráter de acordo com a posição social ocupada pelo indivíduo em questão.

O caráter sadomasoquista, que compõe a condição subjetiva fomentada pela ideologia fascista é constituído sobre as bases econômicas típicas do capitalismo monopolista. Segundo Fromm:

Nos setores em que o capital monopolista alcançou vitórias foi aniquilada a independência econômica de muita gente. Para aqueles que tem de lutar, especialmente para a maior parte da classe média, essa luta assume o caráter de uma batalha contra tais desvantagens que o sentimento de confiança na iniciativa e coragem individuais é substituído por uma sensação de impotência e desesperança. Um poder enorme, conquanto secreto é exercido sobre o conjunto da sociedade por um pequeno grupo, de cujas decisões depende a sorte de grande parte da sociedade.¹¹⁴

Conclui-se, portanto, que do ponto de vista da relação com a autoridade, a fase do capitalismo atual, também chamado de avançado, monopolista ou tardio¹¹⁵, isto é, a fase das grandes empresas, de centralização de capital e de poder, as quais não possuem um chefe ou proprietário absoluto, o que, apenas transfere o papel da autoridade para outros mecanismo, como por exemplo a opinião pública; é uma fase em que o desenvolvimento do caráter autoritário permanece em latência.

Na fase do capitalismo liberal do século XIX, se encontrava no horizonte social as chances de crescimento por meio do trabalho e da apropriação de valores burgueses. Essas chances serviam de fundamento para uma ideologia que, mediadas pelas ideias de liberdade e de autodeterminação na atividade econômica, servia para a constituição de um caráter social marcado por traços como o forte dedicação ao trabalho, a poupança, a aquisição e a

¹¹³ Fromm, E. *O Medo À Liberdade*. Trad. Octávio Alves Velho. Zahar. Rio de Janeiro. 1974, p. 190. (237)

¹¹⁴ *Ibid.*, p. 105. (123)

¹¹⁵ Cf. *Dicionário do Pensamento Marxista*. Editado por Tom Bottomore. Trad. Waltensir Dutra. Zahar. Rio de Janeiro. 2001, p. 51 ss.

acumulação. No capitalismo monopolista, por outro lado, as chances de identificação da classe trabalhadora com a burguesia diminuem, e a concentração de capital e poder econômico em pequenos grupos, ao mesmo tempo em que os homens pareciam subordinados e impotentes em relação as crises econômicas, o desemprego e as ameaças de guerras, desenvolveram uma forma nova de viver; a qual parece podermos afirmar com Fromm, ainda mantêm as condições para formação de traços de caráter sadomasoquista.

Assim, o homem contemporâneo aparece propenso ao autoritarismo, pois, dotado de indiferença e impossibilidade de desenvolver produtivamente sua personalidade, seu trabalho é considerado alienante, quase não é mais capaz de relacionamento produtivo com o outro, nem de ter experiências. Essas características, para Fromm, fragilizam a formação do “eu”, devido, quer à organização racional da sociedade que instrumentaliza os indivíduos e, portanto, pode prescindir do pensamento individual, quer à ameaça existente de ser deixado de lado, caso não se siga o que todos seguem, implicando no comportamento cada vez mais padronizado dos indivíduos.

Isso deve ocorrer, segundo Fromm, porque os indivíduos não conseguem conjugar a “liberdade de”, que permite a emancipação pessoal, com a “liberdade para”, que permite a realização produtiva da individualidade por meio da solidariedade ativa com os outros e seu trabalho produtivo, caracterizando-se como uma liberdade emancipatória que evita o isolamento e a alienação. Assim, sempre que as condições econômicas e sociopolíticas inserem um “vazio” ou “hiato”, impossibilitando a construção de uma base mais consistente para a realização da individualidade de modo produtivo, produz-se a indiferença e o autoritarismo.

Este hiato torna a liberdade um fardo insuportável. Ela torna-se, então, idêntica à dúvida, a um tipo de vida que carece de significado e direção. Surgem tendências poderosas para escapar deste tipo de liberdade para a submissão ou para alguma espécie de relacionamento com os homens e com o mundo que prometa aliviar a incerteza, ainda que despoje o indivíduo de sua liberdade.¹¹⁶

Sendo assim, a própria classe trabalhadora passa a canalizar sua agressividade para grupos sociais em situação mais desfavorável; quando a perspectiva de ascensão social e inclusão nos padrões socioeconômicos dominantes são substituídas pelo fatalismo e pela

¹¹⁶ Fromm, E. *O Medo À Liberdade*. Trad. Octávio Alves Velho. Zahar. Rio de Janeiro. 1974, p. 39. (35)

crença num destino histórico ao qual se deve submeter-se. De acordo com Sérgio Paulo Rouanet:

É nessa relação ativa e passiva com o poder que a personalidade sadomasoquista consegue realizar-se libidinalmente. O prazer sexual concretiza-se na obediência aos fortes e poderosos. Mas a submissão incondicional ao poder implica, ao mesmo tempo, inveja e agressividade. Como a lógica do masoquismo impede que o ódio ao agressor se exteriorize, a agressividade é reprimida e canalizada contra os mais fracos. Com o mesmo autoritarismo com que reverencia a força, a personalidade autoritária despreza a fraqueza.¹¹⁷

Certamente essa ideologia fatalista esteve presente em diversos momentos históricos anteriores, mas o capitalismo monopolista da primeira metade do século XX tornou a surgimento de tal ideologia em caráter social e um fator constituinte na manutenção do sistema; onde as contradições sociais aparecem ao indivíduo como insolúveis e a única solução parece ser entregar-se a um poder superior, ao conformismo e a automatização da vida; que como visto promovem as condições que conduzem ao fortalecimento do caráter autoritário. Resumidamente, o caráter autoritário resulta do relacionamento simbiótico com a autoridade; quer dizer, segundo Fromm, quando ocorre a perda do ego e a submissão às forças vistas como mais poderosas. É formado, predominantemente, por traços masoquistas que são os impulsos pelos quais o ego individual enfraquecido busca fortalecer-se por meio de sua submissão à algo maior, seja uma pessoa, instituição ou ideologia. Para Fromm, a formação do caráter autoritário está vinculada a impossibilidade do desenvolvimento produtivo da personalidade e, portanto, se formam como reações aos sentimentos de inferioridade, insegurança e insignificância individual e econômica.

¹¹⁷ Rouanet, S. P. *Teoria Crítica e Psicanálise*. Tempo Brasileiro. Rio de Janeiro. 2001, p. 86.

Capítulo 3

A abordagem sociopsicológica de Erich Fromm

3.2: O caráter no capitalismo.

Para a compreensão do caráter dos indivíduos na modernidade e contemporaneidade em sua relação com as estruturas sociais é necessário o reconhecimento de que as condições presentes só podem ser plenamente compreendidas à luz de suas origens e desenvolvimento. Assim, nesse capítulo nos dedicamos a compreender as origens sociohistóricas das sociedades modernas que foram capazes de influenciar a formação do caráter dos indivíduos que nela se formaram.

Com seu conceito de caráter social, Fromm identifica a estrutura de caráter que é comum à maioria dos membros de um grupo, a qual os orienta a identificar-se com aquilo que determinada sociedade precisa para sua manutenção.

Erich Fromm analisa as modificações nas estruturas econômicas e no caráter social a partir de alguns elementos específicos do desenvolvimento do modo capitalista de produção do século XVII em diante, de uma sociedade aquisitiva numa era industrial. Fromm encontra no capitalismo, quatro elementos comuns e duradouros:

- 1) a existência de homens política e juridicamente livres; 2) o fato de os homens livres (operários e empregados em geral) venderem o seu trabalho ao proprietário de capital no mercado de trabalho, mediante um contrato; 3) a existência do mercado de bens como mecanismo determinante dos preços e regulador da alteração na produção social; e 4) o princípio de que cada indivíduo atua com o objetivo de conseguir uma utilidade para si mesmo, supondo-se, contudo, que, por causa da ação competitiva de muitos, resulte a maior vantagem possível para todos.¹¹⁸

Podemos dizer que essas quatro características comuns do capitalismo estão em acordo com determinados modos de produção e de relações sociais vinculados as tarefas necessárias à sobrevivência humana. Contudo, as estruturas socioeconômicas desenvolvidas

¹¹⁸ Fromm, E. *Psicanálise da sociedade Contemporânea*. Trad. L. A. Bahia e Giasone Rebuá. Zahar. Rio de Janeiro. 1963, p. 91. (81)

pela humanidade para satisfazer essas necessidades tem, por sua vez, efeito sobre o homem; constituindo com isso, uma dimensão determinante da interconexão entre a organização social e o homem.

A deterioração das estruturas socioeconômicas feudais a partir do século XIV começou em razão de fatores como a ascensão da burguesia nas cidades medievais, que passaram a ter uma intensa movimentação comercial nesse período; a crise no campo, as revoltas camponesas, a peste negra, entre outros. Essa crise forçou tanto os senhores feudais quanto os burgueses que estavam em ascensão a mudarem as estratégias de desenvolvimento de suas estruturas econômicas. Tornando possíveis, primeiro, a revolução Inglesa, ocorrida no século XVII, e mais tarde no fim do século XVIII, a revolução francesa, ambas consideradas revoluções burguesas, que contribuíram fortemente com as condições de estabelecimento do modo de produção capitalista; assim como mudanças no âmbito religioso também repercutiram nas condutas econômicas nesse período dando novos significados às atividades seculares.

Conforme assinala Fromm, as estruturas socioeconômicas dos séculos XVII e XVIII tem duas características distintas. Os instrumentos e as técnicas eram rudimentares, e algumas ideias éticas do período medieval ainda continham certas práticas econômicas, mantendo a ética competitiva dentro de determinados limites. Como afirma Erich Fromm:

As suposições básicas da vida econômica eram duas: Que os interesses econômicos se subordinam à finalidade real da vida, que é a salvação, e que a conduta econômica é apenas um aspecto da conduta pessoal, ao qual se aplicam, como às outras partes desta, as regras da moralidade.¹¹⁹

Entretanto, a transformação da sociedade medieval para a moderna não ocorre de modo imediato. No período dessa transformação, Fromm ¹²⁰salienta o contraste entre uma ordem que era concebida como uma organização natural, que dava ao homem uma sensação de segurança e pertencimento, e o início de um crescimento do individualismo e da autonomia como consequência das mudanças nas práticas econômicas. Nesse período de transição, o capital, a iniciativa econômica individual e a competição aumentaram de importância, formando uma nova classe que repercutia essas mudanças nas diversas atividades humanas. A ideia de eficiência e de trabalho foi ganhando o papel de uma

¹¹⁹ Fromm, E. *O Medo À Liberdade*. Trad. Octávio Alves Velho. Zahar. Rio de Janeiro. 1974, p. 52. (53).

¹²⁰ Ibid. Cap. 3.

elevada virtude moral, consolidando e racionalizando a importância do capital e do mercado como desenvolvedores da economia e fonte de riquezas. Assim, as relações dos homens com seu trabalho sofreram alterações e ganharam novas significações; como explica o sociólogo Anthony Giddens:

O conceito de vocação, diz-nos Weber, só surgiu na época da Reforma. Não existe nem no catolicismo nem na antiguidade, onde a palavra nem sequer é conhecida. O significado da noção de vocação e o modo como é utilizada na religião protestante visa integrar os negócios profanos da vida quotidiana numa influência religiosa, que domina assim todos os aspectos da vida humana. A vocação do indivíduo consiste em cumprir o seu dever para com Deus numa vida quotidiana regida pela moral. O protestantismo substitui assim, ao ideal católico do isolamento monástico e consequente rejeição da vida temporal, o interesse pelos assuntos mundanos.¹²¹

As seguintes passagens do livro de Max Weber publicado em 1905, “*A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*”, onde o autor coloca a importância dos aspectos religiosos na gênese da cultura capitalista nos ajudam a clarear o sentido das mudanças pelas quais os homens e as sociedades passaram com o desenvolvimento do capitalismo:

O ser humano em função do ganho como finalidade da vida, não mais o ganho em função do ser humano como meio destinado a satisfazer suas necessidades materiais. Essa inversão da ordem, por assim, “natural” das coisas, totalmente sem sentido para a sensibilidade ingênua, é tão manifestamente e sem reservas um *Leitmotiv* do capitalismo. De fato: essa ideia singular, hoje tão comum e corrente e na verdade tão pouco auto evidente, da *profissão como dever*, de uma obrigação que o indivíduo deve sentir, e sente, com respeito ao conteúdo de sua atividade “profissional”, seja ela qual for, pouco importa se isso aparece à percepção espontânea como pura valorização de uma força de trabalho ou então de propriedades e bens (de um capital) – é essa ideia que é característica da “ética social” da cultura capitalista e em certo sentido tem para ela uma significação constitutiva.¹²²

¹²¹ Giddens, A. *Capitalismo E Moderna Teoria Social*. Trad. Maria C. Cary. Presença. Lisboa. 2005, P. 184.

¹²² Weber, M. *A Ética Protestante E O Espírito Do Capitalismo*. Trad. José M. M. de Macedo. Companhia das Letras. São Paulo. 2004, p. 46-47.

Nesse sentido, os traços de caráter dominantes tornam-se forças produtivas influentes no processo social. Ou seja, para Fromm, as transformações na ordem social, por exemplo, o colapso da ordem medieval para a ordem moderna capitalista é seguido de reação psicológica, principalmente, daqueles indivíduos ou classes cujos traços de caráter perderam os objetos de satisfação à suas necessidades de relacionamento e trabalho e, assim, a reação desses indivíduos motivou a formação de novas ideologias que, por sua vez, intentam mudar as condições econômicas, políticas e sociais.

A seguinte passagem de *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo* explicita como são conflituosas as mudanças sociais que colocam em interação os traços de caráter já estabelecidos, e as novas condições econômicas.

Para essa concepção do trabalho como fim em si mesmo, como “vocação numa profissão”, o solo aqui é dos mais férteis, e das mais amplas as oportunidades de superar a rotina tradicionalista *em consequência* da educação religiosa. [...] Para saber quais as forças motrizes da expansão do capitalismo moderno não se precisa pôr em primeiro lugar a questão da origem das reservas monetárias valorizáveis como capital, e sim antes de mais nada a questão do desenvolvimento do espírito capitalista. Por toda parte onde emerge e se efetiva, ele cria para si as provisões monetárias como meios de sua efetivação, não o contrário. Mas sua entrada em cena em geral não foi pacífica. Uma onda de desconfiança, de ódio por vezes, sobretudo de indignação moral, levanta-se repetidamente contra o primeiro inovador [...]. E da mesma forma não foram geralmente especuladores temerários e sem escrúpulos, aventureiros econômicos, desses que se encontram em todas as épocas da economia, nem simplesmente “ricos”, os agentes que deram essa guinada aparentemente discreta e, no entanto decisiva para que na vida econômica se impusesse esse novo espírito, mas sim homens criados na dura escola da vida, a um só tempo audazes e ponderados, mas sobretudo *sóbrios e constantes*, sagazes e inteiramente devotados à causa, homens com visões e princípios rigorosamente burgueses. [...] No presente, com as instituições políticas, jurídicas e comerciais, com as formas de gestão empresarial e a estrutura que é própria da nossa economia, esse “espírito” do capitalismo poderia ser entendido como puro produto de adaptação, conforma já se disse. A ordem econômica capitalista precisa dessa entrega de si à “vocação” de ganhar de

dinheiro: ela é um modo de se comportar com os bens exteriores que é tão adequada àquela estrutura, que está ligada tão de perto às condições de vitória na luta econômica pela existência, que de fato hoje não há mais que se falar de uma conexão necessária entre essa conduta de vida “crematista” e alguma “visão de mundo” unitária. É que ela não precisa mais se apoiar no aval de qualquer força religiosa e, se é que a influência das normas eclesásticas na vida econômica ainda se faz sentir, ela é sentida como obstáculo análogo à regulamentação da economia pelo estado. A situação de interesses políticos-comerciais e político-sociais costuma então determinar a “visão de mundo”. Aquele que em sua conduta de vida não se adapta às condições do sucesso capitalista, ou afunda ou não sobe.¹²³

Dessa maneira, fatores como eficiência, competição, iniciativa individualista, constituição de organizações monopolistas, aumento do comércio e de trocas no mercado foram compondo a crescente cultura capitalista. Assim, uma importante relação do ponto de vista da formação do caráter social com consequências até a contemporaneidade é aquilo que Max Weber denominou como afinidade eletiva, a qual busca conceituar a natureza da relação entre os âmbitos ético-religioso e econômico, ambos em transformação naquela fase do capitalismo. Este conceito de Weber parece corroborar e complementar a visão frommiana a respeito da interação dinâmica entre fatores econômicos e psicológicos ou “espirituais”. Como coloca Michael Löwy em seu artigo sobre o conceito de afinidade eletiva em Weber:

Não se trata, aos olhos de Weber, de uma relação causal. Se, em uma ou outra passagem de *A ética protestante*, Weber parece, por vezes, privilegiar o eficiente papel desempenhado pelas causas econômicas ou, em outras ocasiões, privilegiar as motivações religiosas, a principal orientação metodológica do livro não é afirmar nem a prioridade do fator econômico (“material”), tampouco a do religioso (“espiritual”), mas antes e acima de tudo, sua congruência e atração recíproca. O conceito de afinidade eletiva permite que Weber evite explicações estritamente “materialistas” ou “espiritualistas” que não lhe parecem capazes de dar conta da complexidade histórica das relações entre os comportamentos religiosos e os econômicos. [...] Afinidade eletiva é o processo pelo qual

¹²³ Weber, M. *A Ética Protestante E O Espírito Do Capitalismo*. Trad. José M. M. de Macedo. Companhia das Letras. São Paulo. 2004, p. 61-64.

duas formas culturais - religiosas, intelectuais, políticas ou econômicas – entram, a partir de determinadas analogias significativas, parentescos íntimos ou afinidades de sentidos, em uma relação de atração e influências recíprocas, escolha mútua, convergência ativa e reforço mútuo.¹²⁴

Assim, a partir dessa perspectiva da relação entre os diferentes âmbitos de um mesmo complexo social e cultural, como uma forma de uma relação ativa e de adaptação dinâmica, tanto a interpretação de Weber como a de Fromm a respeito da natureza dessa relação parecem interpretações pluralistas, sem determinismos unilaterais, e que conceituam um momento fundamental para a compreensão de fenômenos sociais envolvendo a estrutura de caráter do homem moderno e contemporâneo.

No ângulo sociopsicológico da abordagem de Fromm, ele procura evidenciar que a dissolução da sociedade medieval ameaçou a classe média, e que esta ameaça teve um aspecto psicológico que motivou o fascínio pelas doutrinas da reforma e, por conseguinte, no desenvolvimento econômico do capitalismo na modernidade, através de uma nova práxis de trabalho:

O sistema medieval foi destruído e, com ele, a estabilidade e a relativa segurança que oferecia ao indivíduo. Agora, com o início do capitalismo, todas as classes da sociedade puseram a mexer-se. Deixou de haver um lugar fixo na ordem econômica, que podia ser considerada natural, inquestionável. O indivíduo foi deixado só; tudo dependia de seu próprio esforço, não da segurança de seu “status” tradicional.¹²⁵

Portanto, segundo Fromm foram essas novas circunstâncias econômicas que os homens passaram a enfrentar após o fim das estruturas medievais de organização social, que despertaram as reações psicológicas e ético-religiosas em partes da população. O desenvolvimento do capitalismo e a crescente liberdade individual que foi sendo conquistada acarretou, ao mesmo tempo, o isolamento, a impotência e a insegurança para muitos indivíduos. Influenciados por isso, no período da reforma, as doutrinas de Lutero e de Calvino manifestaram os sentimentos de uma classe que se sentia ameaçada e explorada pelas novas forças econômicas, como explica Fromm:

¹²⁴ Löwy, Michael. *Sobre o conceito de “afinidade eletiva” em Max Weber*. Trad. de Lucas A. Oliveira e Mariana T. Ferreira. PLURAL, Revista do Programa de Pós- Graduação em Sociologia da USP, São Paulo, v.17.2, 2011, pp.129-142. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/plural/article/view/74543> Consultado em 26/08/2014.

¹²⁵ Fromm, E. *O Medo À Liberdade*. Trad. Octávio Alves Velho. Zahar. Rio de Janeiro. 1974, p. 56. (59)

O protestantismo foi a resposta às necessidades humanas do indivíduo assustado, desarraigado e isolado que tinha de orientar-se e relacionar-se com um novo mundo. A nova estrutura do caráter, oriunda de mudanças econômicas e sociais, e intensificada por doutrinas religiosas, tornou-se, por sua vez, fator valioso na criação da ulterior evolução econômica e social. Aquelas mesmas qualidades que estavam implantadas nesta estrutura do caráter – compulsão para o trabalho, paixão pela poupança, disposição para tornar-se um instrumento para a consecução de objetivos de um poder extra pessoal, ascetismo e um sentimento compulsivo do dever – eram traços de caráter que se transformaram em forças produtivas na sociedade capitalista e sem os quais nem se pode imaginar o moderno progresso econômico e social; elas eram as formas específicas em que foi moldada a energia humana e que se tornaram uma das forças produtivas dentro do processo social. ¹²⁶

Também nos ajuda a clarear esse momento, as palavras do sociólogo Richard Sennett em seu livro sobre as consequências pessoais do trabalho no capitalismo, *A Corrosão do Caráter*:

O protestantismo do século dezessete buscava apresentar prova de seu valor à vista de Deus disciplinando-se, mas, ao contrário do penitente católico num mosteiro, mostrava que era digno com o seu trabalho, negando-se o presente, acumulando pequenos sinais de virtude pelo sacrifício diário. Essa autonegação tornou-se o “ascetismo leigo” da prática capitalista do século dezoito, com sua ênfase mais em poupar que em gastar, sua “rotinização” da atividade do dia a dia, seu medo do prazer. [...] O catolicismo, antes do advento do protestantismo, buscara tranquilizar a maculada humanidade, embora aconselhando a rendição às instituições da igreja, seus rituais e os poderes mágicos de seus sacerdotes. O protestantismo buscou um remédio mais individual para a dúvida do eu. [...] Na opinião de Weber, a maior disposição de poupar do que de gastar passou do protestantismo para o capitalismo como um ato de autodisciplina e autonegação. Essa mesma passagem deu origem a um novo tipo de caráter. É o homem motivado, decidido a provar seu valor moral pelo trabalho. [...] O homem motivado não se encaixa mais nas velhas imagens católicas dos vícios da riqueza, como a gula ou a luxúria; é

¹²⁶ Fromm, E. *O Medo À Liberdade*. Trad. Octávio Alves Velho. Zahar. Rio de Janeiro. 1974, p. 89. (102)

intensamente competitivo, mas não pode gozar do que ganha. A história de sua vida torna-se uma interminável busca de reconhecimento dos outros e de autoestima. Contudo, mesmo que os outros o elogiassem por seu ascetismo leigo, ele temeria aceitar esse elogio, pois isso significaria aceitar-se a si mesmo. Tudo no presente é tratado como instrumento para um destino final; nada no momento importa por si mesmo. Foi isso que se tornou na sociedade secular da teologia do indivíduo.¹²⁷

Desse modo, as reformas de Calvino e de Lutero cumpriram um importante papel em contribuir para adaptação do homem moderno às novas circunstâncias socioeconômicas. O indivíduo tornou-se mais responsável pelo seu próprio tempo vivido, e menos pertencente a uma ordem social rígida e sua ética implícita. Segundo Fromm, as reformas nos dogmas da igreja tradicional davam expressão ao sentimento de angústia e impotência e, também, ao desejo de liberdade e independência que, principalmente, a classe média urbana com os desfavorecidos da cidade e do campo sofreram com as mudanças nas estruturas sociais.

Um ponto capital dos ensinamentos de Lutero foi a ênfase que pôs na maldade humana, na inutilidade de sua vontade e de seus esforços. Calvino deu o mesmo destaque à iniquidade humana e colocou no centro de seu sistema a ideia de que o homem deve abater ao máximo sua altivez e, outrossim, que a finalidade da vida do homem é exclusivamente a glória de Deus e nunca a sua. Assim, Lutero e Calvino preparam o homem psicologicamente para o papel que tinha de assumir na sociedade moderna: o de sentir seu próprio eu como algo exclusivamente a fins que não os seus próprios. Uma vez pronto o homem para tornar-se apenas um meio para a glória de um Deus que não simbolizava justiça nem amor, estava suficientemente preparado para aceitar o papel de um servo da máquina econômica e, eventualmente, de um Führer.¹²⁸

Já no século XIX, o sistema capitalista triunfa ainda mais, aumentando a exploração dos trabalhadores e tornando o homem praticamente uma mercadoria. A ética da competitividade e da concorrência substituiu todas as outras excluindo a solidariedade e a reciprocidade humanas; as leis do mercado ganharam autonomia e começaram a determinar os preços; o principal objetivo da produção passava a ser o máximo de lucro, e não o uso. O mercado moderno como mecanismo central de distribuição da produção social se tornou a

¹²⁷ Sennett, R. *A Corrosão do Caráter*. Trad. Marcos Santarrita. Record. Rio de Janeiro. 2014, p. 125.

¹²⁸ Fromm, E. *O Medo À Liberdade*. Trad. Octávio Alves Velho. Zahar. Rio de Janeiro. 1974, p. 96. (111)

base das relações humanas da sociedade capitalista e, por conseguinte, tornando-se no principal orientador do comportamento humano. Como afirma Karl Polanyi:

Todos os tipos de sociedades são limitados por fatores econômicos. Somente a civilização do século XIX foi econômica em um sentido diferente e distinto, pois ela escolheu basear-se num motivo muito raramente reconhecido como válido na história das sociedades humanas e, certamente, nunca antes elevado ao nível de uma justificativa de ação e comportamento na vida cotidiana, a saber, o lucro. O sistema de mercado autorregulável derivou unicamente desse princípio. O mecanismo posto em movimento com a motivação do lucro foi comparável, em eficiência, apenas à mais violenta irrupção de fervor religioso na história. No prazo de uma geração, toda a humanidade estava sujeita à sua influência integral.¹²⁹

Portanto, o lucro se torna um mecanismo norteador, que confere finalidade às práticas sociais, instrumentalizando e organizando relações humanas, trabalho e instituições para a finalidade de lucrar. Na seguinte passagem, Karl Polanyi salienta o papel de autoridade orientadora do mercado sob a vida econômica, a partir do período em que a sociedade se transformou rapidamente influenciada pela revolução industrial:

A transformação implica uma mudança na motivação da ação por parte dos membros da sociedade: a motivação do lucro passa a substituir a motivação da subsistência. Todas as transações se transformam em transações monetárias e estas, por sua vez, exigem que seja introduzido um meio de intercâmbio em cada articulação da vida industrial. Todas as vendas devem derivar da venda de alguma coisa e, qualquer que seja a verdadeira fonte de renda de uma pessoa, ela deve ser vista como resultado de uma venda. É isto o que significa o simples termo “sistema de mercado” pelo qual designamos o padrão institucional descrito. Mas a peculiaridade mais surpreendente do sistema repousa no fato de que, uma vez estabelecido, tem que se lhe permitir funcionar sem qualquer interferência externa. Os lucros não são mais garantidos e o mercado tem

¹²⁹ Polanyi, K. *A Grande Transformação. As origens de nossa época*. Trad. Fanny Wrobel. Elsevier, Rio de Janeiro. 2012, p. 31.

que auferir seus lucros no mercado. Os preços devem ter a liberdade de se autorregularem.¹³⁰

Para Fromm, seguindo as análises de seu último livro publicado da trilogia consultada, *Psicanálise da Sociedade Contemporânea*, essa centralização da economia no mercado trouxe implicações institucionais que foram fortalecidas ainda mais com a revolução industrial e tecnológica, multiplicando a produção e o consumo. Conferindo um novo caráter social que, por sua vez conduziu a novas formações caracterológicas nos indivíduos a partir do século XIX até os nossos dias. De uma orientação essencialmente competitiva, acumulativa, exploradora, autoritária, agressiva e individualista; o caráter social passou, no século XX, para uma orientação essencialmente mercantil, a qual será objeto de investigação da nossa próxima seção.

Portanto, Fromm salienta dois aspectos importantes que possuem papel fundamental na formação do caráter contemporâneo, a saber, o aspecto religioso contribuindo para a submissão dos homens à autoridade secular, ao atribuir independência de âmbitos religiosos, ao mesmo tempo, em que aumentou essa independência acompanhada de isolamento e impotência, e preparando-os para aceitar um papel em que sua vida se convertia em meios para fins alheios a ele; e o aspecto propriamente norteador da economia e dos modos de vida relacionados à função regulatória e centralizadora do mercado. Assim, agir de acordo com os traços de caráter que se formavam tornou-se conveniente do ponto de vista das necessidades econômicas e, também, psicologicamente satisfatório, pois, as ações requeridas pelo novo processo social, ao determinar o modo de vida do indivíduo, ou seja, sua relação com os outros e com o trabalho, molda a estrutura de seu caráter e conferi novas orientações para a energia humana, as quais se tornam forças influentes no processo social e no novo desenvolvimento econômico.

Para concluir esse seção, as transformações éticas e econômicas ocorridas a partir do fim das sociedades medievais e início das sociedades capitalistas modernas. Nessa seção foi ressaltada a influência de fatores sociológicos capazes de moldar a formação do caráter dos indivíduos, como as doutrinas da reforma que deram novo significado ao trabalho, e do desenvolvimento econômico ter se tornado o principal objetivo de todos os âmbitos do processo social.

¹³⁰ Polanyi, K. *A Grande Transformação. As origens de nossa época*. Trad. Fanny Wrobel. Elsevier, Rio de Janeiro. 2012, p.44.

Capítulo 3

A abordagem sociopsicológica de Erich Fromm

3.3: O caráter e o mercado.

Não há novidades em dizer que estamos profundamente alienados ao modo capitalista e consumista. A heurística da realidade social, fundada na abordagem sóciopsicológica de Fromm a partir do papel do caráter individual e social como procuramos expor, parecem mostrar que as possibilidades de mudanças são mínimas. A questão talvez não seja, então, de enquanto sociedade, deixarmos de ser capitalista, mas se é possível outra forma de capitalismo, algo mais humanista, que nos torne mais lúcidos, mais responsáveis e produtivos no sentido do desenvolvimento humano defendido pelo humanismo, que nos proporcione mais segurança e sustentabilidade econômica e psicológica e quem sabe, mais feliz? Enquanto pesquisador Fromm estudou e analisou a dinâmica das forças econômicas, políticas e psicológicas em jogo na sociedade, sempre com preocupação especial às influências dessas forças sob o indivíduo. Sua obra vai se apresentando como profundamente humanista, uma vez que pressupõe a ideia de uma natureza humana com necessidades básicas psíquicas, de aceitação, identidade e orientação, enraizadas na nossa própria existência. Essas necessidades, infelizmente, sofreram gravíssimas influências e corrupções de valores e condicionamentos, ao ponto de transformarem a maioria de nós em seres mecanizados e inconscientes do próprio comportamento patológico.

A estrutura capitalista dos processos de reprodução social tomaram amplitudes que dificultam a experiência humana produtiva, enquanto baseada nos preceitos da ética humanista frommiana. Esses processos distorcem ou alienam os modos de relacionamento adequado com as coisas, com a natureza e com os outros seres humanos. Assim, enquanto sociedade trabalha-se com muitas coisas que precisam ser controladas, calculadas e administradas de forma a garantir o funcionamento de todas. Este trabalho evidencia uma das características fundamentais da produção capitalista: o aumento da “quantificação” e da “abstratificação”, como veremos nessa seção.

Para Fromm, a necessidade de sobrevivência e continuidade do sistema capitalista exige uma classe de homens moldados que sintam necessidade de consumir cada vez mais, que sejam influenciáveis e facilmente previstos, com gostos estéticos definidos e padronizados; e entre outras características, que se sintam livres e independentes também.¹³¹ Para tanto, o próprio sistema forma um específico caráter social que busca canalizar a energia do homem às formas de trabalho e comportamento que vão suprir as necessidades desse sistema. Essas características estão intrínsecas no caráter social da atualidade e orientam a maioria de todos nós na busca de atender e substituir nossas necessidades básicas humanas de aceitação e orientação pelo desempenho em nossas relações sociais e pessoais, criando assim identidades ilusórias sobre nós mesmos.

Tal como observa Richard Sennett:

A moderna ética do trabalho concentra-se no trabalho de equipe. Celebra a sensibilidade aos outros; exige “aptidões delicadas”, como ser bom ouvinte e cooperativo; acima de tudo, o trabalho em equipe enfatiza a adaptabilidade às circunstâncias. O trabalho de equipe é a ética de trabalho que serve a uma economia política flexível. Apesar de todo o arquejar psicológico da administração moderna sobre o trabalho de equipe no escritório e na fábrica, é o ethos de trabalho que permanece na superfície da experiência. O trabalho de equipe é a prática de grupo da superficialidade degradante.¹³²

As transformações econômicas que a sociedade passou no período capitalista são a base e a condição de formação do caráter, denominado por Fromm de caráter mercantil, que vamos investigar no presente capítulo. Este nos parece um importante diagnóstico de uma orientação de caráter muito abrangente contemporaneamente. Este tipo de caráter, segundo Fromm, é conseqüente da configuração socioeconômica das sociedades onde há o predomínio da economia de mercado. Através dessa configuração, ou forma de organização social, em que o mercado tem função econômica fundamental para a manutenção e sobrevivência da própria sociedade. Nelas se estabelece o caráter social que estimula nos indivíduos comportamentos e atitudes semelhantes aos de uma mercadoria que possui seu

¹³¹ Fromm, E. *Psicanálise da Sociedade Contemporânea*. Trad. L. A. Bahia e Giasone Rebuá. Zahar. Rio de Janeiro. 1963. Cap. V. “O caráter social”.

¹³² Sennett, R. *A Corrosão do Caráter*. Trad. Marcos Santarrita. Record. Rio de Janeiro. 2014, p. 118.

valor determinado pelo mercado; importando, muito mais o valor de troca do que o de uso, onde o querer trocar tornar-se uma aspiração passional básica.¹³³

Fromm inicia sua análise sobre o desenvolvimento do caráter mercantil apresentando um processo inerente e intensificado pelo capitalismo, que é o processo de abstratificação.

Esse processo é explícito na função alienadora realizada pelo dinheiro no processo de aquisição e consumo, tal como Marx descreveu nos *Manuscritos Econômicos-Filosóficos de 1844*. O dinheiro se torna o elemento geral de equivalência entre coisas e atividades humanas qualitativamente diferentes, abstraindo as características concretas e substantivas que as distinguem umas das outras.

Segundo Fromm afirma que:

A coesa estrutura das relações econômicas é regulada pelo dinheiro, expressão abstrata do trabalho, isto é, recebemos quantidades diferentes de uma mesma coisa em troca de qualidades diferentes de trabalho; e damos dinheiro pelo que recebemos, trocando novamente quantidades diferentes por qualidades diferentes. Praticamente ninguém poderia sequer viver uns dias sem receber e gastar dinheiro, que representa a qualidade abstrata do trabalho concreto.¹³⁴

Assim como explica a teórica crítica Seyla Benhabib:

Em uma economia capitalista é a magnitude do tempo de trabalho socialmente necessário que serve como medida de valor. Força de trabalho humana é comprada e vendida no mercado como uma certa quantidade de tempo de trabalho, enquanto commodities são vistas como formas congeladas de tempo de trabalho. [...] A commodity é a “célula” das relações sociais capitalistas: ela revela uma estrutura que é reproduzida em todas as esferas da vida, desde a organização do local de trabalho às leis da administração burocrática, e mesmo aos produtos culturais. O segredo da forma de commodity é o estabelecimento da equivalência abstrata: não somente podem todas as espécies de mercadorias serem igualadas e trocadas umas com as outras em virtude de serem commodities, mas

¹³³ Fromm, E. *Psicanálise da sociedade Contemporânea*. Trad. L. A. Bahia e Giasone Rebuá. Zahar. Rio de Janeiro. 1963. Cap. V: A estrutura do capitalismo e o caráter do homem.

¹³⁴ Fromm, E. *Psicanálise da sociedade Contemporânea*. Trad. L. A. Bahia e Giasone Rebuá. Zahar. Rio de Janeiro. 1963, p. 117. (116)

atividades humanas e relações se tornam também commodities, isto é, reduzidas à equivalência abstrata.¹³⁵

Esse processo de abstratificação que constitui as commodities resulta, com a sua burocratização, além da desumanização e instrumentalização das relações de trabalho, em uma impessoalidade e anonimato da autoridade do mercado; o que dificulta ainda mais a intervenção ou a regulamentação das atividades econômicas, como era relativamente possível nas formas pré-capitalistas de economia. Pois, para a contemporaneidade afirma Fromm:

“O que adquire importância cada vez maior na economia contemporânea é o grande negócio, a grande companhia. Enfim é a grande corporação – a forma específica em que se organizam os grandes negócios em uma economia de livre empreendimento –, que surgiu como instituição sócio-econômica representativa e determinante, a que marca o ritmo e determina a conduta até do proprietário da tabacaria da esquina, que jamais possuiu uma ação de uma fábrica de cigarros, e de seu moço de recados que nela nunca pôs os pés. E assim o caráter da nossa sociedade é determinado e moldado pela organização estrutural da grande empresa, pela tecnologia da instalação de produção em massa e pelo grau de realização das nossas convicções e promessas sociais nas grandes empresas e pelas grandes empresas.”¹³⁶

Há com isso, segundo Fromm, uma perda de autonomia dos indivíduos sobre suas próprias vidas, intensificada pela ausência do objeto contra o qual se rebelar, ou seja, da autoridade de onde emana o poder. Essas circunstâncias despertam forças emocionais que desenvolvem o comportamento conformista, indiferentista e automatizado. Como coloca Fromm:

“O trabalho se torna cada vez mais rotineiro e irreflexivo à medida que os projetistas e os diretores científicos despojam o trabalhador de seu direito de pensar e mover-se livremente. A vida está sendo negada; a necessidade de controle, a capacidade criadora, a curiosidade e a independência de pensamento estão sendo eliminadas, e o resultado inevitável é a fuga ou a

¹³⁵ Benhabib, S. *CRITIQUE, NORM AND UTOPIA. A Study of the Foundations of Critical Theory*. Columbia University Press. NY. 2012, p. 183. (Tradução nossa).

¹³⁶ Fromm, E. *Psicanálise da Sociedade Contemporânea*. Trad. L. A. Bahia e Giasone Rebuá. Zahar. Rio de Janeiro. 1963, p. 130. (124).

luta por parte do trabalhador, a apatia ou a tendência destrutiva, a regressão psíquica.”¹³⁷

Vê-se na passagem acima como Fromm, constantemente, associa as praticas de vida em determinada sociedade com seus efeitos psicológicos nos indivíduos.

Portanto, se pode reconhecer que os traços e impulsos típicos do caráter mercantil, de troca e venda no mercado tem semelhanças com as características do caráter autoritário. Em ambos os tipos de caráter há “um outro” para o qual se pode submeter-se, uma autoridade que orienta o comportamento individual. Porém, contemporaneamente, este outro não tem sido uma autoridade incorporada em pessoas, principalmente nos pais¹³⁸, mas a autoridade do mercado, anônima e permanentemente variável. Essa forma de autoridade, por ter os aspectos de anonimidade e impessoalidade dificulta a identificação do objeto que é origem da autoridade, aprofundando ainda mais a aparência de que tais formas de vida regidas pelo mercado são uma fatalidade incontornável, restando aos indivíduos desenvolverem os traços de caráter que os adaptem mais facilmente a essas formas. Como explica Rainer Funk:

Com a modificação da autoridade aberta à anônima, ocorrem duas modificações importantes na orientação caracterológica fundamental: (1) Não importa a submissão, que projeta as forças intrínsecas na autoridade admirada, mas a adaptação à demanda do mercado. Essa capacidade da adaptação pressupõe a capacidade de negar e abdicar ao ser-próprio. Somente quem dispor da sua intimidade, mostra a flexibilidade que o mercado exige. (2) Sintomáticos para o caráter autoritário são ao lado da aspiração sadomasoquista a proximidade simbiótica e a durabilidade. A autoridade anônima definida pelo mercado não pode oferecer um compromisso confiável e permanente, mas se caracteriza, pelo contrário, por variabilidade e falta de compromisso.¹³⁹

Dessa maneira, o conformismo se torna uma tendência que passa a ser orientada por diversas instâncias culturais e sociais. “Na realidade, ninguém é autoridade, exceto “Aquilo”. Que é “Aquilo”? – O lucro, as necessidades econômicas, o mercado, a mídia, o

¹³⁷ Fromm, E. *Psicanálise da Sociedade Contemporânea*. Trad. L. A. Bahia e Giasone Rebuá. Zahar. Rio de Janeiro. 1963, p. 128. (122).

¹³⁸ *Ibid.*, p. 153. (148).

¹³⁹ Funk, R. *O Caráter social: “Fazer com prazer o que a sociedade necessita”*. Trad. Ralph R. K. Gniss. In. *Mudar a educação a partir do pensamento de Erich Fromm*. Kelps. Goiânia. 2011, p. 62.

senso comum, a opinião pública, o que a pessoa faz, pensa ou sente.”¹⁴⁰ Formando um caráter social que, permanentemente, influencia para a formação do caráter mercantil.

Nessas mesmas circunstâncias socioeconômicas, nas relações capitalistas baseadas na economia de mercado permeadas pelos processos de abstratificação do dinheiro e das commodities, esse processo se torna socializado institucionalmente. Os meios de produção, os meios de consumo e a força de trabalho tornam-se mercadorias avaliadas pelo seu valor de troca. Isto estabelece uma sociedade competitiva, onde tal competição gerada pelo mercado abrange praticamente todas as esferas da vida e da sociabilidade constitutiva dos indivíduos.¹⁴¹ Como coloca Fromm:

O funcionamento econômico do mercado repousa sobre a competição de muitos indivíduos que querem vender suas mercadorias no mercado correspondente, assim como o seu trabalho ou os seus serviços no mercado de trabalho e de personalidade. Esta necessidade econômica de competição conduziu, especialmente na segunda metade do século XIX, a uma atitude cada vez mais competitiva, caracterologicamente falando. O indivíduo se sentia compelido pelo desejo de ultrapassar o seu competidor, com o que ficou totalmente invertida a atitude característica da época feudal, segundo a qual cada um tinha na ordem social o seu lugar tradicional com o qual devia contentar-se. Produziu-se, em oposição à estabilidade social do regime feudal, uma mobilidade social inaudita, na qual todos lutavam por conquistar os melhores lugares, embora fossem poucos os escolhidos para ocupa-los. Nessa luta pelo sucesso ruíram as regras sociais e morais de solidariedade humana; a importância da vida consistia em ser o primeiro em uma corrida competitiva.¹⁴²

Logo, o caráter social formado nestas ordens sociais tem a competitividade como elemento predominante em seu desenvolvimento. Como vimos em capítulos anteriores, o caráter social se forma em acordo com o modo de vida praticado por determinado grupo social. Sendo assim, com este conceito de caráter social Fromm identificou as tendências psíquicas internalizadas no ser humano, que surgem pelo processo de adaptação e a assimilação às condições socioeconômicas, e que levam os indivíduos a aspirar por aquilo

¹⁴⁰ Fromm, E. *Psicanálise da Sociedade Contemporânea*. Trad. L. A. Bahia e Giasone Rebuá. Zahar. Rio de Janeiro. 1963, p. 153. (148)

¹⁴¹ *Ibid.* Cap. V. “Quantificação e Abstratificação”.

¹⁴² *Ibid.*, p. 95. (86)

que certa economia e sociedade precisam para sua manutenção. Para Fromm, a função regulatória do mercado é suficientemente predominante para atuar na formação do caráter da classe média urbana. A ênfase e a importância muito maior dada ao valor de troca do que ao de uso nessas economias modernas produz uma concepção semelhante de valor aplicável aos próprios indivíduos.

Assim, sendo o valor de troca uma força constituinte do caráter social, que confere ao ser humano e sua força de trabalho à mesma lógica mercantil; tem como consequência, que o indivíduo vê a si próprio como mercadoria, cujo valor mercantil é medido pelo valor de troca, quando a motivação para trocar torna-se inerente ao papel do caráter. Ao mesmo tempo, torna-se desejável que se seja capaz de representar vários papéis de personalidades, e assumir aqueles papéis para os quais há uma demanda no mercado. A vivência do seu valor próprio depende do seu sucesso no mercado, não das suas capacidades pessoais e da sua personalidade individual. Semelhantemente ao processo de abstração das mercadorias em commodities no qual se abstrai as qualidades individuais; aplicado aos seres humanos, esse processo produz, segundo Fromm, a perda do sentido de identidade, resultando por meio disso, nos indivíduos de tais sociedades, em formas patológicas de comportamento ou, como Fromm também denomina, a patologia da normalidade.¹⁴³

O homem de caráter mercantil aparece, portanto, como produto da sociedade mercantil de massa. A perda do sentido de identidade que ocorre a esse tipo de caráter, geralmente desperta as forças emocionais associadas aos sentimentos de incapacidade, insegurança, inferioridade e ansiedade; tal como Fromm expõe na seguinte passagem:

O problema, porém, não é apenas de auto avaliação e de auto-estima, mas igualmente da pessoa sentir-se a si própria como uma entidade independente, de identificar-se consigo mesma. O indivíduo amadurecido e produtivo tira seu sentimento de identidade da sensação que tem de si mesmo como agente que está unido a suas forças; esta sensação do eu pode ser expressa como significando “eu sou o que faço”. Na orientação mercantil, o homem enfrenta suas próprias forças como mercadorias dele alienadas. Não está unificado com elas, pois elas estão dissimuladas para ele, porque o que importa não é sua realização pessoal ao empregá-las, e sim seu sucesso em vendê-las. Tanto suas forças quanto o que elas criam

¹⁴³ Fromm, E. *Psicanálise da Sociedade Contemporânea*. Trad. L. A. Bahia e Giasone Rebuá. Zahar. Rio de Janeiro. 1963. Cap. V. “Autoridade anônima - conformidade”.

se afastam, torna-se algo diferente de si, algo para os outros julgarem e usarem; assim sua sensação de identidade torna-se tão frágil quanto sua auto-estima, sendo constituída do total de papéis que ele pode desempenhar.¹⁴⁴

Na perspectiva de Fromm, o homem não se sente a si mesmo como portador de seus poderes e riquezas, mas como uma “coisa” empobrecida que depende de poderes econômicos exteriores a ele e nos quais projetou sua substância vital. O valor da existência humana fica em grande parte determinado pelos papéis socioeconômicos que desempenhamos na sociedade. As coisas adquirem valores e significados que induzem a uma conformidade e subordinação ao senso comum.

Desse modo, tendo o mercado se tornado uma espécie de autoridade anônima e, sendo o principal responsável por toda a sustentação e desenvolvimento da produção e da sociedade; logo, surge a necessidade nos indivíduos de se conformarem e se adaptarem às exigências dessa autoridade. Como vimos, segundo Fromm, isso é decorrente de uma mudança fundamental na cultura e na forma de relacionamento com a autoridade que vem ocorrendo no século XX; de uma autoridade manifesta e claramente identificável representada, principalmente, pelos pais, para uma autoridade anônima e impessoal representada pela sociedade. Para Fromm:

O padrão ou modelo de conformidade produz uma moral nova, um tipo novo de superego. Porém a moral nova não é a consciência da tradição humanista, nem o novo superego se forma à imagem de um pai autoritário. A virtude está em adaptar-se e ser como os demais.¹⁴⁵

Logo, os caracteres formados sob a influência de fatores socioeconômicos nesses tipos de sociedades que tem o mercado como centro do funcionamento econômico orientam as pessoas a se comportarem de maneira essencialmente conformistas. Este diagnóstico que Fromm elabora a respeito da orientação mercantil de caráter, se torna fonte de um pessimismo em relação a transformação dessa estruturação social. Pois, a orientação mercantil é constantemente reproduzida pelo caráter social estabelecido, criando uma espécie de círculo vicioso no qual as demandas exigidas pela sociedade produzem a ideologia e a burocracia que induzem e mantêm o comportamento mercantil. Para Fromm,

¹⁴⁴ Fromm, E. *Análise Do Homem*. Trad. Octávio Alves Velho. Zahar. Rio de Janeiro. 1983, p.69. (53)

¹⁴⁵ Fromm, E. *Psicanálise da Sociedade Contemporânea*. Trad. L. A. Bahia e Giasone Rebuá. Zahar. Rio de Janeiro. 1963, p. 158. (153)

essa situação social alienante que promove o caráter mercantil intensifica o mal-estar nos indivíduos podendo chegar ao ponto de despertar as forças destrutivas tanto no indivíduo quanto em massas, ou grupos de uma sociedade.

Pois, visto que o caráter é formado pelo modo de relacionamento total estabelecido em uma dada sociedade, isto é, por meio das maneiras oferecidas ao indivíduo para que ele supra suas necessidades, socializando-se e adquirindo coisas. Essas maneiras de satisfação estabelecidas, que são sempre socialmente mediadas, são incutidas nos indivíduos durante seu crescimento e se tornam traços de caráter, quer dizer, formas específicas relativamente fixas e duradouras que determinam os modos em que a energia do indivíduo deve ser canalizada em seu comportamento.

Também, como mediação social da formação do caráter atuam o sistema educacional e o contexto familiar, principalmente, o caráter dos pais. Para Fromm essas duas instâncias atuantes são, por sua vez, expressão do caráter social, pois, transmitem ao indivíduo os traços de caráter que são socialmente desejáveis.

Para resumir esta seção podemos dizer que os aspectos e fatores econômicos das sociedades contemporâneas que tem valor caracterológico, que são capazes de formar traços de caráter. O principal fator é o de que o mercado, e o efeito de seu funcionamento tem função determinante sobre a organização social e econômica como um todo. Somado à este fator estão os processos de abstratificação e comoditização, o anonimato e a impessoalidade da autoridade, divisão do trabalho e uma maior estima ao valor de troca do que ao valor de uso. Essas circunstâncias socioeconômicas dão origem ao tipo de caráter denominado de mercantil, cujo comportamento tem as características de ser conformista, indiferentista e automatizado. Essas características, afirma Fromm, tem a tendência a se tornarem traços sadomasoquistas e, conseqüentemente no caráter autoritário; haja vista as reações manifestadas historicamente, segundo a ética humanista as entende.

Com isso, Fromm busca elaborar um diagnóstico da cultura contemporânea e, ao mesmo tempo, deixar um alerta e um apelo humanista

Conclusão

O propósito principal deste trabalho foi refletir alguns pontos sobre a função que o caráter humano desempenha enquanto um momento constituinte do complexo social, a partir da abordagem sociopsicológica de Erich Fromm.

Concluimos que o papel do caráter é, fundamentalmente, contribuir para a manutenção da sociedade, ao formar uma estrutura psicológica que estabiliza e orienta o comportamento dos indivíduos com a finalidade de sobrevivência tanto da sociedade quanto do indivíduo. E também, que o caráter é constituído pelas determinações impostas por duas forças principais; por um lado, as forças sociais: o modo de vida, de trabalho, de produção e reprodução da sociedade, pois, essas determinam as possibilidades humanas para aquisição e socialização; e por outro lado; a própria natureza humana e suas necessidades inerentes que, assim como as forças sociais determinam as possibilidades humanas, também as necessidades inerentes à natureza humana determinam as possibilidades de adaptação às forças e realidades sociais. Desse modo, entendemos que do incessante conflito entre essas duas forças, o sistema homem e o sistema sociedade, sintetizadas e harmonizadas na estrutura do caráter, cada uma com seu dinamismo próprio; é onde se constitui um momento significativo do todo social, portanto, a partir de onde um diagnóstico crítico pode ser elaborado.

O papel do caráter humano é dar estabilidade ao comportamento do indivíduo a partir da sistematização de necessidades oriundas tanto da sociedade quanto da própria natureza humana. Por meio do caráter padrões de comportamento socialmente desejados são estabelecidos e se tornam forças produtivas que contribuem para a manutenção do processo social e da reprodução da cultura dominante. Mas, pelo fato de o caráter também expressar necessidades psicológicas oriundas da própria natureza humana, e na medida em que elas são impedidas de serem satisfeitas; o caráter dá origem, também, ao comportamento transformador do processo social, e não apenas ao de manutenção; bem como ao apoio ou a refutação de determinadas ideologias.

Com o livro *Análise do Homem*, vimos que Fromm, ao definir o conceito de virtude como ponto central da ética humanista estabelece os parâmetros para a construção de sua filosofia social crítica; realizando, então, diagnósticos psicossociais fundamentados neste

parâmetro; ou seja, investiga-se o quanto uma sociedade se mostra interessada em desenvolver o caráter produtivo e virtuoso nos seus indivíduos.

O conceito de virtude frommiano é constituído a partir das acepções éticas principalmente dos pensadores Aristóteles, Espinosa, Marx e Freud; mas, especialmente, do conceito de homem e de trabalho em Marx; as quais postulam o ser humano como ser atuante, que possui de forma primária, inata e intrínseca, o desejo e a tendência para se desenvolver. As acepções desses autores se mostraram onipresentes no pensamento de Fromm como elementos fundamentais na elaboração de seu humanismo normativo e, conseqüentemente, na elaboração de seu diagnóstico psicossocial.

Apesar de Erich Fromm se referir constantemente à natureza do ser humano, entendemos que a questão sobre a natureza humana nunca aparece como se referisse a uma essência humana perfeitamente delimitada e atemporal, mas sobre a condição humana concreta, material e histórica caracterizada por dicotomias existenciais originadas em seu processo de evolução e, ao mesmo tempo, em contradição às organizações socioeconômicas da sociedade; de tal maneira que essas dicotomias e contradições impõem um dinamismo próprio à psicologia humana.

Há, portanto, para Fromm, uma dicotomia existencial inerente à condição humana, e a necessidade de encontrar soluções para essas dicotomias congênicas, tanto da espécie quanto do indivíduo é a causa original das motivações psicológicas do homem. Reagindo àquelas contradições constituintes de sua própria natureza, o desenvolvimento produtivo da vida humana busca uma direção que se desenvolve durante o crescimento da cultura, valendo-se das propriedades imanentes a si mesma: a capacidade de trabalhar numa atividade produtiva reintegrando-se com a natureza; a capacidade de imaginação e razão, de conhecer objetivamente a realidade, a fim de tornar o espaço do mundo significativo e habitável para o homem.

Para Fromm, essa necessidade humana básica de reintegração e unidade encontra, na psique, duas alternativas de solução. Através da primeira, deseja-se poder, inconscientemente, regredir à vida animal instintivamente determinada, pré-humana, anterior à racionalidade; com o propósito de apaziguar a insuportável sensação de isolamento. De que maneira? Abolindo a consciência de si mesmo, de suas qualidades humanas intrínsecas a serem desenvolvidas; fugindo às responsabilidades e esforços do

crescimento e da liberdade. Como revela o título de uma de suas principais obras, é *O Medo à Liberdade*, o sentimento que sua própria condição implica e influencia seu comportamento. Nessa intenção regressiva de abolir os conflitos existenciais, os indivíduos podem criar ideologias, socialmente aceitas, e prazeres simbióticos que recalcam a angústia do sentimento de solidão. Tais ideologias, além de evitarem a percepção racional, também falseiam uma relação harmônica e integradora com o mundo; podendo alcançar amplitude suficiente ao ponto de servirem como argumentação e justificação do comportamento destrutivo, coletivo e individual. Como no caso da violência urbana coletiva, ou no de apoio popular a autoritarismos, quando milhões de pessoas podem compartilhar consensualmente dos mesmos vícios em uma sociedade “neurótica”, igualmente regressiva.

A segunda alternativa de solução às dicotomias da situação humana é denominada por Fromm de progressiva. É a conquista de uma nova união existencial mediante o desenvolvimento progressivo das faculdades humanas em potencial no indivíduo; principalmente da atuação globalizante de sua razão no mundo, ou seja, quando a atuação desta não é distorcida pelo conformismo, pela fragmentação da vida e pelo trabalho compartimentado e alienado. Esta é, segundo Fromm, a direção para solucionar mais satisfatoriamente os problemas humanos, e também uma oferta de emancipação para o projeto político de uma sociedade humanista.

De forma geral, nos pareceu que sua ideia mais fértil foi a de conceber o inconsciente de cada um como sendo marcado fortemente pela condição social em que a vida se desenvolve. Esta ideia concebe ao papel do caráter a função de orientar o comportamento humano, seu modo de pensar, sentir e agir que, por sua vez, é expressão do caráter social da cultura e da sociedade que o concebe. Ele é definido como um conjunto de traços de caráter comuns à maioria dos membros de um grupo ou classe dentro de uma dada sociedade. Formado pelo estilo de existência praticado, isto é, pela adaptação às condições econômicas e culturais comuns àquele grupo. E sua função é a transformar as necessidades sociais em traços de caráter nos indivíduos, de modo que ajam na direção exigida para a perpetuação da sociedade em vigência. Ele também age no sentido de estabelecer um filtro ou inconsciente social que determina quais ideias são permitidas chegar à consciência dos membros de uma dada sociedade.

Função: Transformar as necessidades sociais em traços de caráter nos indivíduos, de modo que ajam na direção exigida para a perpetuação da sociedade em vigência. Ele

também age no sentido de estabelecer um filtro ou inconsciente social que determina quais ideias são permitidas chegar à consciência dos membros de uma dada sociedade.

A ética humanista que permeia a teoria de Fromm reconhece o interesse de favorecer a dignidade, individualidade e integridade do ser humano, e a convicção de que através desses atributos os homens se tornam mais justos e razoáveis uns para com os outros. Isto confere a caracterologia de Fromm uma valoração que toma como medida as leis intrínsecas de uma vida psíquica humana, que busca primordialmente se desdobrar e crescer. Sendo que, de modo contrário, a inibição e a frustração no desenvolvimento das forças intrínsecas provocam o potencial do crescimento pervertido e destrutivo.

Dessa maneira, Fromm tenta contribuir para a tradição humanista da modernidade, ao fundamentar uma filosofia humanista e uma ciência do homem combinando as ciências humanas e sociais, o que também pode ser entendido como tentativa de fundamentar um humanismo radical baseado no exame da condição humana enquanto tal.

Essa perspectivação deve ajudar a clarear os motivos psicológicos que fazem um grupo social aceitar ou não uma determinada ideologia ou doutrina. Pois, vimos que a influência de uma ideologia depende do grau em ela atrai e satisfaz as necessidades psíquicas da estrutura de caráter daqueles a quem ela é dirigida, para que ela tenha efeito e se torne uma força influenciante no processo social.

Em outras palavras, vimos também que o papel do caráter consiste do ponto de vista do indivíduo em dar as diretrizes para as suas ações; e do ponto de vista da sociedade, como um elemento que deve auxiliá-la em sua manutenção. Sendo através de seu conceito de caráter social que Fromm busca mostrar como as forças econômicas, constituídas com as características de uma determinada sociedade vão ser transmitidas das condições econômicas para o caráter dos indivíduos; via educação e caráter dos próprios pais, uma vez que ambos são produtos do caráter social vigente.

Para concluir esta seção, acreditamos no valor heurístico do conceito de caráter social para a compreensão da realidade psicossocial nas condições atuais das sociedades contemporâneas, fundamentado na luta pela sobrevivência material e nos modos de relacionamento com os outros.

Sendo assim, a partir dessas reflexões sobre o papel do caráter, procuramos apresentar as bases teóricas da teoria social de Erich Fromm, que acreditamos fornecer um modelo de abordagem e diagnóstico dos fenômenos sociais, e suas tendências imanentes.

Referências Bibliográficas:

ABROMEIT, John. *Max Horkheimer and the Foundations of the Frankfurt School*. Cambridge. NY. 2011.

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. Trad. Alfredo Bosi. Martins Fontes. São Paulo. 2007.

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. Trad. Edson Bini. Edipro. São Paulo. 2009.

BENHABIB, Seyla. *CRITIQUE, NORM AND UTOPIA. A Study of the Foundations of Critical Theory*. Columbia University Press. NY. 2012.

CHAUI, Marilena. *Espinosa – Uma Filosofia da Liberdade*. Moderna. São Paulo. 1995.

ESPINOSA, Bento. *Ética*. Trad. Antônio Simões. Relógio D'água editores. Lisboa. 1992.

FERREIRA, Aurélio B. de H. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Nova Fronteira. Rio de Janeiro. 2005.

FREUD, Sigmund. *Psicologia De Grupo e a Análise do Ego*. (1921) In: Edição Standard Brasileira Das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. XVIII. Trad. Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

FREUD, Sigmund. *Um Estudo Autobiográfico* (1925 [1924]) In: Edição Standard Brasileira Das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. XX. Trad. Christiano M. Oiticica. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

FREUD, Sigmund. *O Mal-Estar Na Civilização*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo. Penguin Classics. Companhia Das Letras. 2011.

FROMM, Erich. *Análise Do Homem*. Trad. Octávio Alves Velho. Zahar. Rio de Janeiro. 1983

FROMM, Erich. *Man for Himself*. Routledge Classics. New York. 2003.

FROMM, Erich. *O Medo À Liberdade*. Trad. Octávio Alves Velho. Zahar. Rio de Janeiro. 1974.

FROMM, Erich. *Escape From Freedom*. Henry Holt and Company. New York. 1994.

FROMM, Erich. *Psicanálise da sociedade Contemporânea*. Trad. L. A. Bahia e Giasone Rebuá. Zahar. Rio de Janeiro. 1963.

FROMM, Erich. *The Sane Society*. Routledge Classics. London. 2002.

FROMM, Erich. *A descoberta do Inconsciente Social: Contribuição ao redirecionamento da Psicanálise*. Tradução: Lúcia H. S. Barbosa. Manole. São Paulo. 1992

FROMM, Erich. *Ter ou Ser*. Trad. Nathanel C. Caixeiro. Guanabara Koogan. Rio de Janeiro. 1987.

FROMM Erich. MACCOBY Michael. *Caráter Social de Uma Aldeia. Um Estudo Sociopsicanalítico*. Trad. Octavio A. Velho. Zahar. Rio de Janeiro. 1970.

FUNK, Rainer. *Erich Fromm: His Life and Ideas*. New York: Continuum, 2000.

FUNK, Rainer. *O Caráter social: “Fazer com prazer o que a sociedade necessita”*. Trad. Ralph R. K. Gniss. In: Mudar a educação a partir do pensamento de Erich Fromm. Kelps. Goiânia. 2011.

GAILLAT, Roger. *Chaves da Caracterologia*. Trad. Roberto C. de Lacer e Helena da R. C. de Lacerda. Zahar. Rio de Janeiro. 1976.

GAY, Peter. *Freud – Uma Vida Para o Nosso Tempo*. Trad. Denise Bottman. São Paulo. Companhia das Letras. 1989.

GIDDENS, Anthony. *Capitalismo E Moderna Teoria Social*. Trad. Maria C. Cary. Editorial Presença. Lisboa. 2005.

HORKHEIMER, Max. *A Presente Situação da Filosofia Social e as Tarefas de um Instituto de Pesquisas Sociais*. Revista praga, n. 7. São Paulo. Hucitec. 1999.

JAY, Martin. *The Dialectical Imagination. A History of the Frankfurt School and the Institute of Social Research, 1923-1950*. University of California Press. L.A. 1996.

LUKÁCS, Georg. *As Bases Ontológicas do Pensamento e da Atividade do Homem*. In: Temas de Ciências Humanas. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1978.

MARCUSE, Herbert. *Eros E Civilização – Uma Interpretação Filosófica do Pensamento de Freud*. Tradução Álvaro Cabral. Rio de Janeiro. Zahar. 1968.

MARX, Karl. *Manuscrtos Econômico-Filosóficos de 1844*. Trad. Jesus Ranieri. Boitempo. São Paulo. 2010.

MARKUS, Gyorgy. *Teoria do Conhecimento no Jovem Marx*. Trad. Carlos Nelson Coutinho e Reginaldo Di Piero. Paz e Terra. Rio de Janeiro, 1974.

MÉSZÁROS, István. *Marx: A Teoria da Alienação*. Trad. Waltensir Dutra. Zahar. Rio de Janeiro. 1981.

NOBRE, Marcos. *Curso Livre de Teoria Crítica*. Papirus. Campinas, SP. 2009.

MEZAN, Renato. *Freud, Pensador da Cultura*. Brasiliense. São Paulo. 1990.

POLANYI, Karl. *A Grande Transformação. As origens de nossa época*. Trad. Fanny Wrobel. Elsevier, Rio de Janeiro. 2012.

ROUANET, Sérgio. P. *Teoria Crítica e Psicanálise*. Tempo Brasileiro. Rio de Janeiro. 2001.

ROUDINESCO, E. PLONE, M. *Dicionário de Psicanálise*. Trad. Vera Ribeiro. Zahar. Rio de Janeiro. 1998.

SENNETT, Richard. *A Corrosão do Caráter*. Trad. Marcos Santarrita. Record. Rio de Janeiro. 2014.

SCHAAR, John H. *O Mundo de Erich Fromm*. Trad. Waltensir Dutra. Zahar. Rio de Janeiro. 1965.

WEBER, Max. *A Ética Protestante E O Espírito Do Capitalismo*. Trad. José M. M. de Macedo. Companhia das Letras. São Paulo. 2004.